Caio Fernando Abreu

Triângulo das Águas

Noturnos

162 - X

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© 1983 by Caio Fernando Abreu

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22.461 — Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

Revisão
LUÍS AUGUSTO MESQUITA
MARIA DE FÁTIMA BARBOSA
PAULO CORIOLANO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Abreu, Caio Fernando.
A145t Triângulo das águas / Caio Fernando Abreu. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1983.

1. Contos brasileiros I. Título

CDD — 869.9301
83-0507 CDU — 869.0(81)-34

À memória de
Emma Costet de Mascheville (Dona Emy)
que nos iniciou nas estrelas

Para
Jacqueline Cantore (Jackie)
com quem viajei nas estrelas

"At the end we preferred to travel at night,
Sleeping in snatches,
With the voices singing in our ears, saying
That this was all folly."

(T. S. Eliot: *Journey of the Magi*)

"O amor, ah o amor: eu quero porque quero da vida."

(Oswald de Andrade: *A Morta*)

"Somos, todos nós, criaturas das estrelas e das suas forças, elas nos fazem, nós as fazemos, somos parte de uma coreografia da qual, de modo nenhum, nunca, podemos pensar em nos separar."

(Doris Lessing: *Shikasta*)

SUMÁRIO

Dodecaedro 11

O Marinheiro 59

Pela Noite 99

Remissivo, índice 211

Dodecaedro

(Possível coreografia verbal para "Köln Concert", de Keith Jarrett)

Para
José Maria Carvalho
e
Ana Cristina Cesar

"quando soltaram os cachorros loucos
eu estava fazendo chá
de ervas do campo
e de repente o espanto
tremendo a chaleira
e bombeando medo

larguei as ervas e danado
precipitei-me à janela
de onde vi
enormes matilhas
com olhos cheios de negra espuma

a espuma invadia a rua
e abraçava postes, que caíam
cheios de óleo e náusea
engolia as pessoas
que alucinadas
enchiam o ar de berros

depois os cachorros foram embora
eu voltei ao meu chá
e lá fora a solidão
e uma flor quase despercebida"

(Henrique do Valle: *Uma Flor num Buraco de Calçada)*

PRIMEIRO FRAGMENTO
DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

O tom, o problema é o tom. A tua mão está débil. Parece que não ousas. Espera um pouco, certa paciência. Quem sabe se eu explicasse como me veio, ajudaria? Mas ajudaria a quem, a quê? Não me pergunta ainda, só depois talvez quase saberei. É que o tom, eu te falava do tom. Sei, mas lá o tom, maldição, era exatamente esse. Mas assim... diluído? Assim contido? Espera: havia o rio, depois o mato. Foi entre o rio e o mato que me veio. Da casa chegavam uns acordes obsessivos de piano. E da memória, juntos, me brotaram uns versos falando nos cães. Não éramos doze, aquelas pessoas não me interessavam. Eu não as amaria, elas nunca me amariam, a não ser estonteadamente, por levezas, distrações. Eram outras. Era carnaval, pleno carnaval. Eu precisava voltar, elas queriam nascer, eu não as conhecia. Sabia apenas que estavam cercadas, que eram doze, que havia um rio, um mato, um piano tocando sem parar, dentro da casa branca, no início da noite, no fim do verão.

I. RAUL

Alecrim, artemísia, absinto, boldo, manjericão, verbena, camomila: eu estava na cozinha fazendo chá de ervas do campo quando soltaram os cachorros loucos. Gostava de misturá-las assim, as ervas, um pouco ao acaso, deixando a água esquentar enquanto as macerava devagar no pote de cerâmica. Tinha começado a anoitecer, mas ninguém lembrara ainda de acender as luzes. Talvez porque ficasse tudo mais calmo assim, mais bonito, quase perfeito: aquela meia penumbra avermelhada, o som do piano vindo da sala, as vozes caladas, as ervas verdes sobre a madeira da mesa. Agora, horas depois, minhas mãos continuam a guardar o cheiro fresco do capim cidró que Marília colheu pela manhã, tomando cuidado para que a lâmina afiada das folhas não lhe cortasse os dedos. Se ficar bem atento, conseguirei localizar sob as unhas remotos vestígios do perfume da hortelã, do funcho, misturados ao cheiro ardido da arruda no galhinho colocado atrás da orelha para afugentar maus espíritos.

Rindo de exorcismos, galhos, pedras, velas, incensos: os maus espíritos estão soltos, imunes aos axés, e não consigo ficar atento a nada mais além dos passos e dos uivos dos cães rondando a casa. A todo instante lembro de quando ainda estava tudo em aparente paz: as ervas sobre a mesa, a chaleira de ferro no fogo, o bule esmaltado de branco com as doze xícaras de cores diferentes dispostas em volta. Eu acompanhava com a cabeça a música vinda da sala, ao mesmo tempo em que esmagava as ervas para jogá-las dentro do bule. Esperando a água chiar, determinava com cuidado, e para sempre, a cor da xícara de cada um de nós, colocando-as em círculo ao redor do bule. Assim:

Escolhi a vermelha para Arthur, o que dá ordens, prega pregos, corta fios e sem parar faz coisas pela casa. Separei a azul-celeste para Ísis, azul no tom exato de sua voz aguda, quando canta, cristal retinindo na luz. Determinei que a verde mais clara pertenceria a Júlio, que se enreda em palavras, movimentos, e me parece — pelo menos agora, em plena noite — que o movimento tem exatamente essa cor, sobretudo às três horas das tardes de sol quente. Hesitei um pouco até encontrar minha própria cor, mas acabei escolhendo o branco, não só porque assim me visto sempre, mas também porque é meu ofício fazer coisas brancas, preparar os chás, assar os pães, lavar a louça. Para Ricardo, cujos cabelos louros às vezes brilham, ouro, com uma inspiração separei certeiro a amarela. Não tive dúvidas ao destinar a Martha, que tira a poeira da casa e lava o chão, a xícara verde-escura. Para Linda, por sua dança de meneios harmoniosos, mansas curvaturas, separei a cor-de-rosa. Quando pensei nas sobrancelhas cerradas de Marcelo, imediatamente tomei a cor de vinho tinto, paixões, intensidades. Pedro, o que nos faz rir quando não está lendo ou caminhando sozinho pelo mato com seus Oxóssis, ficará com a laranja. Por gostar da terra, por nunca usar cores, Marília ganhou a marrom. Restavam duas: a azul-marinho, cor do céu noturno, seria de Virgínia, para ajudá-la a decifrar as estrelas quando se embaçarem nas quadraturas. A roxa pertenceria a Anaís: são dessa cor os sonhos, as premonições que costuma ter, os licores que prepara, o esmalte de suas unhas, os panos que a cercam.

Como um pequeno zodíaco, as doze xícaras em volta do bule. Pensei em repetir palavras mágicas, para concentrar energia em cada uma delas, mas nenhuma me ocorreu, abracadabras, shazams. Talvez não fossem necessárias, porque eu estava carregado de amor por nós

— falo banalidades, mas amor é magia, condão, pedra de toque —, embora o pressentimento da teia escura se armando sobre nossas cabeças. Seria quem sabe o vermelho vivo do poente, tudo parado, nenhum vento na copa das árvores, a noite chegando do outro lado do mundo, o verão no fim. Sem que eu quisesse, meu pensamento voltava-se insistente para a xícara cor de vinho tinto. As notas do piano enleavam meu corpo em fios sonolentos. Eu ia rir, ou bocejar, suspenso à beira do sono, quando Ísis gritou ao longe, a chaleira ferveu e Marcelo entrou. Ele colocou a mão no meu ombro, apertou forte e disse que tinham soltado os cachorros loucos.

SEGUNDO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Talvez não consiga. Ela acaba de chamar outra vez, pedindo que eu vá. Ela ainda não aprendeu a ser sozinha uma pessoa. Estou esperando por ele, eu disse. Eu não o conheço. Estou contando a história deles, como te disse naquela tarde, quando me convidaste para ir ao cinema. Preciso ter cuidado com seu nascimento, expliquei. Como uma cadela prenhe, são fetos delicados. Mas só sabias dançar, pouco entendes dessas histórias inventadas. Requintadas, talvez banais. Espera, está ficando ainda mais obscuro. Tenta de outro jeito. Cronológico, quem sabe? Pode ser, pode ser. Tento: a casa, o rio, o piano, está bem assim? Porque eles queriam nascer, eu voltei na manhã seguinte para a Grande Cidade Vazia, o cimento das avenidas da Grande Cidade Vazia cheio somente de serpentinas, restos de confete, preservativos esporrados, trapos de cetim, flores de plástico, garrafas quebradas, máscaras partidas, pontas de cigarro, latas de

cerveja. Fomos avançando pelo meio do lixo da alegria. Era de manhã. Ele me deixou na porta. Então comecei.

II. MARCELO

Acabei de me masturbar. Não lavo as mãos para começar a escrever: o esperma vai manchando a folha, misturado às gotas de suor que escorrem dos pêlos de meu peito. Queria saber ficar tranqüilo como Linda, que limitou-se a sorrir dos cães, aumentando o volume do som para erguer uma das pernas no ar, lentamente, trazendo o braço direito estendido até a frente do tronco. Queria poder espatifar copos no chão da cozinha, feito Arthur. Quem sabe apenas levantar uma das sobrancelhas, como Martha, pedindo irônica a ele que pelo menos evite quebrar também portas e janelas, para que os cães não entrem na casa. Nada me vem pela harmonia, pela violência ou pela razão: com o sexo é que sinto. Decidi que me masturbaria no momento em que Júlio entrou correndo para avisar que alguém havia soltado os cães. Poderia ter procurado Anaís, que sempre deixa de lado suas cartas, seus búzios, pedras e dragões para me abrir as pernas. Um pouco distraída, às vezes meio bêbada, como se não fosse eu, como se pouco importasse, tira sem pressa minha roupa, passa as mãos nas minhas costas, fecha os olhos, às vezes lambe meu pau, escancara as coxas para que eu a penetre com vontade cada vez maior de machucá-la, de fazê-la torcer-se e gritar de dor no meio do prazer. Nunca grita. Apenas suspira, não sei se gozo ou desgosto, quando ejaculo e volta a fumar, a beber, a preparar feitiços, a cantar canções vadias. Talvez por tudo isso, também

porque sabia de Anaís atrás de mim, tenha corrido à cozinha para contar a Raul.

Sentado num banco, quase no escuro, ele estava debruçado sobre a mesa como se escolhesse feijões. Parecia rezar, a mão direita pousada sobre uma dessas esquisitas xícaras coloridas que Martha comprou na cidade. Antes de acender a luz, por cima de seu ombro, por baixo da camisa desabotoada, eu podia ver um pedaço da carne tão branca que quase brilhava na penumbra. Quis então encostar nele, para que não gritasse, para que sentisse, como uma proteção, o calor de meu corpo colado às suas costas. Depois, enquanto deixasse a cabeça tombar para trás, apoiando-a contra minha barriga, eu faria com que minha mão invadisse o pano fino para beliscar-lhe o mamilo até que gemesse baixinho, repetindo meu nome. E só mais tarde, talvez, contaria dos cães, quando já estivéssemos inteiramente nus, enrolados um no outro sobre os ladrilhos frios. Tudo estava preparado: o que aconteceria já estava desenhado no ar da cozinha, bastava que eu fizesse o primeiro gesto, acompanhando o esboço de um desenho pronto. Foi quando uma voz que me pareceu a de Ísis gritou ao longe e, sem planejar, meu dedo apertou o botão da luz. Coloquei a mão no ombro dele. Apertei forte. E repeti exatamente o que Júlio me dissera há pouco: soltaram os cachorros loucos.

Não queria assustá-lo. Mas Raul ergueu-se brusco, derrubando o banco, olhando para mim como se não acreditasse. Com aquela luz dura derramada sobre a cara dele, eu via suas pupilas crescendo para invadir o azul desbotado da íris. Talvez porque meus olhos estivessem acostumados à sombra, como num desses truques de parque de diversões onde mulheres se transformam pouco a pouco em feras, de repente vi nossos doze rostos, um a um, sobrepondo-se ao rosto dele, inclusive

o meu. Quando seus ossos um tanto arredondados ganharam os contornos vagos do rosto de Anaís, estendi a mão e puxei-o para mim. Tinha cheiro de ervas verdes. O cheiro de ervas verdes do corpo de Raul misturou-se ao cheiro de suor do meu próprio corpo. Eu tinha estado o dia inteiro na horta, sem camisa, embaixo do sol. Eu trazia no bolso o primeiro tomate maduro. Com uma das mãos, forcei-o a ficar de frente para mim, muito próximo. Com a outra, tirei do bolso o tomate maduro. Ele me olhava sem compreender. Ouvi um dos cães uivando, perto do poço, pensei, e antes que o uivo terminasse e outro cão começasse então a uivar, entre talvez o primeiro e o segundo uivos, mordi muitas vezes a boca dele, interrompendo-me apenas para repetir que estávamos perdidos.

Então senti uma presença macia às nossas costas. Me voltei rápido, ainda a tempo de perceber as fitas das sandálias de Anaís afastando-se leves para não serem vistas. Empurrei Raul contra a mesa. Corri para o quarto. Foi tudo sôfrego, urgente. Tentei me concentrar somente em um corpo, em um rosto, em um sexo, mas os doze sobrepunham-se, inclusive o meu, sem ordem, no ritmo do gesto, sem controle. Agora sinto os pêlos melados entre as coxas, na barriga, o leite branco no umbigo. Provo esse meu gosto espesso, meio adocicado. Depois misturo com nojo, com alegria, com fome também, aos grãos maduros do tomate que acabo de morder.

TERCEIRO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Naquele tempo a escada ainda não era amarela. Ela me ajudava. Quando as contrações se tornavam insu-

portáveis, eu descia pela escada que ainda não era amarela para repetir o disco. Isso me acalmava, molhar plantas, abrir livros ao acaso. Foi numa dessas vezes que encontrei os versos falando da maldição. Só então entendi que aquele era o momento exato do Abandono dos Deuses: quando Medéia perde os poderes, por amor a Jasão, Exu se ausenta. Mas tudo isso é necessário? Tudo isso, o quê? As explicações, as memórias, os mitos. Não sei, não sei, não consigo de outro jeito. Continuo esperando uma nitidez vinda de fora. Por enquanto, nesta outra cidade, ouço e vejo apenas o vento misturando terras, pólens, papéis, sementes, miasmas, folhas e histórias. Sopra mais forte na minha esquina sobre o abismo. Curva das Tormentas, eu a chamei. A enfermeira disse que por isso estão todos hoje mais agitados. Recuso a injeção para esquecer: quero voar com o vento para o centro da Curva das Tormentas. Me ajuda, pai, meu pai — meu pai Ogum, senhor das estradas.

III. MARÍLIA

Eu a vi atravessar rápido o corredor. Parecia chorar. Nunca sabemos ao certo quando Anaís chora realmente ou se está apenas um pouco embriagada por seus licores açucarados, pelas drogas que costuma comprar nos dias em que vai à cidade, quase sempre às sextas. Logo depois ouvi os passos pesados de Marcelo saindo da cozinha para bater com força a porta do quarto. Não tive tempo de compreender. De repente havia um excesso de ruídos no ar, aquele disco de piano de que Linda tanto gosta, muito alto, um grito estridente de Ísis, os uivos dos cães, Ricardo parado no meio da sala dizendo que

precisávamos fazer alguma coisa, Arthur trancando todas as portas enquanto Júlio caminhava de um lado para outro, fumando sem parar. Na mesa, Pedro, Virgínia, Martha e eu. Martha parecia concentrada, fazendo contas na calculadora, anotando números no pequeno bloco, detendo-se às vezes para levantar os óculos redondos que freqüentemente escorregam por seu nariz comprido. Virgínia terminava um mapa, traçando riscos retos, azuis ou vermelhos, com quadrados ou triângulos, entre os planetas. Pedro lia. Espiei por cima de seu ombro no momento em que sublinhava uns versos assim: *"Aí, da terra trevosa e do Tártaro nevoento e do mar infecundo e do céu constelado, de todos, estão contíguos às fontes e confins, torturantes e bolorentos, odeiam-nos os deuses."*[1] Eu olhava minhas unhas sujas de terra, sem conseguir estender as mãos para apanhar aquele bordado com ramos de trigo nos quatro cantos, que prometi a Raul terminar hoje.

Estendia as mãos mas, antes de apanhar o pano, via a terra das unhas, então lembrava de Raul, da promessa feita. Acho que de repente fiquei espantada por estar exatamente aqui, entre todas essas pessoas, e devo ter me perguntado vagamente por que tudo em minha vida teria me conduzido para este momento, esta mesa, esses cães uivando lá fora. Não estava preocupada. Tudo que precisávamos era economizar o que restava de comida, cigarros, papel, todas essas coisas. Mas Ísis, comendo bombons sem parar, enquanto Júlio fumava e Martha escrevia, parecia não compreender que ignorávamos até quando os cães permaneceriam soltos. Da sensação de estranheza e também de irritação que me veio de todos eles, emergiu lenta a figura de Raul. Sabia que preparava o chá das ervas que eu colhera pela manhã, quando

[1] Hesíodo: *Teogonia.*

Marcelo foi até a cozinha contar a ele. Mas agora, depois de todos os ruídos silenciados, somente o som do piano vibrando no ar, entrecortado pelos uivos dos cães, era como se não nos importássemos com ele. Vou ver Raul, eu disse, e me afastei da mesa com o bordado inacabado nas mãos. No corredor, ouvi gemidos vindos do quarto de Anaís, e qualquer coisa como um resfolegar de bicho no quarto de Marcelo. Mas não sabia se não seriam talvez os uivos dos cães, os acordes do piano ou os passos de Júlio.

Raul estava deitado no chão da cozinha. Ele sempre me lembrava um lago. Quieto feito um lago, o branco da roupa destacado contra os ladrilhos escuros. Olhava para o teto, como se não houvesse teto. Apontou o bule branco com as doze xícaras coloridas em volta, pedindo que não deixasse ninguém quebrá-las. Correm perigo, disse. Para tranqüilizá-lo, sentei a seu lado. Ele tremia. Pensei em colocar a cabeça dele no meu colo, tomar suas mãos, cantar, fazer carinhos. Mas só consegui ficar muito próxima. De alguma forma, eu queria dizer que tudo aquilo importava pouco: se soubéssemos controlar a nós mesmos, ao nosso terror, e poupar o gasto exagerado de tudo que tínhamos armazenado, nada aconteceria. Amanhã, depois, dentro de uma semana, um mês, os cães morreriam e poderíamos novamente abrir a casa, sair para o sol. Lera, um dia, em algum lugar, que a raiva vai corroendo aos poucos o cérebro deles. Não resistem muito. Queria dizer a Raul que pensasse no tempo que fatalmente passaria, como sempre passa. O que hoje é drama, sempre, amanhã estará quieto na memória. A casa, ele disse, a casa. E em seguida: o que vai ser de nós? Está tudo bem, tentei dizer, tudo bem. Mas com um martelo na mão Arthur segurou meu braço, forçando-me a levantar com tanta violência que o pano bordado caiu sobre o rosto de Raul.

QUARTO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Me perdoa, não sei se conseguirei. Disse a ela: é necessário o escuro porque dele brota a luz. Como uma larva, no interior visguento da crisálida, sem supor que a borboleta será seu próximo momento. Tão bíblico, ai, tão edificante: toma cuidado, senão daqui a pouco escreverás que viste uma pombinha branca cruzando mansamente os céus, talvez uses até o plural (não te atreverias a dizer "firmamento", não?), e era sexta-feira, dirias, dia de Oxalá. Foi exatamente o que vi, mas esquece: tudo isso é um engano. Tenho vontade de trazê-la para cá, para cima do morro. Ela não suportaria, não suporta estar desperta e ter emoções. O ar é muito puro lá, chega a doer nos pulmões, eu disse quando ele espatifou as doze xícaras. Nenhum de nós poderia voltar atrás. Nem avançar ou parar de contar. Eu era o décimo terceiro. E estava mudo. Tudo isso começou faz tanto tempo. Obliqüidades, transparências. Reflexos sinuosos, ninguém compreenderia. Não estás sofrendo: estás ausente da dor, tudo é branco. A escolha foi tua. Tem um preço: este.

IV. ARTHUR

Gosto do cheiro do corpo dela. Ao entardecer, quando se banha, deixando a pele libertar aquele perfume como o da terra molhada após as primeiras gotas de chuva. Gosto de seu rosto sem pintura alguma, do ar severo, das marcas sob os olhos, os cabelos escuros, parti-

dos ao meio em bandós, presos na nuca por uma fita áspera, juta, sarja. Se mais tarde alguém me perguntasse por quê, só poderia responder que quero Marília — soube disso pela primeira vez no momento exato em que a vi levantar-se da mesa com o bordado nas mãos. Como se a pata de um desses cães que andam lá fora se abatesse sobre a minha cabeça, e entre a dor, a tontura, quem sabe também algum medo, localizasse um fogo me incendiando por dentro. Sem soltar as tábuas, o martelo e os pregos, segui atrás dela pelo corredor, desviando-me do movimento que Linda fez com os braços para tentar me impedir. Não, ninguém perguntaria nada. Batem-se todos pela casa fechada, mais loucos que os cães lá fora. Sei ainda que somente eu, cabeça, princípio, mantenho qualquer coisa como uma lucidez, poderosa o suficiente para que nenhum deles se atreva a cobrar o que fiz.

Uma bofetada em pleno rosto, vê-la ali sentada, à beira daquela ridícula Pietá, a cabeça de Raul prestes a desabar em seu colo. Não decidi nada. Como se não fosse eu, ouvi o ruído das tábuas caindo nos ladrilhos, um momento depois de já ter feito o gesto. Sem largar o martelo, torci o braço de Marília até erguê-la do chão. O pano bordado escorregou sobre o rosto de Raul, como um desses lenços que cobrem a face dos cadáveres. Quase morto assim, face encoberta: matá-lo seria apenas consumar o que já estava feito. Com o braço livre, Marília interrompeu meu impulso no instante de baixar o martelo com força sobre os ossos dele. As unhas curtas, cheias de terra, cravadas no meu braço, um pedido nos olhos escuros. Eu disse que sim, que o pouparia se ela fugisse comigo. Pela clarabóia no teto do banheiro, se empilharmos alguns móveis poderemos abri-la para alcançar o telhado, de lá saltar para um dos galhos da

figueira ao lado da casa e então, como macacos, através das árvores, chegar até o rio, passando para o outro lado. Os cães hidrófobos não se atreverão a cruzar aquela água.

Disse todas essas coisas, cercando-a em volta da mesa. Percebi que tentava proteger alguma coisa com o corpo. Agora consigo dar certa ordem a tudo que ia acontecendo. Lembro da grande mesa de madeira e do vestido preto de Marília encobrindo algo sobre a mesa. Não quero fugir, ela disse. Não daqui. Não com você. Foi quando tentou alcançar a porta que liga a cozinha ao corredor e o corredor à sala que vi um bule branco cercado por doze xícaras coloridas. De repente soube que o martelo permanecera entre meus dedos exatamente para esse próximo gesto. Muito tempo antes, ele já estava pronto. Creio que foi nesse momento que Marília fugiu.

Os cães uivavam, cada vez mais próximos. Espatifei primeiro o bule, depois, uma a uma, as xícaras coloridas. Lembro dos cacos roxos de uma delas e de como, por alguma razão obscura e absurda, tentei proteger de meus próprios golpes a xícara vermelha. Mas meu gesto não respondia à minha vontade. Guardei apenas um dos cacos, que trouxe comigo para o banheiro. Os outros começaram a correr para a cozinha. Ao passar, esbarrei no corpo redondo de Ísis. Martha falou alguma coisa que não entendi. Acho que escutei Raul repetir chorando que agora nada mais podia ser feito, que estávamos perdidos. Talvez estejam, eles. Não eu. Quando meu coração parar de bater tão forte, colocarei a cadeira sobre a privada, forçarei a clarabóia com o martelo para alcançar o telhado, a figueira, o rio, o outro lado. Talvez tenha o cuidado maligno de abrir por dentro a porta do banheiro, antes de fugir. Não seria im-

possível, nem muito difícil, que um dos cães alcançasse o telhado. Ele gostaria de atravessar o corredor rangendo os dentes, a espuma negra na boca, para encontrá-los como se nada tivesse acontecido, reunidos feito uma família na sala de jantar.

QUINTO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Tanto-sangue-dentro-do-meu-derramado-coração, era assim? Talvez fosse, mas não se trata disso. Lamúria insuportável, o corpo, esse que se arrasta com suas carências. Não precisa pressa, calma lá. A-porteira-está-aberta-para-quem-quiser-passar, era isso? Já te disse que não responderei: quero saber, e depois? Passaram-se meses, ele voltou. Foi longo. Doía. Continua doendo. Ainda não acabou. Passa, passará. Às vezes ficávamos deitados na minha cama enquanto eu tentava decifrar o seu destino, Marte, Ossanha: gostava das folhas, das pedras. De peixes, também. Ele ensinou: as pedras eram vivas. Desde então eu as mantenho imersas em copos cheios d'água, para que cresçam. São muitas. Agora espero outro. Que, como ele, não será mais do que Uma Nova Metáfora do Encontro. Por enquanto, espio as pombas nas cumeeiras. Quando não há música, canto. Quando paro de cantar, como maçãs. Os talos estão jogados pelo quarto, entre os lençóis. Apodrecem como meus sentimentos, jogados na Via-Láctea. Esfrego a lâmpada, mas o gênio se foi. Talvez me bata outra vez contra as grades da janela, até me levarem para a mesa de choques.

V. ÍSIS

Fiquei olhando os bombons caídos no chão, misturados aos cacos coloridos. Martha e Marília repetiam tanto que precisávamos economizar que me curvei para apanhá-los. Júlio esbarrou em mim, cravei um dos cacos na palma da mão esquerda. Quando consegui arrancá-lo, percebi que era de um azul muito claro, cor do céu nas tardes de verão. Lambi o sangue que não estancava, manchando os bombons, os outros cacos. Ia enxugar o sangue na barra da saia quando vi o pano branco no chão, mas só depois de tê-lo enrolado nos dedos é que Marília gritou e percebi que era o seu bordado. Aquele, inacabado, dos ramos de trigo, dos quatro cantos. Tarde demais, pensei. E sem querer pensei junto que, com as manchas de sangue, o trigo pareceria ter brotado num campo de papoulas. Lembrei em seguida das papoulas que Linda e eu costumávamos comprar no final da primavera. Desejei que hoje fosse outra vez como uma manhã de novembro, verão novo no ar, para que pudéssemos colocá-las, sobretudo as vermelhas, as papoulas por todos os cantos da casa, em vasos brancos. Tive vontade de chorar quando pensei que o verão estava quase no fim, tive pena de mim mesma, assim gorda, inícios de março, os cachorros loucos em volta da casa, jogada ali no chão da cozinha, entre bombons esmagados, tábuas, pregos, cacos coloridos, sangue, Marcelo e Anaís trancados nos quartos. Arthur no banheiro, Marília muito pálida à minha frente, braços cruzados sobre o peito, olhos fixos no pano que o sangue de minha mão encharcava cada vez mais — o trigo, as papoulas, o bordado.

Para não chorar, por ter pensado na noite de março descendo clara sobre os telhados, pelos bombons esma-

gados, principalmente por meu medo, acho, para calar a fome de açúcar no fundo da garganta, foi que comecei a cantar. Devia estar patética e porca e triste jogada no chão, mas, como se aprovasse o que eu ainda não começara a fazer, Linda sorriu quando abri a boca. Sem que eu escolhesse, a canção foi nascendo, *summertime*[2], eu repeti, *summertime and the living is easy*. A voz a princípio fraca, desafinada, perseguindo uma melodia que escorregava entre os acordes repetidos do piano vindos da sala, mas aos poucos mais forte, nítida, para meu próprio espanto, *fish are jumping and the cotton is high*, sufocando todos os outros sons. Pouco a pouco Marília, Raul, Júlio, Linda, Ricardo, Pedro, Martha, Virgínia sentaram-se à minha volta enquanto a noite descia, e quem sabe para tranqüilizá-los eu repetia e repetia *one of these mornings* e Marília fechou os olhos *I will gonna rise up singing* e Raul sorriu *you're gonna spread* e Júlio apagou o cigarro *your wings* e Ricardo distendeu os músculos do rosto *and you'll take to the sky* e Pedro fechou o livro *but till that morning* e Martha tirou os óculos *there's nothing can harm you* e Virgínia olhou para cima como se visse o céu *with your mammy and daddy standing by* e Linda então abriu devagarinho os braços começando a dançar enquanto todos batiam palmas ritmadamente e eu retomava a primeira parte da letra e todos cantávamos juntos tão alto e claro *summertime summertime summertime* tão completamente confiantes na manhã de sol próxima que não havia mais cães soltos nem xícaras quebradas nem bombons esmagados pelo chão.

Minha voz era maior que eu e mais forte que todos os demônios soltos pela casa. Para manter eterno o verão atrás da janela, eu cantaria até o amanhecer, cantaria cada vez mais alto até que Marcelo, Anaís e Arthur

[2] D. Heyward e G. Gershwin: *Summertime*.

viessem se reunir a nós, como antigamente, e como antigamente Linda me abraçaria entrelaçando papoulas douradas nos meus cabelos, pedindo que cantasse mais. Como se estivesse grávida de um tempo novo, eu cantava. Mas tudo mudou. Linda começou a girar cada vez mais depressa, o que costumava ser doce em sua dança foi-se transformando numa espécie de fúria que fazia os outros baterem palmas cada vez mais rapidamente até que, dissociados, havia quatro planos, distintos, sonoros, dentro da cozinha: os uivos dos cães, o piano na sala, os movimentos de Linda e minha canção cada vez mais esfarrapada. Comecei a cantar mais baixo. Até calar. E voltou a fome de açúcar. O sangue escorria da palma da mão. Levantei com dificuldade para procurar nos armários fechados outra caixa de bombons.

SEXTO FRAGMENTO
DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Ele sabia dançar. Era bonito dançando. Mandavam sempre que repetíssemos, talvez para que os outros aprendessem a beleza. Ou mais cruéis: para que ele mesmo percebesse como eu já não conseguia dissimular o desejo de tocá-lo. Um dia, toquei. Mas sem cuidado. Como numa pirueta errada. Sem sentir, você calcula mal alguma coisa no passo e, ao invés do vôo, vem a queda. O ridículo é que só no chão você percebe que caiu. Então é tarde demais. Mas havia um esboço de prazer quando nos tocávamos, na dança. E o próprio prazer, aquela noite: os gritos de gozo, mordidas, pêlos melados da porra do outro. Disse a ele que conhecia o gosto. Quando me permitem descer a ladeira, as pessoas

olham com suspeita minha cabeça raspada, porque as cicatrizes expostas denunciam que estive lá. Não há como escondê-las, as marcas de Obaluaê. Por ter estado lá, quem sabe, um Quase Encontro merece punição? Me explica, que às vezes tenho medo. Deixo de ter, como agora, quando o vento cessa e o sol volta a bater nos verdes. Mesmo sem compreender, quero continuar aqui, onde está constantemente amanhecendo.

VI. LINDA

Como um gatinho que se estende ao sol, as pernas cruzadas, curvei para dentro os ombros, abrindo lentamente os braços. O movimento brotava das omoplatas para descer pelos ombros, atingindo primeiro os antebraços, depois os cotovelos, até chegar aos pulsos, e então escorregar pelas mãos, avançar sobre um por um dos dez dedos, saindo pelas pontas, jatos de luz. Das minhas unhas jorravam raios iluminados pelas paredes da cozinha, orientados pela canção de Ísis. Refletidos nas paredes, voltavam a iluminar o rosto dos outros, fachos de luz que eu conduzia para destacar as pálpebras fechadas de Marília, os cabelos de Ricardo, os olhos de Virgínia, azul, dourado. Junto com meus movimentos, a voz de Ísis silenciava os cães e o terror solto em volta da casa, à procura de qualquer coisa como uma gota de sol caída no centro da cozinha suja. Meus movimentos e a voz dela limpavam o lixo da cozinha, e eu os queria assim, todos concentrados unicamente em arrancar beleza, um espinho cravado naquele momento escuro que começara a se instalar dentro da casa.

Como bailarina de circo, uma das pernas equilibrada no fio do arame, a outra alongada no ar, as mãos

inesperadamente donas do poder de iluminar as coisas, as pessoas. Não sei precisar o momento em que o fio tremeu, abalando meu corpo inteiro, e o poder fugiu. De repente precisei me movimentar mais rápido, para não cair no espaço vazio sem rede, me arrebentando sobre os cacos coloridos espalhados no chão. Os gestos brotavam agora de todos os membros, já não era um gatinho novo ao sol da manhã, mas um animal ferido, contraindo-se entre a dor das feridas e a tentativa de manter um equilíbrio qualquer ou captar um sopro capaz de evitar o desabamento da morte, de loucura e do ódio sobre cada uma das nossas cabeças. Ísis parou de cantar, imune a meu poder que retornava, embora eu já não soubesse se com ele mobilizava luz ou treva. Mas dominava ainda outros, que acompanhavam minha fúria batendo palmas violentamente. Suada, contorcida, eu não conseguia parar. Enquanto Ísis procurava alguma coisa pelos armários, um a um os outros levantaram-se para dançar comigo. Júlio apagou a luz. No escuro, não nos importávamos de pisar nos cacos, procurando pelo espaço os membros suados dos outros. Uma língua molhada, quem sabe a de Martha, entrou pela minha boca, ao mesmo tempo em que eu sentia os pêlos molhados de um peito de homem, talvez o de Pedro, colado às minhas costas. Eram da bacia que os movimentos surgiam, subindo pelo ventre, eriçando os bicos de meus peitos para alcançar o pescoço que eu jogava para trás, afastando da testa os cabelos suados. Precisava de um peso de homem sobre meu corpo, precisava de um membro duro de homem para umedecer nas minhas entranhas esse vazio áspero que me faz sempre dançar e dançar, como possuída por alguma força estranha que reage sem cessar à imobilidade da morte. E no entanto, toda a ferocidade que eu provocava sem querer continuava sendo beleza e equilíbrio, porque talvez nada mais nos restasse naquela casa cercada por cachorros loucos se-

não amar uns aos outros. Mesmo como animais. Da selvageria, então, aos invés da doçura, arrancaríamos nossa gota dourada de sol. Deitada na mesa, coxas escancaradas, puxei Pedro sobre mim.

Como uma balança desequilibrada que pende de repente para um dos lados, Ricardo acendeu a luz. Vi primeiro Ísis, os enormes seios nus derramados sobre uma caixa vazia de bombons, a mão estendida para mim. O coração de Pedro batia forte contra o meu. Voltei a ouvir os sons do piano no disco que eu colocara na sala e, não sei por que, olhando o chão repleto de cacos de louça coloridos, pedaços sujos de chocolate, gotas de sangue, peças suadas de roupa, percebi que a noite tinha descido completamente. Um cão uivou longe. Entre os bicos de meus peitos e os pêlos do peito de Pedro, uni cuidadosamente as pontas dos dez dedos, uma mão contra a outra. Como se circundasse uma delicada esfera de cristal. Como se procurasse, de alguma forma intensa e inútil, recuperar certa espécie de equilíbrio ou beleza para sempre perdidos.

SÉTIMO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

A pedra morna de sol sob as minhas costas. Os garis limpam os restos da feira. Encosto a cabeça no tronco da árvore. Fecho os olhos, ofuscado pelo excesso de luz. Difícil conciliar a manhã de fora com a treva de dentro. Respirar é feito uma oração que nada pede, Obá humilde. Continua, já ultrapassaste o meio, não tens mais o que temer. Repara: agora é como o centro escuro da noite. O próximo movimento só pode ser em direção à luz. Ele brilhava, ele era claro, ele era feito de sol. To-

dos queriam não estar ali. Não se deve, não se pode querer estar em outro lugar além do que se está. Eles desejam coisas que não existem. Eles não conhecem a paixão, nem tu. A tudo isso eu chamo de tontura, não de prazer. Evita a vertigem. Resseca, desbasta: o limite é a nudez do osso. Além dele, se avançares, há somente a poeira. Mas cuidado, exigem-se os dentes fortes que Nanã perdeu. Descobre, desvenda. Há sempre mais, por trás. Que não te baste nunca uma aparência do real. Como te atreves a supor que carregas O Facho de Luz? Sei bem quanto brilha, mas te digo que seria incapaz de vencer as Iansãs do vento.

VII. RICARDO

Não sei se tive medo — dos cães, da noite, dos corpos — ou se apenas queria que me vissem. De alguma forma, pensava confuso que jogando luz sobre a cozinha outra vez nos olharíamos nos olhos. Parecia importante saber se a mão no meu cabelo pertencia a Pedro ou a Virgínia, se a boca contra a minha era de Júlio ou de Martha e assim, pensei, também os outros. Para que soubéssemos, acho, da exata medida e intenção de cada toque em cada membro, foi que acendi a luz. Assim como um filme que de repente pára, todos me olharam imobilizados no que faziam. Eu era o centro móvel do que começaria a acontecer no próximo momento. Marília me olhou como se procurasse censura nos meus olhos. Mas eu queria a festa, não a dor. Caminhei para o armário, apanhei três garrafas de vinho tinto, coloquei-as sobre a mesa. Pedro abriu-as, enquanto Martha dispunha os cálices. O disco parou. Em silêncio, eu à cabeceira da mesa, brindamos a qualquer

coisa que ainda não viera. À nossa sobrevivência, talvez.

Mas, embora o vinho, a festa tinha acabado. E não nos olhávamos nos olhos, apesar da luz. Os cães já não uivavam. Não havia mais a dança de Linda nem a canção de Ísis. O silêncio tornou-se tão denso que cada movimento precisava ser feito devagar, como se o ar pesasse à nossa volta, dificultando os gestos. Quis pensar então na minha vida antiga, mesmo uma nem muito remota, que fosse pelo menos até pouco antes do pôr-do-sol quando, ao voltar para casa, do caminho cercado de hibiscos que liga o portão de entrada à varanda, enxerguei Virgínia ajustando a luneta para observar acho que Vênus. Não consegui lembrar mais nada. Eu não tinha passado. Acho que pensei que não tivesse talvez também futuro. Como no centro de um palco, na cabeceira da mesa, a luz batendo direta no meu rosto, o braço esquerdo caído ao longo do corpo, o direito segurando um cálice de vinho. Alonguei lentamente a coluna. Então olhei-os.

Éramos nove: eremitas. Na cabeceira oposta da mesa, Raul olhava como se me tivesse transferido em segredo, em silêncio, o cetro de algum poder que eu sequer adivinhava o valor. Eu preparei o chá, ele disse, você preparou o vinho: um outro e novo movimento se inicia agora. Desejei que alguém colocasse outro disco na sala, que os cães recomeçassem a uivar, que caísse de repente uma dessas tempestades violentas de verão. Nada acontecia. A tácita solenidade disposta entre nós começou a pesar tanto que, como um professor ou um psicanalista, tive um impulso de olhar o relógio para dizer qualquer coisa como bem, por hoje é só. Eu não conseguia dizer nada. Desviei meus olhos dos de Raul para fixá-los num quadro pouco acima da cabeça dele: a *Santa Ceia* desbotada de onde Tiago Menor parecia me olhar direto

nos olhos. Outra vez me voltou à memória o caminho de hibiscos. Tirei do bolso o quadrado de papel vegetal. Ergui-o como uma hóstia, as duas mãos unidas, até que a luz batesse justamente sobre ele. Através do papel, os grãos miúdos brilhavam feito pequenos sóis.

Uma corrente de energia percorreu os outros. Júlio apressou-se a trazer o espelho. Pedro tirou da cintura o punhal marroquino. Marília acendeu a vela. Depositei na mesa o copo de vinho. Com a mão direita, abri devagar o papel sobre a palma da mão esquerda. Antes que alguém pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, soprei fortemente o pó. Flutuou por instantes no ar, depois espalhou-se sobre os móveis, pelos cantos, pelas quinas. Dissipar a névoa, sim, talvez fosse esse o meu sentido. Mas, se era realmente assim, não compreendia por que, como a noite, então, uma grande tristeza, neblina, começou a descer sobre mim. Eu não tinha passado algum antes do caminho de hibiscos, os cães recomeçaram a uivar, eu só queria iluminá-los, a cozinha estava muito suja, não havia futuro. Minha vida me doía fundo, sangrada, sem saída. Tudo que eu precisava era o sol quente da manhã seguinte, que não viria, aquecendo minha cabeça confusa. Cobri o rosto com as mãos e comecei a chorar.

OITAVO FRAGMENTO
DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Sempre virá. A solidão não existe. Nem o amor. Nem o nojo. Odeio quando te enganas assim, girando entre as panelas. A vida é agora: aprende. Ainda outra vez tocarão teus seios, lamberão teus pêlos, provarão teus gostos. E outra mais, outra vez ainda. Até esqueceres faces,

nomes, cheiros. Serão tantos. O pó se acumula todos os dias sobre as emoções. São inúteis os panos, vassouras, espanadores. Tenho medo de continuar. E não suportaria parar, ondas de Iemanjá. Vês como evito pedir ajuda? Vieram da noite, eram muitos, assim compreendes? Talvez, mais que doze? Muito mais, incontáveis: todos esses doze, já faz tempo. Às vezes sonho com eles. Com todos. Com quem nem conheço. Por um momento, cede. Não sejas assim implacável, incorruptível. Não paires, esquece as asas. Fecha os olhos. Chafurda, chapinha. Afunda o rosto, solta a língua. Lambe os orifícios. Deixa a baba escorrer. Geme, cadela no cio. Como um macaco, acaricia teus próprios colhões. Estende tua pata peluda para o Outro, delicadamente. Cata os piolhos do Outro. Deixa que catem os teus. Esmaga entre os dentes, engole. Fala-me do gosto.

VIII. MARTHA

Deixei que Pedro o abraçasse. Deixei que Linda corresse até a sala para repetir o mesmo disco. Deixei que Ísis abrisse novamente o armário, à procura de outra caixa de bombons. Deixei que Júlio gritasse palavrões, chutando coisas, a caminhar de um lado para outro, como se estivesse aflito para dizer algo que não podia ser dito. Deixo que se batam e se espalhem pela casa todos os dias, feito porcos. Mas antes que acordem e depois que dormem, sou eu quem dispõe outra vez os objetos em seus lugares certos. Coloco nos cestos, nas estantes, os livros e revistas que Pedro costuma esquecer nos cantos. Verticalmente, decepo os caules das rosas que Linda traz do jardim, de tardezinha troco a água dos vasos, para que durem mais. Com a flanela,

elimino a poeira da luneta de Virgínia, para que não se embacem os astros, os destinos. Nunca agradecem. E nada espero. Pouco me importavam os cães lá fora, pouco me importavam o terror e a loucura soltos. Não seriam eles a impor a desordem dentro desta casa que também é minha.

Soube que não enlouqueceria quando comecei a varrer os cacos de louça espalhados pelo chão. Mesmo um pouco antes, quando vesti o avental bordado com morangos. Quando joguei no lixo os cacos coloridos das xícaras que eu mesma comprara na cidade e, sem saber por que, guardei no bolso um pedaço verde-escuro. E também ao jogar o pano bordado de Marília dentro do balde, com sabão em pó e algumas gotas de vinagre, para lavar as manchas do sangue de Ísis. Recolhi as garrafas vazias de vinho, lavei os cálices, fechei as portas dos armários. Quando não restava mais nada para fazer, comecei a esfregar o chão. Depois arrumaria a sala, bateria os tapetes, as almofadas, trocaria os lençóis nos quartos, esvaziaria o cesto de roupas sujas no banheiro, lavaria as paredes dos corredores, endireitando cuidadosa os quadros tortos, bateria os tapetes, escovaria os sofás, as cortinas. Sabia que, ao chegar ao fim da última tarefa, a primeira estaria desfeita, e poderia então recomeçar até chegar na segunda, quando a penúltima também estaria desfeita, e novamente refazer e refazer e refazer sem parar, sem cansaços. Não me importo, nem sinto medo. Sei como disciplinar as coisas, e mesmo que o caos seja inevitável, pelo menos será filtrado pela nitidez de cada coisa em seu lugar exato.

Sim, saberia. Mas depois de lavar o chão, fiquei muito cansada de mim, de todos, de ser tudo a cada dia sempre assim. Eu me aproximei da janela e, apoiada na vassoura, olhei para fora. Era impossível olhar para fora da janela pregada por Arthur, mas olhei como se pu-

desse ver o pátio calçado com as pedras irregulares, a parreira com alguns restos de uvas excessivamente doces, maduras demais, depois a horta com os pés altos de milho, mais além os vales, o rio limpo, as montanhas atrás das quais devia estar nascendo uma lua cheia. Apoiada na vassoura, fui primeiro uma bruxa fatigada de seus próprios feitiços ineficientes e, um momento depois, ainda menos: apenas uma mulher severa, marcada, sozinha, tentando inutilmente dar ordem numa casa cheia de loucos. Eu quis ir embora, viver minha própria vida, por mais mediana ou mesquinha que pudesse vir a ser, sem cor. Como li em algum livro, talvez de péssimo gosto na sua verdade afetada e amarga: a solidão seria uma coroa de rosas, não de espinhos, sobre a minha cabeça. Eu não esperava nada além de uma vida limpa como as águas do rio lá fora.

Foi quem sabe quase longe o disco de Linda, com seu piano desesperado. Foi talvez o choro convulso de Ricardo, foi Pedro debruçado sobre ele. Nunca mais, eu pensei que alguém viria. Nunca, outra vez, a mão de alguém na minha pele cheia de células mortas. Mas a meu lado, tangível, no limite da mão, Marília soltava meus cabelos, desabotoava um por um os botões de meu vestido empoeirado. Suave, na minha testa vincada, sua mão dissolvia as rugas, apagava aos poucos, descendo mais, esses sulcos fundos que tenho observado, todos os dias, lavrarem os cantos de minha boca. Quis dizer que precisava arrumar a sala, trocar os lençóis nos quartos, bater as almofadas. Mas ela colocou a mão sobre a minha boca, pedindo silêncio. Sem saber, então, soube que ela não se importaria com o cheiro de pó nas minhas roupas. Como se a janela estivesse realmente aberta e pudéssemos ver, como antes, as plantas prateadas sob a luz da lua, joguei a cabeça para trás permitindo que

ela beijasse devagarinho meus seios há tanto tempo esquecidos. E abracei-a com força, no momento exato em que a vassoura caiu ao chão, deixando minhas mãos inteiramente livres para acariciá-la também.

NONO FRAGMENTO
DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

O gosto é bom, eu te dizia. E não impede a asa, a seta disparada em direção a Hydrus, Eridanus. Mas primeiro prova da terra. Depois, voa. Não aprendeste com Ícaro? Só não queiras tocar o Carro de Apolo. Ah, quanta Ânsia Sufocante de Pureza. Quanta Mentira Adocicada. Lixo, gritarei na tua cara: pura merda. Merda fedida de quem bebeu demais na noite anterior. Conheces bem a cor escura, o cheiro entranhado de álcool. Não me venhas com Espiritualidades Transcendentais. Tenho mais nojo de tuas flores amarelas que de teu cu. Tua alma me importa menos que o cheiro de teu suor. Espera, também-não-é-tudo-assim-escuridão-e-morte, já dizia HH. Pára de te debater, não vais agüentar. A mulher dos comprimidos já te olhou desconfiada. A garganta me dói. Provei o que não devia. A cabeça me pesa, pensei o impermitido. Tens que te movimentar no meio desses brilharecos. Tens que desmenti-los, um por um. A cada dia, assassinar o pai, estuprar a mãe. Pára de sonhar coloridices. Tenho asco de tuas fitas coloridas, teus perfumes. Foi assim que vocês todos morreram antes do tempo. Foi assim que eu não morri. Embora oco, estou no alto da torre, na Curva das Tormentas, janelas abertas para que entrem todos os demônios.

IX. PEDRO

Bebi as lágrimas de Ricardo como se a sede fosse minha, não dele. Precisava que aceitasse e permitisse meu impulso de amor para não permanecer assim, perdido entre os outros. Precisava de seu riso como Martha precisou da limpeza nos ladrilhos, até parar sozinha em frente às tábuas pregadas da janela. Você tem medo que o sol não venha mais, eu disse, mas ele não respondeu, enquanto Marília aproximava-se devagar de Martha e eu rebuscava em vão na minha memória, tantos livros, tantas palavras gastas, uma frase, um verso qualquer capaz de fazê-lo erguer a cabeça e olhar direto para mim, me iluminando com seu olho claro. Nós estávamos todos em silêncio, o som do piano vindo da sala era muito suave agora, meu coração batia dentro do corpo debruçado sobre Ricardo, as duas mãos postas em seus ombros, as cabeças unidas. Ao afundar o rosto no seu cabelo, como um relâmpago, foi que lembrei, e repeti veloz antes que se perdesse para sempre:

Cirio, candil,
farol y luciérnaga.
La constelación
de la saeta.
Ventanitas de oro
tiemblan,
y en la aurora se mecen
cruces superpuestas.
Cirio, candil,
farol y luciérnaga.[3]

[3] Federico García Lorca: *Poema de La Saeta.*

Sou a constelação da seta, repeti, e de repente tive quatro patas de cavalo plantadas sólidas sobre a terra, tronco ereto, entre as mãos humanas um arco distendido pronto a disparar a seta em direção ao céu. Senti os ombros dele se soltarem aos poucos, à medida que erguia a cabeça para me olhar. Colocou os braços em volta da minha cintura. Eu me curvei, para poder abraçá-lo inteiro.

No mesmo momento em que os acordes do piano começaram a se repetir, frenéticos, sem medo algum nossas bocas abertas se procuraram. Houve nas línguas um gosto remoto das pitangas que colhíamos no caminho para o rio, e depois o fresco abraço das águas envolvendo nossos membros, as gotas das lágrimas que eu bebia, uma por uma, ganhando lentas o mesmo gosto claro das pedras mergulhadas na sombra, poças de sol entre as quais brotava, vez que outra, uma descuidada flor amarela onde pousavam borboletas, essas de asas azuis transparentes, debruadas de ouro, então emergíríamos da água doce abençoados por ninfas e devas pisando descalços na terra quente de sol para subir a encosta cheia de espinhos até a cerca de arame farpado separando o abismo do caminho cercado de hibiscos que conduzia à casa de portas e janelas todos os dias escancaradas, porque era para sempre verão, em torno da qual nunca houvera, nem haveria, cães furiosos, latidos transformados nesse gosto vermelho de pitangas, salivas misturadas, quase negras de tão maduras. Quis dizer a ele que voltariam as manhãs, ainda mais claras agora que estávamos juntos, voltariam sim as claridades, o calor das tardes sobre a terra coberta de verde e também os crepúsculos de nuvens roxas e rosadas colorindo o cume dos montes, e mais tarde as noites embaladas por flautas, cetins, brisas com cheiro de mato varando as frestas das vidraças, senão para sempre,

acho que disse, por muito tempo, por tanto tempo, tão longo, tão fundo, que será como para sempre, Ricardo, como se finalmente disparasse minha seta incendiada em direção às estrelas, trazendo-te junto comigo, porque brilharemos, ambos de fogo, mais que o teu sol, a caminho dos meus inúmeros satélites girando no infinito.

Desprendeu-se aos poucos, sem dizer nada. Voltou a cabeça para Raul, repetiu que havia provocado tudo. Mas se nada houve, me ouvi dizendo sem pretender, portanto nada foi provocado. E parecia tudo em paz, Martha e Marília abraçadas, junto à janela. Ricardo voltou-se outra vez para mim, como se sentisse, ao mesmo tempo, espanto e tranqüilidade pelo que eu dizia. Ísis mastigou um bombom, distraída. Linda girou, numa pirueta rápida, como antigamente. Os cães estavam quietos. Virgínia desembaçava lenta sua luneta na barra da saia, na cozinha limpa. Mas Júlio, Júlio que olhava um por um nos olhos de cada um de nós, até começar a dizer qualquer coisa que não deveria ser dita nunca. Porque a nova ordem imposta após a desordem estabelecida poderia outra vez transformar-se em uma outra desordem que, desta vez, não sei nem sabíamos se conseguiríamos transformá-la em ordem novamente.

DÉCIMO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Bem sei que gostarias. Mas não te colocarão na cruz, querido. Quanta vaidade, quanto palavreado tolo, quanta culpa idiota. Tanta Piedosa Afetação Messiânica. Desde o começo, sempre foi mentira. E todos sabiam. Pelo menos, enfrenta. Como aquela, mentindo naturalidades com tamanha perfeição que até consegue dizer: sou simples. E diz a verdade quando mente. Não me venhas com Densas Complexidades Psicológicas. Artimanhas, embustezinhos corriqueiros. Portas falsas, coração. Tudo isso me nauseia como a décima dose de um licor de anis. Oxum boceja, uma pluma amarela cai de seu leque. A culpa não existe. A mentira não existe. Falas com arcanjos enquanto cagas. Depois lavas as mãos, lês amenidades pelos jornais. Tudo não passa de um emaranhado de vísceras. Levarás para o túmulo tanta delicadeza, tamanha pudicícia. Os vermes engordarão de tanto açúcar-cande. O que não impedirá o fedor de flutuar, como uma aura às avessas, sobre a tua cova. Depois, talvez, quem sabe, por que não o Túnel de Luz Ofuscante? Não decifras nada, esfinge de plástico. Até quando insistirás nessa valsa grotesca, nos cristais de palha?

X. JÚLIO

Que não sou apenas um, tentei dizer depois de olhar nos olhos de um por um de cada um dos outros: éramos nove. Além de mim, Marília abraçada a Martha, ambas observando os cigarros que eu acendia sem parar, como se dissessem que precisávamos economizar, Pedro muito próximo de Ricardo, Ísis com a mão ensangüentada, Linda dançando ainda, Virgínia de repente muito alta olhava para mim como se visse de longe, de cima, Raul caminhando de um lado para outro, a repetir que tinha provocado tudo. Olhei-os primeiro um a um, já disse, no fundo dos olhos de várias cores e formas. E repeti, para que entendessem, se possível perdoassem,

porque senti medo de Anaís e Marcelo trancados nos quartos, de Arthur fechado no banheiro, alguma coisa que eu, e não Raul deflagrara, se tornava mais grave do que poderia ter sido. Eu precisava então revelar, repeti, que não era apenas um, que fora o eu de mim que eu mesmo tentava manter calado, imóvel, quem dissera aquilo, pois para torná-lo assim quieto, inofensivo, precisava me movimentar, incessantemente dizendo, fazendo coisas sem muita importância, para me atordoar, para estonteá-los. Sou dois, repeti, e foi esse um que vocês não conhecem direito, nem eu, quem disse que haviam soltado os cães. Depois que esse eu-ele disse, foi que começou a acontecer tudo isso que me assusta agora, porque é como um final sangrento onde só o amor de alguns que o caos fez vir à tona e a solidão ainda maior de outros, pelo contraste do encontro alheio, como eu-eu, eu-ele, como meus dois eus, parecem revelar qualquer coisa como um novo caminho para o qual talvez nem todos os meus eus nem os de vocês estarão preparados.

Acendi outro cigarro. Linda parou de dançar, embora a música prosseguisse na sala. Ísis guardou um bombom no ar, à caminho da boca aberta. Raul e Virgínia me olharam imóveis, cada um num canto. Ao mesmo tempo, Martha e Marília, Ricardo e Pedro, foram desfazendo lentos seus abraços para me olharem também. A dor e o desespero tinham ido embora das teclas do piano. Tentei ser mais claro: ele mentiu, eu disse, eu menti, se quiserem, e mais lento, assim: *ninguém soltou os cachorros loucos*. Se alguém quiser saber por que, direi novamente: não fui eu quem mentiu, mas uma parte de mim, e se quiserem perguntar também a essa parte de mim que desconheço quase tanto quanto vocês, se eu conseguisse localizá-la para trazê-la, com cuidado, à tona, sem que ameace tomar o controle de tudo, talvez

ela dissesse: porque o verão está no fim, porque na verdade não nos conhecemos, porque nada do que acontecia aqui, rituais, levezas mentirosas, até que minha mentira nos ameaçasse aconteceria realmente se minha mentira não fosse verdade e nada tivéssemos a defender além da verdade inteira de um próximo momento mais verdadeiro que aquele. Mesmo medonho. Baixei a cabeça quando, sem pretender, fui forçado a dizer assim, cínico talvez, mas absolutamente passível de perdão, embora não necessitasse dele, porque de alguma forma havia feito exatamente o que me fora destinado fazer, ainda que para isso um eu desconhecido precisasse tomar o comando de mim, e disse então, olhando nos olhos de um por um dos outros oito: foi por Amor que menti.

Afastando-se de Ricardo, Pedro aproximou-se devagar, me tocou sem ódio no ombro para dizer: és meu oposto, mas se por amor confundes e libertas o caos de tudo e de todos, por amor eu tento tocar mais fundo, procurando um vôo que não conseguiria jamais num amor menor. Eu não queria seu perdão. Eu talvez fosse embora no momento seguinte, porque não havia cães nem terror nem paixão nem encontros nem nada além da mentira que o outro eu de mim inventara. Eu nada disse a Pedro. Apenas observei Virgínia caminhar até a porta do banheiro para explicar tudo a Arthur, e pouco depois, o martelo nas mãos, voltar à cozinha, entregar sua luneta a Raul antes de começar o trabalho, então despregar lentamente as tábuas das janelas. As batidas do martelo misturavam-se aos sons do piano. Ajudada por Linda e Ísis, escancarou de repente as duas janelas. Era possível ver uma lua cheia subindo no céu, cor de laranja denso atrás dos montes, vento fresco como se viesse do mar, embora estivéssemos no centro de todas as terras, entrando pelas janelas abertas para fazer esvoaçar nossos cabelos, arrepiar os pêlos de nossos bra-

ços, esfriar nossas faces. Acho que sorri quando, acompanhada pelos outros, Virgínia enveredou pelo corredor, detendo-se à porta de Marcelo para tomá-lo pela mão, sem dizer nada. Pararam todos à frente do quarto de Anaís. Pensei que não me queriam com eles, mas Pedro também me tomou pela mão e eu me deixei levar.

DÉCIMO PRIMEIRO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Também conheço esse jogo. Agora pões a trunfa marroquina de espelhinhos, miçangas, bordados e cordões. Como uma coroa, sobre a cabeça. Acendes o incenso, a vela, jogas o sal marinho nos quatro cantos, a água, a toalha branca. Te benzes. E reviras os olhinhos, dispondo Fatídicos Arcanos. Traças sinais cabalísticos no ar e dizes coisas, Sacerdotisa de Nada, lançando profecias como quem lança milho às galinhas. A cabeça sempre um pouco baixa, para disfarçar a arrogância de ter sido A Grande Escolhida. Porca, porca, porca. Cumpres Com Humildade Tua Amarga Sina De Ser Assim Abnegadamente Superior. E te melas toda no visgo das estrelas, te encharcas de visões equivocadas. Depois procuras o ponto de fogo entre as coxas, e só então suspiras, aliviada de tanta santidade. Ainda continuas? Pára, te ordeno. Não tens esse direito. Há mais. Onde? Tenho todos os direitos, só não suporto mais. Como discipliná-los, agora? Pensei que se conseguisse estaria livre. Pensei que se denunciasse a perdição deles me livraria da minha. Agora também me perdi. Destinos, anúncios luminosos. Faz um esforço, vamos. Apunhala, grita, arremata: Xangô te guia, machado em riste.

XI. VIRGÍNIA

Desde o início soube. Na verdade, desde ontem, desde antes. Mas me limitei a observá-los, enquanto me aplicava nos cálculos para que não se emaranhassem os destinos nem se equivocassem os ângulos entre os planetas, as cúspides, os luminares. Embora nem sempre me ouvissem, falava assim mesmo. Dizia de Netuno embaçado, tornando ainda mais sangrenta a fúria de Marte, do movimento maléfico de Mercúrio, unido à Lua para obscurecer a luz do Sol, do brilho mais forte de Vênus, em sua Casa, trazendo à tona as funduras de Saturno. Sobre todos, pairava Urano, a estimular o presságio da estranha abundância provocada por Júpiter, enquanto mais longe, por trás da consciência, como o jorro de lava dos vulcões, Plutão faria explodir o pus de todas as feridas: dependeria de nosso exercício de alquimia saber transmutar o gosto nojento desse visgo amarelo em outro sabor mais limpo. Para isso estávamos ali, em teste, sem passado nem futuro, suspensos. Mas a mim não importava o que se fora: queria o passo à frente. Além ainda de inesperadas sinastrias, bizarras quadraturas das quais vinha tentando inutilmente avisá-los, tanto tempo antes. Respeitavam a isso que chamam de minha "loucura", mas solicitavam-me às vezes, pobremente, quando seus amores se complicavam, quando seus bens se perdiam, ainda que cinco minutos depois já não lembrassem de minhas palavras. Que talvez não sejam definitivas, mas buscam sempre por essa região que entre a larva e a borboleta acontece num segundo no interior da crisálida para anunciar um próximo e possível vôo, numa vida que não durará mais que um dia, de tão perfeita se armou. Porque não quero voltar outra vez a este plano de movediços terrenos enganosos.

Sei bem de mim que, quando o sol encontrar novamente meu sol, talvez no próximo verão, também estarei partindo: completa.

Não lhes disse isso. Não era preciso. Não porque, mais uma vez, não entenderiam, mas sim porque depois de desfeita a desordem instaurada por Júlio, até que se inaugurasse nova ordem, menos precária que esta, alguém precisaria ir em frente. Me limitei a chamar Arthur, apanhar seu martelo, entregar minha luneta a Raul e arrancar as tábuas pregadas sobre as janelas da cozinha. Com a ajuda de Ísis e Linda, escancará-las para que entrasse o ar noturno e a luz da lua cheia. Chamei também Marcelo, à porta de seu quarto, que me abraçou com ardor, umas ardências das quais talvez precisarei, até minha partida, no próximo verão. Por isso tomei-o pela mão, trouxe-o comigo, porque me agradam suas sobrancelhas espessas, unidas graves sobre o nariz, seu olho de quem não teme matar e sempre planta. Estendeu-me um tomate maduro mordido, que mordi também, passando-o depois aos outros. É o primeiro, ele disse. Um por um, nós o provamos, parados à frente do quarto de Anaís. Sem querer, pensei obscuramente, antes de bater, qualquer coisa assim: porque me antecede, ela sabe mais. Repito, ainda não é claro: porque ela me antecede, talvez saiba mais, se me amparar no passado verei mais claro o futuro. Bati três vezes.

Entre a confusão de panos roxos, cristais, fumaça de incenso, quadros, sininhos, tecidos orientais pendurados do teto sobre a cama, livros, frascos, papéis escritos, Anaís sorria, muito calma. Estendeu para mim as duas mãos em concha, cheias de comprimidos brancos, depois jogou-os ao chão. Júlio quis começar a dizer alguma coisa longa demais, e um tanto confusa, mas com um sinal ela fez entender que não era preciso. Depois apanhou as folhas de papel sobre a cama, sentou-se na

janela aberta — esteve aberta o tempo todo, disse, ordenando as folhas — e perguntou se queríamos entrar para ouvir. Marcelo tentou abraçá-la. Ela afastou-o com um gesto delicado, querendo dizer que não, que agora não, que desse jeito não, que assim não, que não mais, quem sabe nunca. Servindo-se de um desses licores açucarados que costuma fazer, tão roxo que acho que era o de violetas, Anaís começou a ler.

DÉCIMO SEGUNDO FRAGMENTO DA DÉCIMA TERCEIRA VOZ

Não consegui. Do grande esforço através dos doze meses, doze signos, doze faces, só guardo essa certeza. Que tonta travessia. Tudo bem, descansa. Faz parte, não conseguir. Como Sísifo, se queres mitologias. Queres ainda? Por favor, estou farto. Brilhos baratos, as jóias eram todas falsas. Está certo, mas não quiseram te fazer mal. O mal não existe, é igual ao bem. Tanto faz, só peço que me deixem. Vou ficar encostado na árvore até amanhecer. Olhos abertos, feito uma vela acesa. Se ela insistir, direi que não tenho piedade alguma. Que não compreendo, não aceito nem perdôo mais a loucura. Se ele vier, pedirei que fique. Serei bom para ele. Mentira, não pedirei nem direi nada a ninguém: é indivisível, aprendi. Talvez consiga dormir. Talvez consiga acordar amanhã finalmente livre de tudo isso. Terei apenas um corpo, poucos pensamentos, todos pequenos. Sei que foi inútil quando os vejo obstinados recomeçar e recomeçar e recomeçar sempre. Uma serpente que morde a própria cauda, um círculo infinito de enganos, Maya. Talvez não, perdeste a fé? Não te castiga

assim, está tudo em paz. Nunca houve cães. É como uma cantiga de ninar nas cinzas do fim do mundo. Um barbitúrico, se preferires. Entorpece, melancólico, te leva para longe. Já se perdeu, não há futuro. Repousa, meu amigo. Deixa-me passar a mão nos teus cabelos. Está amanhecendo. Em voz baixa, eu canto para te enganar.

XII. ANAÍS

Sabia que em breve estariam aqui. Estou um pouco tonta, creio que misturei álcool demais neste licor. Mas com a janela aberta sempre posso colocar a cabeça para fora, em busca de ar. Meus pés doem, embora sejam o mais belo de meu corpo. Porque sei bem que, de mim, quando o sol novamente encontrar meu sol, talvez no próximo verão, quem sabe daqui a setenta verões, também estarei partindo: completa. Foi a última coisa que ouvi, parecia a voz de Virgínia. De certa forma, também a minha. Depois disso, mais nada. Foi então que soube que logo estariam aqui. Comecei a me preparar, acendendo o incenso de sândalo, arrumando sobre a cama as almofadas lilases, apagando a luz do canto, acendendo a da cabeceira, mais íntima, sob o lenço abissínio, para que me encontrem em paz e sintam-se perfeitamente à vontade nesta nuvem roxa suspensa que habito e que chamo às vezes, irônica, de "meu mundo".

Mais tarde explicarei, mas preciso dizer agora que soube de tudo no momento em que acompanhei os passos de Marcelo até a cozinha, até vê-lo debruçado sobre Raul. Foi então que corri. Alguma coisa me doeu, mas não o que começava a acontecer, nem os pés: eu

pré-sentia tudo o que viria. Parada na porta, espiando os dois, as imagens se sobrepunham sem controle na minha cabeça. Precisei então correr para o quarto, fechar a porta, abrir completamente as folhas da janela. Podia ver ainda uns restos de roxo nascidos do vermelho mais forte do horizonte para transformar-se no azul profundo da noite. Sim, eu estaria quieta em minha nuvem, numa tarde de fevereiro, talvez um pouco tonta, eu estive, corrigi, porque já tinha passado, embora não tivesse vindo, eu estaria absolutamente quieta, quem sabe ouvindo música, qualquer coisa sobre o difícil de sair às ruas onde sem parar correm automóveis e emoções se misturam enquanto pessoas mordem umas às outras, às dentadas, procurando matar a fome com pedaços, sem deixar nada em troca do membro decepado. Então invadirias subitossuave a minha porta e me falarias de coisas tão caras a mim, feita de frágeis, falsos encantamentos, como aquele botão de rosa branca que te dei, faz algum tempo, e depois se abriu espantosamente, feito uma estrela, assim durou, semanas, à tua cabeceira, como se eu te iluminasse, falarias por muito tempo ainda, provando ávido meus licores, a mergulhar falsamente sábio nessas magias onde sabes que tento me equilibrar, lembrarias uns toques oblíquos de antes, certos olhares a anunciar esse momento, velhos agostos em que te afastei de mim, porque te supunha menor, não me enganava, até mais tarde, tão naturalmente que nem eu nem tu saberíamos dizer de quem partiu o início do gesto, a mão de um tocaria redondaleve a pele do rosto do outro, para que começasse a acontecer tudo aquilo de beijos e suores e salivas e gritos de prazer, misturados num sonho não sei se meu o teu/meu corpo que já não sabia até onde era meu ou teu, sentindo sempre, desde antes do início do gesto, do toque, que não haveria depois, até este duro engano de hoje, e na manhã

seguinte, tonta, saciada do esplendor, meio morta, consumada no que julgara impossível, atravessaria o dia meio cega para descobrir vagamente que, além das mentiras, terias deixado em mim a semente de uma história complicada, esta, que arrastarei durante doze longos meses, até que todos brotem, até enfim te concluir primário, tosco, terrês, nunca capaz de compreender que além desta nítida dor cravada que por muitas vezes beirou a morte, porque te queria como se quer, vadia, humanamente, a solução de Deus no Outro, deixavas também um encontro que não aconteceu, que talvez nada esclareça, porque tudo é de vidro, porque brotou da confusão apaixonada que despertaste em mim, que te julguei esclarecendo a vida, peça final de um quebra-cabeça, peça inicial de outro, de um excesso de líquidos e desejos para sempre incompletos, mas que ficará, ainda que ninguém a entenda, esses ramos, esses castelos, como não ficaste, porque eras só mensagem de algo que ainda não sei, isso sei agora, o que não saberei, passageiro como o passo de um bailarino em seu vôo curto, porque minha fantasia ultrapassa tua dança e a miúda sede do teu corpo não passa de veículo mecânico, alheio, involuntário do divino ou demoníaco que suponho verbalizar. Quando voltar setembro, tudo estará acabado: pronto para refazer-se. Comecei a escrever sem saber o que dizia, e não parei. Não morri, nem enlouqueci. O que invento, me ultrapassa sempre. E tem asas. Agora também.

Ouvi as três batidas na minha porta. Eu contava os pequenos comprimidos sobre as folhas escritas, querendo morrer outra vez, quando ouvi as três batidas na porta. Antes de abrir, já os tinha visto, os onze, lado a lado, me olhando. Eu estava cansada. Mas sorri para eles. Juntei os comprimidos brancos entre as mãos que estendi para Virgínia, joguei-os ao chão. Júlio comeu a tentar explicar qualquer coisa que eu já sabia. Pego as folhas sobre a cama, convido-os para entrar. Mordo o último pedaço do tomate maduro que Marcelo me estende. Sento na janela aberta. Sopra um vento fresco do lado do rio. Sirvo para mim mesma uma dose do licor de violetas. Brindo a ninguém, a coisa alguma. A lua está cheia. Ordeno disciplinada as folhas. O verão acabou. E começo a ler para eles o que escrevi durante o tempo em que se batiam pela casa. Começa assim:

> *"Alecrim, artemísia, absinto, boldo, manjericão, verbena, camomila: eu estava na cozinha fazendo chá de ervas do campo quando soltaram os cachorros loucos."*

O Marinheiro

Para
Rubens Rodrigues Tôrres Filho

"Vede, vede, é dia já... Vede o dia... Fazei tudo por repararde s só no dia, no dia real, ali fora... Vede-o, vede-o... Ele consola... Não penseis, não olheis para o que pensais... Vede-o a vir, o dia... Ele brilha como ouro, numa terra de prata. As leves nuvens arredondam-se à medida que se colorem... Se nada existisse, minhas irmãs?... Se tudo fosse, de qualquer modo, absolutamente coisa nenhuma?"

(Fernando Pessoa: *O Marinheiro*)

I

Me veio numa tarde de sábado. Não de agosto, como os antigos, embora comigo mesmo costumasse repetir que os agostos haviam invadido setembro, avançado sobre outubro até descolorir o novembro que ia em meio. Me veio numa tarde de sábado, em novembro. Em comum com os agostos de antes, a chuva. E bateu à porta, essa mesma que pintei inteira de amarelo para dar uma ilusão de luz às sombras desta casa. Tenho que ser preciso, tenho que refazer, e para isso é preciso contar o que fazia antes.

Eu pintava os vidros das janelas com esses arabescos coloridos das tintas que saio às vezes para comprar. A casa é um pequeno sobrado, com poucas vidraças, numa ruazinha toda feita de sobrados pequenos apertados entre outros sobrados pequenos, portanto não há muitas vidraças, já que os dois lados estão inteiramente comprimidos entre duas outras casas. As vidraças da frente, na parte de baixo apenas uma janela e uma porta, dessas com um retângulo vertical de vidro, para que se possa ver o rosto de quem chega, antes de abri-la,

estavam completamente pintadas. São formas quase sempre abstratas, uns círculos, uns triângulos, só de vez em quando intercaladas por outras mais precisas, um olho aberto, um peixe, uma estrela, em tons principalmente de roxo e amarelo.

Gosto de permanecer ali na sala em raros dias iluminados, sobretudo ao cair da tarde, quando os últimos raios de sol varam os vidros para espalhar cores sobre os objetos. São muitos objetos, tantos que freqüentemente penso que daqui a algum tempo será difícil movimentar-me aqui dentro, no espaço que se reduz, quase todos feitos por mim mesmo. Como já disse, pouco saio, a uma certa renda sobre alguns imóveis deixados por meus pais me permite passar aqui dias inteiros, fazendo coisas com as mãos. Descobri faz algum tempo que as mãos se opõem à cabeça, e quando você movimenta aquelas, esta pode parar. Não sei se é uma grande descoberta, talvez não, mas de qualquer forma gosto quando a cabeça pára o maior tempo possível, caso contrário enche-se de temores, suspeitas, desejos, memórias, todas essas inutilidades que as cabeças guardam para deixar vir à tona quando as mãos estão desocupadas. Ocupo-as, então, fazendo coisas que depois disponho pelos cantos.

Há longas tiras de pano colorido ou papel crepom penduradas do teto, pelas portas, há cortinas, longos fios de contas ou sementes enfiadas em cordões que balançam emitindo sons nas poucas vezes em que abro as janelas para que entre o vento, restos de manequins, braços e pernas e troncos e cabeças que costumo recolher nas latas de lixo quando saio a caminhar, nas horas em que não há mais ninguém nas ruas, e cacos de louça, garrafas cheias de água de muitas cores, pedaços de caixotes que também pinto para que não pareçam demasiado crus, e ainda recortes de figuras ou velhas fotografias que vou colando pelas paredes, montes de palha, fitas, flores secas, sobretudo rosas, sobretudo vermelhas, cujas pétalas depois de mortas ganham uma tonalidade de sangue coagulado. Isso me pacifica.

Naquela tarde, porque chovia e não havia luz suficiente para que eu pudesse permanecer na sala, vendo as cores dos vidros desdobradas em outras sobre os objetos, tinha caminhado pela casa toda procurando algo para fazer. Cheguei a pensar em pintar as vidraças na porta do andar inferior, a que dá para o pátio interno, mas só depois de preparadas as tintas, as águas, os pincéis, percebi que não gostaria de permanecer ali sentado, vendo as poucas plantas incharem com a água da chuva, o caminho de pedras que leva até o tanque cobrindo-se de folhas caídas.

Foi então que subi para o quarto da frente, no andar superior, decidido a pintar os vidros que dão para a rua. É uma dessas janelas em forma de guilhotina, dividida em duas partes, cada uma delas com dois vidros retangulares, separados por uma tira estreita de madeira. Fiquei indeciso entre qual das quatro partes pintar primeiro, e acho que começava a escolher o segundo vidro, a contar de baixo para cima, pois é justamente o que dá para a casa em frente, e mais de uma vez surpreendi os vizinhos olhando aqui para dentro, com as luzes apagadas, esperando descobrir qualquer coisa na minha vida que eles não compreendem.

Não sei quem são, os vizinhos. Vejo alguns rapazes, algumas moças, mas tantos e sempre tão diferentes — na verdade não sei se diferentes ou os mesmos, apenas não presto muita atenção neles cada vez que os vejo, porque não me interessam. Como supunha que eu também não interessaria a eles: as cidades grandes, como esta, têm dessas coisas — você não precisa simular interesse algum pelas pessoas em volta, elas não exigem mais

que um *bom-dia, boa-tarde, boa-noite,* às vezes nem isso, silêncio nas horas em que se costuma fazer silêncio, ruído nas horas em que usualmente se faz ruído. Não faço ruídos nem mesmo nessas horas: eliminei máquinas, televisões, rádios, embora goste de música. Mas quando quero ouvi-la, canto para mim mesmo, quase sem voz, um som irregular, cheio de altos e baixos, que vem do fundo da garganta, sem palavras. Talvez seja essa ausência de ruídos que os interessa, os vizinhos, ou quem sabe os intriga a muralha de vidros coloridos interposta entre o de-dentro de minha casa e o de-fora dela, não sei. Rindo um pouco comigo mesmo, porque a pintura do segundo vidro na janela do quarto dificultaria ainda mais a observação da minha vida, eu me preparava para começar o trabalho quando alguma coisa no segundo quarto me chamou.

Não sei mais há quanto tempo mantenho vazio o segundo quarto. Desde que se foi, não o que chegou na tarde de sábado, mas um outro que viveu ali, faz algum tempo. Também não sei quando. Para isso teria que saber também a minha própria idade, mas não posso sabê-la desde que rasguei todos os documentos e começaram esses estranhos buracos na memória, ocultando lembranças importantes para deixar emergir outras, ao acaso, como cenas isoladas, sem importância alguma, mas com extraordinária nitidez.

Uma delas, que me enche de pânico cada vez que volta, sem que eu tenha controle algum sobre o seu aparecer ou desaparecer, é a imagem de uma mão humana segurando fortemente o ponto central entre duas asas brancas, tão brancas e tão grandes que imagino pertencerem a um cisne, uma garça ou outra dessas aves de pernas compridas, que ficam nos banhados. As grandes asas brancas, sem mancha alguma, debatem-se com fúria e impotência enquanto essa mão as prende firmemente.

Não chego a ver inteiramente os dedos, mergulhados nas penas: vejo somente as falanges, depois as costas de uma mão grande, morena, forte, cheia de veias azuis estufadas de sangue pelo esforço. Talvez seja uma mão masculina, pois as bordas externas estão cobertas por uma vaga penugem escura, mas sempre penso que poderia também pertencer a uma dessas mulheres rudes do campo, não sei. Quase consigo ouvir os gritos da ave. Quando a lembrança é mais demorada, algumas penas voam em todas as direções. Tão nítidas que, se eu abrisse os olhos, imagino que poderia vê-las, as penas, caindo pelos cantos, sobre meu corpo, sobre os objetos. Mas nunca abro.

De alguma forma, essa cena costumava retornar com mais freqüência quando me olhava ao espelho, e foi talvez um pouco por isso que resolvi eliminá-los de casa. Sem querer, vejo às vezes minha própria imagem refletida em alguma das vidraças ou no fundo de um copo, mas desvio logo os olhos. Mesmo assim posso perceber uma sombra difusa: parece cinza e longa. De certa forma, então, o que poderia dizer de mais exato, se quisesse descrever a mim mesmo, seria algo assim: sou cinza e longo. Ou: é cinza e longo o que de mim, obliquamente, se reflete em certos vidros.

Mas falava no segundo quarto. Tentando agora recompor tudo que se passou antes da chegada dele, naquele sábado de novembro, me ocorre que talvez tenha sido um rumor leve como o debater de asas que me levou até lá. Abandonei as tintas e caminhei em direção à porta. Desde que se foi, o outro, nunca mais consegui ultrapassar esse limite. Da porta que não ultrapasso, posso ver as rachaduras nas quatro paredes, o piso riscado, a janela de vidraças sem pintura voltada para o pátio. Quase sempre, vou me curvando lentamente para o chão enquanto tento virar do avesso um desses bura-

cos na memória. E procuro, então, ao invés do escuro, trazer de volta certa claridade, e dentro dela a face, o jeito, quem sabe mesmo a voz ou o cheiro que o outro teve quando ocupou o segundo quarto e, de certa forma, também um determinado espaço nisso que, talvez impreciso, costumo chamar de: *a minha vida*. Nunca consigo. Quando toco, depois, no meu próprio rosto e, no limite dos dedos, percebo sulcos fundos ou bruscas protuberâncias na superfície da pele, pergunto se não teriam nascido ou pelo menos começado a afundar depois daquela partida. Parece-me agora, tanto tempo depois, que as partidas-dolorosas, as amargas-separações, as perdas-irreparáveis costumam lavrar assim o rosto dos que ficam. E do buraco negro da memória que ocupa agora o espaço anteriormente ocupado por essa pessoa — sim, era uma pessoa que não lembro —, ao invés de faces, jeitos, vozes, nomes, cheiros, formas, chegam-me somente emoções confusas ou palavras como essas: doloroso, amargo, irreparável.

Eu estava então ali parado na porta aberta do quarto vazio, cheio de rachaduras nas paredes, piso riscado, vidros nus, já a me curvar em direção ao assoalho para tentar lembrar quando, de repente, tive certeza que esse outro me abandonara no que eu poderia chamar de: a metade de *minha vida.* Portanto, a idade que tenho agora, ou que tinha naquele sábado, deveria ser exatamente o dobro da idade contada a partir daquela perda. E de alguma forma, por ser justamente naquele sábado de chuva, em novembro, na tarde, essa perda — ou partida, ou ausência, ou separação, ou como queiram chamá-la — atingia seu justo dobro. Alguma coisa tinha sido inteiramente paga, como um ciclo se fecha, um trânsito ou uma lunação acaba, dando origem à outra que será completa até o seu reinício. Eu poderia pensar que a partir de então conse-

guiria entrar naquele quarto, vedar as rachaduras das paredes, pintar meticulosamente os vidros, enchê-lo de trapos e papéis e palha e cascas e flores secas, como as outras peças da casa, acabando com o seu deserto. Me ocorre, essa é outra coisa que poderia dizer de mim mesmo, quisesse ser preciso: além de cinza e longo, tenho um quarto vazio por dentro. Pensando nisso, poderia, quem sabe, me sentir mais inteiro, como se, à medida que fosse me apropriando de cada peça da casa, uma por uma, como quem finca uma bandeira em território novo, me tornasse também dono de novos territórios de mim mesmo. Mas não sei se saberia o que fazer com essa inteireza, possivelmente não me sentiria mais feliz com isso. Então, para quê?, fui pensando ali parado, sem querer admitir que por trás desses pensamentos escorria um outro, feito cobra silenciosa entre juncos de beira de rio, em mais uma das imagens que a memória costuma devolver, inesperada: sobre a grama verde-claro, úmida, entre juncos, na beira do rio, desliza uma cobra que quase não consigo ver, tão misturada está a cor de sua pele à cor da grama e dos juncos. Não vejo também sua cabeça, nem a cauda: somente a metade escorregadia, lentíssima, amassando suave a grama, contornando viscosa as hastes esguias dos juncos.

Enquanto meu corpo se curvava em direção ao piso, temi que voltassem as asas, a cobra. Mas chovia tanto que o ruído dos pingos abafaria por completo não só aquele quieto rastejar como também o debater violento das asas brancas. No entanto, o que vinha à tona, mais sinuoso que o movimento da cobra, mais branco que as asas, era um pensamento tão disparatado que eu não tinha coragem de dar-lhe forma.

Eu não queria mais ter esperanças, essa coisa gentil. Isso que chamo de *minha vida,* ou o que restava dela,

e não deveria ser muito, porque o passeio dos dedos pelo rosto revela sulcos cada vez mais fundos, estava creio que deliberadamente reduzido àquele subir e descer escadas, mexer nas tintas, recortar papéis, pintar vidraças, enfiar contas, caminhar às vezes pelas ruas esvaziadas de gentes, tarde da noite. Eu tinha escolhido assim, num remoto dia qualquer em que deixei de acreditar, não lembraria quando, e isso era para sempre — tanto quanto pode ser para sempre o que, por estar vivo, tem um coração que bate mas, imprevisto, fatal, um dia deixará de bater. Por não querer mais depositar esperanças em nada que pudesse vir de fora, já que de dentro nada mais viria, estava certo, além dessas imagens assustadoras da memória, curvei-me até o chão, uma das mãos na cabeça, como se segurasse o ponto de encontro entre duas asas, a outra procurando o assoalho, como se mergulhasse numa touceira espessa de juncos, até encontrar a grama molhada de beira de rio, tocando a pele fria daquela cobra.

Foi principalmente para não gritar — acabo sempre fazendo coisas para não gritar, como contar esta história —, já que o grito faria ruído, e o ruído abalaria os vizinhos, esses mesmos que entram e saem, e com isso, se soubessem de mim que sou cinza e longo, e possivelmente sabem, pois deve ser justamente essa a silhueta que vêem através das vidraças, que tenho um quarto vazio, isso não descobririam, desde que jamais entrarão em minha casa, saberiam também que dou gritos em horas inesperadas. Para que ninguém soubesse mais nada de mim, deixei que ganhasse forma e viesse lentamente à tona aquele pensamento, que não era exatamente um pensamento, mas algo mais fundo, como uma anunciação, um pressentimento. Alguma coisa muito dentro de mim dizia algo informe, sem

palavras, que poderia talvez ser expresso como: o outro voltará.

Paro um pouco, agora. Fiquei exausto tentando dizer sem conseguir. Não sei se me estendo demasiado, assim, mas é desse jeito que tudo surge, com enorme esforço para brotar, e brotando turvo, emaranhado, confuso. Contar é desemaranhar aos poucos, como quem retira um feto de entre vísceras e placentas, lavando-o depois do sangue, das secreções, para que se torne preciso, definido, inconfundível como uma pequena pessoa. O que conto agora é uma pequena pessoa, tentando nascer.

Talvez num novo outro, o outro antigo voltará.

Foi assim que me veio, cobra, ave, na tarde de novembro. Mas ao invés dessas imagens ou de outras, que também vêm, às vezes, o que chegou junto com as palavras claras como se ditadas por alguém visível, tangível, solto dentro de casa, foi um cheiro a princípio sem nome. Um cheiro grosso, nem bom nem mau, um cheiro vivo de coisa em constante movimento, um cheiro vivo de coisa grande viva, cheia de miúdas infinidades de outras coisas também vivas dentro dela. Custei a reconhecê-lo, há muito tempo não o vejo, e é mais difícil talvez identificar um cheiro ou um gosto de algo distante do que uma imagem. Não havia imagem. Era como o vento. Ardia na pele, feito tivesse sal. Tinha sal, esse vento que não era vento.

Era um cheiro de mar: reconheci por fim.

Talvez num novo outro, o outro antigo voltará: junto com as palavras claras, vinha um cheiro vivo de mar. Parado ali no chão, eu sentia que dentro de mim alguma coisa nova estava nascendo. Ou pressagiava o que viria também de fora e seria completo, pois são completas as coisas quando acontecem assim: depois de anunciadas por dentro, criando um estado capaz de

receber o que virá de fora. Como um telegrama, um telefonema, um aviso qualquer previamente anunciando a chegada, para que se possa arrumar a casa, tirar a poeira dos cantos, preparar a cama, trocar lençóis, limpar os pratos, as poltronas, recebendo o hóspede ao mesmo tempo desejado e inevitável.

Começava a anoitecer quando levantei do chão e voltei ao meu quarto. Em cima da cama, estavam as tintas com que começaria a pintar os vidros. O cheiro de mar era tão intenso que pensei em abrir a janela para que o ar circulasse melhor, afastando-o dali. Com aquele cheiro suspenso, a casa parecia uma ilha, um navio seminaufragado, um farol. Foi quando levei as mãos à parte de baixo da guilhotina, para erguê-la, que eu o vi dobrando a esquina para aproximar-se da casa. Continuava chovendo sem parar, a luz do crepúsculo por trás das gotas de chuva tornava ainda mais vagos os contornos dos objetos. Mesmo assim, tive certeza.

As mãos nos bolsos, vestido de branco, o marinheiro dobrava lentamente a esquina da rua, como se não se importasse com a chuva.

Na casa em frente, havia música e movimento. Por um momento, então, quis me enganar, imaginando que ele bateria naquela porta, não na minha. Porque eu não conhecia nenhum marinheiro, porque eu não recebia visitas, porque há muito tempo havia afastado disso que chamo: *a minha vida:* toda e qualquer pessoa que pudesse bater à porta numa tarde de sábado assim, inesperada, porque nesta cidade sequer existe mar, porque afinal o resto do caminho não só estava traçado como era inabalável. Entre aqueles trapos, aquelas contas, aquelas cores, sem nunca ver de perto um outro rosto humano, a não ser numa cruzada ocasional, tarde da noite, pelas ruas, com algum desconhecido sem importância, sem encarar de frente sequer meu próprio

rosto, a tal ponto me desgostavam o humano de mim e dos outros, próximos ou distantes, e de todos. Dentro do marinheiro que vinha pela chuva havia uma coisa humana, ameaçadora, estrelada, dobrando a esquina, ignorando as luzes, a música, os movimentos da casa em frente para atravessar a rua e, detendo-se sob minha janela, bater à porta.

O cheiro de mar tornou-se mais forte quando ouvi as primeiras batidas. Contraí os olhos, feridos pelo ar subitamente mais salgado. Com as duas mãos espalmadas contra o vidro, eu estava suspenso entre algo que começava a fechar-se e algo que terminava de abrir-se. As batidas continuavam. Eu precisava fazer alguma coisa, talvez descer as escadas, abrir a porta, deixar que entrasse. Ao fazer qualquer uma dessas coisas, teria de aceitar que algo se fechara, e abrir a porta para que o marinheiro entrasse seria também permitir que esse outro algo terminasse de abrir-se, me levando para um caminho imprevisto.

Como eu demorava a atender, lá embaixo ele recuou um pouco e olhou para cima. Então me viu. Ele viu meu rosto, esse mesmo, que já não sei a forma, e eu vi seu rosto, que não identifiquei, molhado pela chuva, esperando uma resposta.

Tive medo que as asas ou a cobra pudessem me impedir de começar a descer as escadas. Mas nada aconteceu. Ao invés dessas, uma nova visão me tomou no primeiro degrau: de um espaço aberto como o convés de um navio eu podia ver, na linha do horizonte, atrás de outro navio, seminaufragado entre rochas de coral vermelho, uma ilha pedregosa com uma baía de areias tão claras que brilhavam, ofuscantes, na luz do sol. Havia sol também, descobri enquanto avançava, não só porque as areias brilhavam mas porque brilhava também a água do mar, cheia de cintilações como dia-

mantes miúdos na crista das ondas quebrando na praia da ilha. E mais além da praia, percebi, sobre uma elevação, um farol apagado, porque era dia, erguendo-se quase desafiador contra o céu, continuei a ver, inteiramente azul, sem nenhuma nuvem. O ar era tão limpo que pisquei, as retinas machucadas pelo excesso de luz.

Quando tornei a abrir os olhos, tinha acabado de descer a escada e olhava uma silhueta esbranquiçada atrás dos roxos-amarelos pintados no pequeno retângulo vertical de vidro na porta de entrada. Pensei em abri-lo, para entender o rosto que vinha antes de permitir sua entrada. Não consegui. Quase cego pelo verde do mar, pelo cristal branco da areia, pelo azul do céu que acabara de ver, pela transparência do ar, estendi a mão, dei a volta na chave e abri a porta.

II

— Abraça tua loucura, antes que seja tarde demais — ele disse, e seus olhos tinham a cor do mar. Tinham a cor exata de quem, por muito tempo, todas as horas, todos os dias de muitos meses e anos, olhou detidamente o mar, acompanhando o vôo das gaivotas, interrompendo-se em rochedos, nivelando-se ao movimento incessante das ondas. Verdes, de um verde movediço, entre o denso do vidro e o suave da hortelã recém-plantada, líquidos, como água móvel, interior de gruta, rasos de pedras claras, visíveis: os olhos vivos do marinheiro me olhavam, molhados pela chuva, vértice de um novo movimento para onde eu convergia inteiro.

Para olhá-lo, também eu precisava de certa loucura. Essa, que me indicava. A mesma a que me tenho negado, em susto, atravessando cotidianos de monótonos côncavos deliberados, movendo-me pelos labirintos coloridos desses interiores sempre previstos, embora absurdos. Não havia sol, naquela tarde, nem cores caindo sobre os objetos. Eu não estava distraído nem tinha disfarce algum quando ele me olhou. Ele não tinha nenhum disfarce quando eu o olhei. Mas não devia me permitir escorregar naquele mergulho de peixes quem sabe vorazes, isso só compreendo agora, e com esforço, sete dias depois de sua partida, uma garrafa de vinho tinto, a chuva se foi, restaram o frio e a umidade que amolece papéis e vontades, aberta ao lado da janela escancarada para a noite enorme lá fora, onde ruge uma cidade estufada de rumores e procuras. Preciso dizer neste momento, embora talvez não caiba aqui: ainda que me tenha isolado assim, drástico, ainda que elabore dentro de mim e da casa pacientes, irrefutáveis justificativas para ter cerrado as portas ao de fora, o humano que afastei através dos vidros coloridos, esse humano dói, palpita, transpira, ofega e tem ritmos suarentos fora de mim.

À minha frente, porta entreaberta, as gotas da chuva caindo sobre sua roupa branca, como se eu tivesse acendido uma vela com o pavio voltado para baixo, o marinheiro me olhava.

— O quê? — perguntei. Só compreendo agora: talvez não pudesse aceitar o convite. Perguntei como quando você diz *acho que vai chover*, ou *está frio hoje*, ou *me dá um cigarro*, ou qualquer outra coisa assim, sem importância, pressupondo que eu e ele nos movimentaríamos ainda segundo os ritmos mecânicos, na dança urbana dos passos ensaiados de além dos vidros pintados de roxo-amarelo. Mas ele repetiu claro:

— Abraça tua loucura, antes que seja tarde demais.

— De onde você veio? — perguntei ainda, a mão na porta me separando dele.

— Vim da tua visão anterior — ele afastou as tiras coloridas que pendiam da porta. Gentilmente, mas seguro, afastou também meu braço, não como se pedisse licença para entrar num lugar que não lhe pertencia, mas ocupando o espaço que lhe era destinado. E repetiu: — Venho de tua visão imediatamente anterior a esta de agora, embora eu não seja uma visão.

— Quando... eu descia as escadas?

Fechei a porta às suas costas.

— Quando você descia as escadas. Daquele navio atracado na baía. Essa, de areias brancas ofuscantes, a praia daquela baía, naquela ilha. Você não viu que daquela praia partia uma estrada, subindo pelas rochas, até o farol?

Perguntei se não queria sentar.

— Estou muito molhado — disse, afastando um monte de palha para ajeitar-se entre algumas almofadas. Tinha pernas longas, sapatos cobertos de uma lama escura onde havia alguns talos de grama grudados, vi quando estendeu os pés, eu parado no espaço à sua frente.

— Você andou na grama?

— Andei. Logo após a areia branca da baía, havia uma grama alta. E mais adiante, um rio.

— E você viu então uma cobra deslizando entre juncos, na beira do rio?

— Sim, uma cobra verde. Dessas que não fazem mal a ninguém.

— Você a matou?

— Não mato o que não ameaça. Nem o que vive. Eu apenas passei.

— E a ave? Viu também a ave?

— Estava no meio do caminho. Me limitei a afastá-la.

— Segurando naquele ponto exato onde as asas encontram uma com a outra?

— E onde mais? — puxou o cachimbo do bolso, com a mão direita. Bateu-o três vezes, boca para baixo, contra a palma da mão esquerda. — Apanhei muita chuva. Tem alguma bebida forte?

— Os marinheiros costumam beber rum — eu disse, enquanto ele levantava a mão espalmada em frente ao meu rosto. Era uma mão grande, morena, forte, cheia de veias azuis salientes pelo esforço, as bordas externas cobertas por uma vaga penugem escura.

— Isso é lenda — de um pacote de fumo tirado do outro bolso, ele enchia lentamente o cachimbo. Teve uma espécie de sorriso. Um brilho de ouro, no fundo de sua boca, eu vi. — Bebo qualquer coisa. Desde que seja forte.

Entrei pelo pequeno corredor para ir à cozinha apanhar a garrafa de conhaque. Havia alguma coisa como uma vertigem na minha cabeça, mas meus gestos eram precisos. Atravessei o corredor, a segunda sala, alcancei a cozinha onde tirei de um armário a garrafa e dois cálices. Eram cálices perfeitos, desses levemente ovalados, a boca mais estreita que a base bojuda. Tenho uma bandeja azul, não é uma bandeja especial, mas é bonita, de vidro azul, e brilha, sobre a qual dispus a garrafa com os dois cálices. Em certos dias de luz, como aquele sábado não era, costumo colocar a bandeja azul ao sol, quando há, para que sua cor reflita os raios amarelos. Mudam de cor, dançam, circulam pela casa toda, pelo pátio, rebrilham, os raios. Com a bandeja nas mãos, voltando à sala, queria dizer a ele que estava atravessando a casa com o melhor que tinha

nas mãos: uma bandeja de vidro azul, uma garrafa de conhaque e dois cálices perfeitos.

Cruzava de volta a segunda sala, depois o corredor, quando me chegou uma nova visão. Ela não voltou, depois que ele se foi. Portanto o que tive daquela visão foi apenas o que houve naquele momento.

Atrás de uma janela de vidraças divididas em vários pedaços miúdos, estava o rosto de uma moça. Ela tinha uma das mãos, talvez a esquerda, aberta e apertada contra a vidraça. O outro braço suponho que estivesse caído ao longo do corpo, porque de onde estava não conseguia vê-lo. Uma franja espessa cobria sua testa, e entre o cabelo cortado na nuca e o rosto lavado eu podia ver um brinco cintilando. Um brinco longo, talvez com uma pérola ou um diamante suspenso na extremidade de um fio de ouro, e de alguma forma o sol ou outro tipo de luz, não das estrelas, porque não seria suficiente, embora bonito, devia bater contra a vidraça, pois a ponta do brinco, a pérola, ou a esmeralda, ou o diamante, ou o rubi, cintilava, estrela mínima de sete pontas. Prefiro pensar agora que era um rubi, tinha um brilho vermelho como num Cristo flagelado que vi certa vez num museu, faz muitos anos. Chorava, o Cristo. Essa lágrima, de sangue, era um rubi. Do lado direito da boca da moça, um leve vinco, como esses de quem apenas tem vontade de sorrir ou por alguma razão precisa esconder uma espécie de divertida amargura. Mas no canto esquerdo, havia apenas dureza. Ou vazio. Ou nada disso, não importa.

Fui me libertando aos poucos da visão. Como quem atravessa uma cortina de contas penduradas, dessas que se enovelam no corpo, com movimentos brandos, de ombros, cintura, pescoço, aos poucos os fios se desembaraçando dos membros. Um dos olhos dela sorria, cúmplice. O outro criticava, cínico. Quando depositei

a bandeja azul aos pés dele — tinha descalçado os sapatos, sustentava o calcanhar de um dos pés sobre os dedos do outro, as mãos cruzadas atrás da nuca —, perguntou servindo-se:

— Quem era ela?

— Ela, quem?

— A moça na janela.

Eu me acomodei nas almofadas à sua frente. Minhas pernas ficaram estendidas ao lado das dele. Devagar, enchi nossos cálices. Não tínhamos pressa. Estava anoitecendo. Chovia. Era sábado, era novembro. Atrás de qualquer palavra que disséssemos havia outras, mais tranqüilas, porque tínhamos conseguido atravessar quase mais um ano inteiro — eu, ele, todos —, e tinha sido duro, mesmo que nem eu nem ele nem ninguém depois de um tempo fôssemos capazes de distingui-lo especialmente dos anteriores, tão iguais a esse que passava. Mas estávamos ali, como dois sobreviventes — para usar a linguagem que ele provavelmente teria, se falássemos disso — de um naufrágio. Ou, para usar a minha própria linguagem, essa de gente que vive amontoada entre outras gentes, mesmo quando se retira, porque a vida incha lá fora, invadindo as janelas fechadas, sobreviventes de uma série descolorida de fracassos iguais, e mesmas tentativas, idênticas queixas, esperas inúteis, mágoas inconfessáveis de tão miúdas. Eu podia falar lento, deixando o que dizia escorregar da garganta para a língua, da língua em movimento contra o céu da boca para os lábios, que com o ar soprado entre os dentes formaria palavras um pouco ao acaso, sem muita importância, dizendo coisas como:

— A moça. A moça na janela.

— Sim, a moça na janela — bebeu mais um gole, me olhou atento.

— Eu a tive, um dia — fui dizendo sem dificuldade, exatamente como previra: de algo profundo como o estômago ou os intestinos, subia pelo peito, atravessava longos canais escuros, atingia a língua, debruçava-se sonoro, quem sabe incompreensível, para o outro. Era assim, conversar, fui redescobrindo enquanto contava: — Não sei se era ela. Uma moça pálida. Tinha algumas sardas nos ombros. Essas manchas castanhas, às vezes avermelhadas. Ela as tinha, nos ombros. Sei porque via sempre seus ombros nus. — Toquei no pé dele, as meias brancas molhadas de chuva. — Eu a tocava assim, nos pés. E apertava. Ela sempre me sorria. Gostava de pintar a boca de vermelho forte. Você consegue imaginá-la? Muito branca, aquelas sardas nos ombros, a boca pintada de vermelho forte. Gostava de vestir-se de preto, também. Embora eu costumasse dizer que não era bom, absorvia vibrações, todas as vibrações, as energias. Boas, más: todas. Então a boca pintada de vermelho forte, vivo, ressaltava ainda mais. Qualquer coisa vermelho vivo, a boca, entre o preto do vestido e o branco da pele.

Ele tornou a encher o cálice.

— Você gostava dela?

— O que é essa coisa: *gostar*?

— Você sabe.

— Acho que sim. Embora não parecesse. Tanto, tanto tempo.

Bebi mais. Que não tinha importância, gostar, o passado, a moça, os pés. Eu não podia ter memórias. Acho que disse isso em voz alta. Ou não era preciso, porque ele falou:

— Por que não, ter memórias?

Os buracos negros, eu quis dizer. Mas fiquei quieto, desejando apenas ter um disco qualquer de cítara tocando para que, nesse momento, pudéssemos interrom-

per a conversa para prestar atenção num acorde qualquer entre duas cordas, mais um silêncio que um som. Sempre podíamos ouvir a chuva, seu bater compassado na vidraça. Ou acompanhar com os olhos as gotas escorrendo atrás do roxo e do amarelo. De pontos diferentes, às vezes, duas gotas deslizavam juntas para encontrarem-se em outro ponto, formando uma terceira gota, maior. Mas talvez ele achasse tedioso esse tipo de diversão.

— Ter memórias — repeti.

Mas não era aquela moça, nem aquela a tarde, que tudo que foi de mim perdeu-se no inatingível centro obscuro desses buracos. Começava a ficar tonto com a bebida. Quis dizer a ele que a cidade não tinha mar, que eu apenas pretendia pintar a segunda vidraça de baixo para cima, para que os vizinhos não conseguissem espiar a minha vida. Quando pensei nisso, tive a sensação esquisita de estar girando dentro e junto com uma agitada roda colorida. Subia e baixava, eu, a Roda da Fortuna, nos braços às vezes de um demônio sombrio, vestido de negro, às vezes de um arcanjo dourado, em susto, em prazer, em nojo, em delírio. Quis dizer a ele que me havia afastado assim para que a Roda rodasse distante de mim, sem me envolver em seus volteios vertiginosos.

— Eu vim de longe — ele disse. — Eu vim de fora de ti.

Quis dizer-lhe ainda que longe estava eu, embora na rua de casas lado a lado, apertadas umas contra as outras feito pessoas com frio, mas por algum motivo precisei levantar, e de repente fiquei no meio da sala, o cálice cheio numa das mãos, a outra solta no ar, esboçando um gesto que não era capaz de fechar.

Ouça, tentei.

E não sabia como continuar. Passa-me agora pela cabeça que os vizinhos poderiam reclamar das luzes nas janelas escancaradas, da energia excessiva saindo pelas janelas escancaradas. Bêbada, confusa, farpada. Mas não consigo me deter. Embora não conheça o ponto onde devo chegar, é para lá que me dirijo, cego, aos trancos. Pouco importa o que poderia me afastar desta tentativa quem sabe inútil de recuperá-lo, ou o que trouxe consigo, desde que veio e se foi. Perdi meu equilíbrio, quando veio, e mentia meu equilíbrio, antes que viesse.

Olhava para mim, ali estendido sobre almofadas. Um vinco, eu via, atentamente, um vinco partindo seu lábio inferior, quase emendado com outro, que subia da extremidade do queixo até a borda do lábio inferior, onde o vinco anterior unia os dois num só, duas gotas de chuva se encontrando. Acho que o aceitei inteiramente nesse momento: ao perceber os contornos do rosto que me olhava com estranheza, como pedindo explicações ou tentando explicar a mim mesmo para mim, que não me via.

— Você tem grades nos olhos — disse. Acendeu o cachimbo. Um perfume adocicado misturou-se ao cheiro de mar. — Elas estão quase sempre abertas. Não são suficientemente estreitas para prender alguém ou alguma coisa. Houve um dia em que você deixou alguém fugir por entre as grades.

Voltei a sentar. Lembrei do segundo quarto, no andar de cima. Cruzei as pernas na frente dele. Queria vê-lo melhor, embora já o tivesse visto. Um marinheiro, confirmei sem compreender. Tirara os sapatos, o chapéu, vestia-se de branco, estava deitado nas almofadas à minha frente. Então transformou-se. Sei que é brusco dizer assim, mas foi exatamente assim. Gostaria de ter

certeza de que realmente o vira deitar alguma coisa como um pó ou um comprimido na minha bebida, tisanas, antes de transformar-se. Mas não seria verdadeiro.

Eu estava um pouco tonto. As luzes da rua tinham começado a acender. Anoitecia. O roxo-amarelo dos vidros ganhou um brilho artificial quando me levantei para acender a vela no castiçal de cerâmica, porque tenho horror a essas luzes que desvendam os poros abertos das pessoas, revelando sujeiras escondidas, mesmo que há muito tempo não as veja. Protegi a chama entre as palmas das mãos, mas quando me voltei para perguntar-lhe qualquer coisa como o que, ou onde, ou quando ou quem — ele era um grande gato cinzento me olhando com olhos verdes sobre a almofada cor de vinho. Espreguiçou-se lento, curvando as costas enquanto alongava à frente a pequena pata de unhas distendidas, para depois cravá-las superficialmente, com tédio, com distraído gozo, na carne da almofada. Quando tornei a me abaixar, debruçando-me sobre ele, roçou o dorso quente, macio, contra as costas frias da minha mão. Apertei as frontes e os olhos com a outra mão. Ao retirá-la, o marinheiro me olhava.

— Tive outra visão — eu disse.

— Não foi uma visão. Sou muitos. — Sorriu. — Onde é o banheiro?

Acompanhei-o escada acima. Pelo corrimão, podia ver, às suas costas: aquela mão saindo de sob a manga branca era a mesma que segurava as asas da ave no ponto onde se uniam. Escurecia. Quis avisá-lo de que passaríamos pelo quarto vazio, e me debati, asas seguras, no limite da entrada, tentando dizer-lhe que tinha sido ali. Então olhei para dentro e vi um anjo de grandes asas brancas e pés descalços sobre o piso riscado.

— Me olhas com olhos tristes — eu disse.

— Porque já me fui. E nada do que poderias fazer agora eu conseguiria fazer novamente, então sinto pena — ele disse, fechando as asas sobre o rosto magro.

Pairava sobre brasas incandescentes espalhadas pelo piso do quarto. Para não pisá-las com seus pés brancos, de longos dedos, precisava agitar as asas com algum esforço, mantendo-se em levitação, acima do fogo. Ele batia as asas, suspenso sobre as brasas, um pouco ridículo. Tive vontade de rir, mas como uma ventania súbita tivesse invadido a casa, eu disse que tinha velas e mostrei a porta do banheiro.

Conhecia aqueles ventos. Armavam-se de repente além do contorno dos edifícios que eu via da janela do segundo quarto, depois desabavam paredes adentro, soprando por todos os cantos os fiapos dos montes de palha, as contas, as tiras coloridas. Dentro do banheiro havia uma moça de ombros nus, cobertos de sardas, olhos pintados de preto, boca muito vermelha, seios expostos, como duas peras maduras, de pontas levemente avermelhadas, de onde sobressaía o bico mais escuro que devia prendê-los à árvore. Quis tocá-los. Cheguei a estender a mão. Foi quando vi a cauda úmida de peixe emergindo da banheira para elevar-se, verde brilhante, escamoso, contra os azulejos brancos. Ela sorria para mim, sereia, me convidando, Ulisses. Como uma visão, mas eu sabia que não era nenhuma das imagens libertadas do buraco negro da memória. Quando tentei tocar nos seus seios claros, respingados de sardas, senti feito o vento das asas batendo do anjo preso no segundo quarto a me comprimir contra a parede do corredor estreito, e logo depois o interior sedoso de uma capa negra, com dois caninos agudos de vampiro dentro de lábios descorados abertos num meio sorriso, aproximando-se lento das veias da minha garganta. Quis senti-lo assim, macio, assassino, penetrante, agudo e suculento,

afundar os caninos na minha carne, cheguei a inclinar de leve a cabeça sobre o ombro, oferecendo o pescoço para que me tivesse mais fácil.

O vinho está quase no fim, a manhã vem vindo, não sei se conseguirei continuar contando, mas naquele momento meu sangue escorreria para dar-lhe vida, essa mesma que não sei para onde levo, entre tantas quinas, sinto frio, me debruço, o hálito gelado dele se aproxima das minhas veias, mas basta que eu suspire para que se transforme num cãozinho miúdo, inofensivo, descendo os degraus em direção à sala. Afago-o com as pontas distraídas dos dedos, manchas pretas sobre o dorso branco, reconheço, estou em desequilíbrio, estou me distanciando cada vez mais, faço este esforço, até quem sabe alcançar um ponto tão remoto que não saberei jamais encontrar o caminho de volta, se existe um, e penso que não.

Ao pé da escada, ele me espera, braços abertos, parado sobre o tapete. Tem um peito largo, sinto, ao afundar de encontro a ele essa parte minha sem forma a que acostumei chamar de *face,* seus braços podem dobrar-se apertando minhas costas enquanto sinto seu cheiro, esse cheiro espesso de sal, algas, corais, medusas, águas-marinhas, eu quero perder-me nele, como o que nunca terei, mas quando fecho também meus braços em torno de suas costas, aproximando-o de mim, para que nossos dois corpos se confundam, para que nossos cheiros se misturem, para que pelo menos por um segundo sejamos, eu, ele, uma coisa única, minhas mãos apertam o caule estreito e áspero de uma palmeira. Um vento qualquer faz com que seus galhos balancem. Quando balançam, então é como se eu visse o céu, planetas, cometas, constelações, objetos não identificados, essa palmeira nua estendida contra um céu cheio de estrelas, lunar crescente às tuas costas,

quero dizer, Aldebarã logo abaixo, Vega à esquerda, Arcturus acima, basta estender a mão, há no ar o sal perdido de uma distante maresia, no limite dos dedos, e em cada uma das extremidades uma estrela de sete pontas iluminadas, dez rubis incendiados como a lágrima na face do Cristo que perdi no dia em que a luz cessou.

Na base da escada, no centro da sala. Anoiteceu. Encosto o topo de minha cabeça de ralos cabelos contra o tronco seco da palmeira. Depois choro. Quase sem som. Como nas canções de miúdos arquejos. Há um estremecimento que faz o peito vibrar, elevando-se até os ombros. Sobe pela garganta, atinge os lábios, alcança a testa comprimida contra a palmeira, como se quisesse ferir ou perfurar a si mesma. Ergo meus braços, mas mesmo na ponta dos pés não consigo alcançar as palmas altas que balançam ao ritmo do vento vindo talvez de outras terras, mas certamente do mar presente nesse ar salgado que me faz contrair os olhos, como antes, quando descia as escadas para abrir a porta.

Eu estava parado no patamar da escada quando ele me disse:

— Tenho sete formas. Navegue.

Abraçou-me. Tinha cheiro de mar. Do mar que não há nesta cidade.

Pedi que ficasse, como não ficou o outro. Mas não o suportaria, acrescentei a seguir. Sorriu. Como se nada do que eu pudesse dizer fosse capaz de modificar sua partida. Ainda chove, tentei dizer. Não importa, será melhor assim, repetia sua mão estendida. Passou-a devagar na minha face. Eu era uma coisa pequena, rastejante, sem Deus, caminhando no escuro lamacento, à procura apenas de qualquer gesto como o toque de uma mão humana, devagar, na minha face. Ele tocou. Calçou os sapatos, apanhou o chapéu. Eu quis dizer que

poderia ocupar o segundo quarto, a segunda cama, a segunda vida, talvez para sempre. Eu estava tão vivo que qualquer outra coisa também viva e próxima merecia minha mão estendida, oferecendo. Estendi a mão. Ele não podia aceitá-la. Eu não devia estendê-la.

— O navio demora pouco no porto — disse antes de partir. — Um marinheiro desce, olha a terra, às vezes deposita algo, e logo torna a partir.

Seus olhos tinham a cor do mar. Tinham a cor exata de quem, por muito tempo, todas as horas, durante todos os dias de muitos meses e anos, olhou detidamente o mar. Conquistara esse verde, móvel, inquieto, esse vagar. Tocou de leve na minha mão estendida. E se foi. Ainda chovia. Fechei a porta às suas costas. Por entre os roxos e os amarelos da pequena vidraça vertical, podia perceber a silhueta de alguém se afastando. Dentro de uma noite de sábado, não de agosto. Era novembro. Bebi outro gole de conhaque. Fui escorregando para o fundo, no meio das almofadas. Amanhecia. Na casa em frente, os ruídos tinham silenciado. Seria um longo domingo. Não estava triste, mesmo assim recomecei a chorar, enquanto ouvia, outra vez, o aviso guardado para sempre na memória das paredes:

— Abraça tua loucura, antes que seja tarde demais.

III

Faz hoje sete dias que se foi. Acabei de contá-los: os sete traços de tinta preta que fui fazendo, um por um, cada noite depois de sua partida, exatamente naquela vidraça que eu tinha pensado em começar a pintar, quando chegou, no meio da chuva. Completei o sétimo

há pouco. São seis traços irregulares, quase ideogramas chineses, e um bem definido — um risco reto, seco, sem hesitações nem adornos, o último. Atrás dos sete traços, posso ver a rua deserta e, do outro lado, a casa onde sem parar entram, saem pessoas. Pela porta aberta, quando terminei o sétimo risco imaginei ver uma noiva subindo as escadas, com outras moças se aglomerando embaixo, como se ela fosse jogar o buquê. Ouvi uns risos de criança, uns tinir de copos, champanhas. Bons augúrios, pensei. Mas não prestei muita atenção, nem me alegrei. Não tenho certeza do que imagino ter visto, preferi olhar para além da casa, para além da rua.

O sol acabou de se pôr. Nesses sete dias, a chuva foi parando aos poucos. Ficou apenas o cinza. Há muitas nuvens no céu, sobre os edifícios. São essas nuvens que estão agora muito coloridas, uns azuis profundos invadindo o roxo para transformar-se em laranja, em dourado, na altura do que deve ser o horizonte. Os raios estão suspensos sobre a cidade. Se descesse ao andar inferior poderia talvez ver, como antes, esses raios soltos de luz varando os roxos, os amarelos pintados nos vidros da porta de entrada para misturar as cores sobre os objetos. Poucas vezes desci, depois que se foi.

Na verdade, não sei ao certo como atravessei os primeiros destes últimos sete dias. Talvez tenha dormido ou me movimentado dentro de alguma daquelas visões do buraco negro, porque lembro de uma espécie de névoa rompida de vez em quando por algum ruído, alguma forma. Talvez não tenham sido visões, mas sonhos, se realmente dormi. De qualquer forma, não eram exatamente iguais às visões de antes da vinda dele, nada de cobras ou aves ou partes isoladas de corpos, como mãos ou rostos. Havia pessoas inteiras dentro dessa névoa, mesmo que eu não conseguisse vê-las, ainda

que não possuíssem corpos. Uma dessas pessoas atravessava a meu lado um longo corredor, um corredor inteiro recoberto de mosaicos bizantinos, em cima, embaixo, dos lados, cada um com um desenho diferente. Nesses mosaicos, quem sabe houvesse cobras, juncos, asas, grama, até mesmo marinheiros, porque o corredor se estendia feito dentro da própria memória, com todos os detalhes de cada uma das inúmeras lembranças. Seria possível permanecer durante muito tempo olhando detidamente cada um deles. Mas da extremidade vedada onde eu estava, com essa pessoa a meu lado, conseguia ver a extremidade aberta do outro lado, onde estava a luz.

Havia urgência em chegar à luz. Havia uma urgência no ar, que não era exatamente minha nem da pessoa que estava comigo, mas qualquer outra coisa assim, difícil dizer, um imperativo moral ou ético chegar do outro lado, do lado de lá, do lado da luz. Eu não me movia, embora sentisse no ar, entre as figuras dos mosaicos coloridos, esse impulso de me dirigir para lá. A outra pessoa também não se movia. Eu tinha perfeita consciência dela a meu lado. Não voltava a cabeça para vê-la. Estava perfeitamente consciente da presença dela a meu lado, e sabia que ela estava também perfeitamente consciente não só da minha presença a seu lado mas também da necessidade de atravessarmos o corredor em direção à luz. Talvez ficássemos ali parados para sempre, se eu não começasse a prestar atenção nos desenhos. Até o momento em que comecei a me curvar para observar um deles mais atentamente — porque havia um poço, um poço desenhado no mosaico, um poço de pedras com uma data remota inscrita provavelmente com um prego sobre uma das pedras (e quase tenho certeza do ano: 1919) —, tinha consciência somente de uma série de formas e cores

à minha volta, como se estivesse dentro de um caleidoscópio imóvel.

Fui dobrando lentamente o corpo em direção ao poço, sabia que poderia penetrar nele ou naquele tempo ou naquela memória que ele representava, poderia penetrar em qualquer uma das milhares de outras figuras do corredor. Mas da mesma forma como sabia que devia caminhar em direção à luz, sabia também que não podia me permitir mergulhar nos mosaicos, porque desse mergulho emergiria de volta para o mesmo corredor, e após outro mergulho tornaria a ser devolvido àquele corredor, sala infinita de espelhos, assim para sempre, para sempre estaria perdido entre representações de coisas que se tinham perdido no tempo, e por perder-se no tempo tinham perdido junto a sua própria existência. Já não eram reais, aquelas cenas gravadas nos mosaicos. Eu não podia permitir a mim mesmo continuar me perdendo no que deixara de ser real. Sabia de tudo isso enquanto me curvava em direção ao poço, mas não conseguia recuar, hipnotizado. Foi então que a outra pessoa me tocou no ombro. Alguma coisa no toque dela me dizia exatamente o mesmo que eu acabara de pensar, me arrancava da beira do mergulho. De alguma forma, instaurava entre nós o compromisso — solene, severo — de chegar à luz na extremidade do corredor.

Nós começamos a caminhar. Primeiro com certa pressa, depois mais lentamente, porque se caminhássemos depressa as formas e as cores nos mosaicos se enovelavam umas nas outras, provocando uma espécie de tontura viscosa, colorida: alguém de fora dali girava nas mãos o imenso caleidoscópio dentro do qual estávamos presos, fazendo a copa de uma árvore esfiapar-se em várias pontas, e de cada uma dessas pontas nascerem imagens díspares feito uma maçã meio mordida, uma peça de dominó ou xadrez, um bibelô antigo em forma de bailarina, saltando sobre um abismo, ao lado do qual estavam duas crianças guardadas por um anjo negro e nu. Para que as formas não se misturassem assim, evitando a náusea, a surpresa, a confusão, começamos a caminhar mais devagar, um passo após o outro. Não sei quanto tempo durou. Penso agora que talvez exatamente os cinco primeiros dias destes sete últimos, porque quando tento lembrar de tudo que se passou desde então qualquer imagem que volta parece ter feito parte dos mosaicos daquele corredor. Mesmo quando eu subia ou descia escadas para ir à cozinha comer ou beber alguma coisa, não sei se eu mesmo não estava sendo apenas mais uma daquelas figuras.

Nem saberei.

Mas houve um momento em que alcançamos a Luz. Digo assim — a Luz — porque não havia nada nela. Era uma luz clara sem cor nem objetos, absolutamente limpa se comparada à infinidade de formas de onde estávamos vindo. Havia espaço ali. Um largo espaço com uma luz clara. Acho que senti medo, tive vontade de voltar atrás, sabia como me movimentar facilmente entre as figuras dos mosaicos, diminuindo, aumentando o passo, para que as imagens não se misturassem, mergulhando numa ou noutra que me remeteria a outros tempos para depois me devolver ao corredor, assim por diante, tanto quanto eu quisesse, o tempo todo que me restava nisso que costumo chamar de: *a minha vida.* Esbocei um movimento para voltar atrás, mas a outra pessoa novamente me tocou no braço antes de desaparecer junto com o corredor. Eu fiquei só.

Agora eu não vinha nem ia para parte alguma: estava parado no centro da grande luz clara e limpa sem poder voltar atrás. Isso era tudo. Eu precisava me movimentar dentro dela. Era com esse movimento

dentro dela que alcançaria outras figuras, talvez as dos mosaicos, que não seriam figuras porque não teriam acontecido num tempo passado, mas coisas reais, que estariam acontecendo agora, num tempo presente. Não mais como se estivesse dentro de um caleidoscópio, e sim como se possuísse o grande poder de construí-lo, eu mesmo, escolhendo cada conta, cada pedacinho de vidro ou papel que colocaria ali dentro. Ou nem isso. Como se não mais existissem caleidoscópios. Como se eu fosse ao mesmo tempo diretor, ator, autor e platéia de um espetáculo que ainda não começara a acontecer. Como se não fosse um espetáculo, porque nada estava previsto e não houvera ensaio algum, como se eu jamais pudesse ter certeza se alguém decorara a sua própria fala ou estava se apropriando da fala de outro ou inventando alguma, para não permanecer parado e mudo. Embora não fosse um espetáculo, não podia parar, e a essa fala de outro que era de outro alguém, ou invenção, eu precisaria responder imediatamente, não podia parar, ainda que parasse, não pararia, mesmo que meu papel fosse o de um cego ou mudo ou paralítico, de alguma maneira teria que reagir ao que aconteceria à minha volta. E o que aconteceria à minha volta aconteceria de qualquer jeito, a minha não-participação seria ainda uma forma de participar, permitindo que tudo acontecesse, sem interferir.

Antes de dar um passo, eu estava exausto daquele jogo tão absurdo que qualquer nova regra podia ser inventada na hora. Não sabia se saberia jogá-lo. Nem se queria.

Aldebarã, Vega, Arcturus: repeti. Então olhei para cima e vi uma nuvem. Foi a primeira coisa que vi dentro da luz clara. Nesse momento soube que haveria outras, à medida que avançasse ou simplesmente permanecesse ali. A nuvem aos poucos ganhou cor, um

tom de rosa, acho. Depois moveu-se, como nos dias de vento. Acompanhando a nuvem com o olhar, na direção do vento, fui encontrando, gradualmente, fotografia revelada, cada vez mais nítida, na linha do horizonte, uma ilha pedregosa com uma baía redonda de areias tão claras que brilhavam, meio ofuscantes, na luz do sol. Era do sol a luz que banhava a ilha, a praia, descobri, e mais além, sobre uma elevação, um farol apagado, porque era dia. Aquele farol se acenderia todas as noites, jorrando luz no espaço. Meus olhos já não tinham grades. Comecei a caminhar em direção ao que via, dentro da grande luz além do corredor.

Iniciaria pelo andar inferior, decidi, quando acabei de pintar o quinto risco negro, que assinalava o princípio do quinto dia. Foi essa a única ordem imposta no que faria, porque depois disso andei muito tempo pela casa recolhendo as tiras de pano e papel penduradas, as cortinas, os fios enfiados de contas, tapetes, restos de manequins, cacos de louças, caixotes, fotografias, almofadas, montes de palha, pétalas secas de flores, ampulhetas, os livros todos, copos, móveis, um por um: tudo. Atravessava a segunda sala para depositá-los no pequeno pátio, e à medida que agia a casa começava a parecer devastada por uma tormenta, mas depois foi ficando mais limpa, inteiramente limpa, enquanto aumentava a montanha de objetos no pátio. Sabia que me restavam três dias inteiros: se não houvesse concluído o trabalho ao fim deles permaneceria parado na grande luz, à mercê do que aconteceria em volta. Era tempo suficiente, embora fossem muitos objetos.

Gastei o primeiro dos últimos três dias esvaziando o andar inferior. Gastei o segundo esvaziando meu próprio quarto, mais cheio de objetos que qualquer outro, acrescentei à montanha de detritos no pátio também

as roupas todas que tinha, todos os papéis, o baú com as cartas que costumava receber, antes, talismãs, caixas, fetiches. Na metade do terceiro dia — hoje — esvaziei o banheiro. Mantive apenas esta roupa branca que uso, um tubo de tinta negra e um pincel para fazer o sétimo traço na vidraça.

Acabo de fazê-lo, há pouco. A casa inteira está deserta. A casa inteira agora é igual ao segundo quarto. Despi-la assim, nesses três dias, acabou por revelar as rachaduras das paredes, as manchas, as falhas no reboco, o piso riscado. É uma casa verdadeira, agora, e muito velha. Uma casa que não teria conserto, tão irremediáveis e obscenas são a sua velhice e a sua nudez. Arranquei seus disfarces um a um, como se arrancasse os mosaicos daquele corredor. Na montanha do pátio não há só móveis, lençóis, papéis, há também poços, maçãs meio mordidas, peças de xadrez, unicórnios, anjos da guarda, caleidoscópios, vampiros, centauros, cristais, baralhos, mandalas. Posso entrar sem medo no segundo quarto, porque ele se tornou como o resto da casa, ou o resto da casa se tornou como ele, ou ambos se tornaram o que sempre foram, assim sem disfarces, e eu nada tenho a temer de paredes vazias. Me pergunto se alguém os amaria assim, tão nus. E não sei responder. Posso não sentir nada vendo a perna alongada de uma bailarina emergindo da confusão de trapos, o rosto pintado de um manequim sobre os restos do fogão, o gelo transformado em água escorrendo pelo quadro onde, forçando os olhos, consigo divisar a mão erguida de um homem empunhando uma espada, em luta com uma espécie de demônio de asas.

O movimento na casa em frente começou a diminuir. Estou parado no topo da escada com o galão de gasolina numa das mãos, a caixa de fósforos na outra. Conto os degraus, ao descer. Dezenove: o sol. Na sala,

os vidros pintados ainda defendem a casa do olhar dos outros, se alguém se interessasse em olhá-la. Tão vazia que já não oferece nada à curiosidade de ninguém. E tão completamente real, penso sem querer, atravessando a primeira sala para penetrar na outra, depois na cozinha. Quase todo o pátio está tomado pela montanha de detritos. Acabou de anoitecer. As nuvens se foram. O céu está completamente limpo. Há algumas estrelas sobre a minha cabeça. Quem sabe Aldebarã, Vega, Arcturus.

Com cuidado, com carinho, vou derramando gasolina sobre todos os objetos. Agora já não há dor nenhuma em lembranças de emoções como partidas, quartos vazios, separações. Eu não tenho mais emoção alguma: sou só um corpo dotado de movimentos, que vai derramando meticuloso a gasolina sobre os objetos. Tudo isso leva muito tempo. Não há nenhum centímetro dessa estranha montanha que não esteja impregnado, até o fundo. Depois sento no chão, olho. Eu poderia chorar, ou pensar qualquer coisa funda, viva, forte. Não choro. Nem penso nada. Sou só um corpo sentado no chão de um pátio, dentro de uma cidade qualquer, olhando para uma montanha de objetos encharcados de gasolina. Fico tempo, assim.

Às vezes uma estrela cadente cruza o céu em direção ao horizonte. Poderia fazer pedidos, mas nada tenho a pedir. Sentado no chão, permaneço ouvindo os barulhos da noite de sábado além dos muros. Espero paciente que se dissolvam aos poucos, que a cidade reste quieta enquanto as estrelas mudam de lugar sobre minha cabeça. Minha mente está tão alerta que é como se pairasse acima da dormência que se infiltra nos membros. Sei que eles reagirão ao primeiro comando. Quando tudo está finalmente quieto e uma pálida luz esverdeada começa a anunciar o amanhecer, faço contas lentas

para verificar se a constelação do Escorpião começou a se erguer no Oriente. Então levanto, estendo pernas, braços, lentamente, numa dança para desentorpecer os músculos. Só depois de sentir o sangue renovado fluindo quente nas veias, risco um fósforo e trago a chama até bem perto dos olhos. As pupilas se contraem, antes de jogá-la sobre o monte de detritos. Não chego a ver o fogo. Atravesso correndo as portas abertas do interior da casa. Alcanço a rua.

No fim da rua, olho para trás e vejo as chamas subindo nos fundos daquela que eu chamava de: *a minha casa.* Os cálculos estavam corretos, confirmo, quando volto a cabeça para o Ocidente e vejo as Plêiades e a constelação de Orion prestes a desaparecer. O céu está cada vez mais claro. Alguns pássaros começam a cantar. Tenho vontade de cantar também. Um canto feito de palavras, não como o antigo.

Daqui a pouco vai amanhecer. Há um vago cheiro de mar solto nas ruas.

Hesito um pouco na esquina. Antes de me pôr a caminho, abro devagar e completamente os braços para depois fechá-los, arredondados, tocando suavemente as pontas dos dedos de uma das mãos nas pontas dos dedos da outra. Como se faz para abraçar uma pessoa. Mas não há nada entre meus braços além do ar da manhã. Suspiro, sorrio, desfaço o abraço.

Então, com as mãos vazias, finalmente começo a navegar.

Pela Noite

Para
Carlos Pereira de Oliveira (Cao)

"Mas também, às vezes, a Noite é outra: sozinho, em postura de meditação (será talvez um papel que me atribuo?), penso calmamente no outro, como ele é: suspendo toda a interpretação; o desejo continua a vibrar (a obscuridade é transluminosa), mas nada quero possuir; é a noite do sem-proveito, do gasto sutil, invisível: estoy a escuras: *eu estou lá, sentado simples e calmamente no negro interior do amor."*

(Roland Barthes:
Fragmentos de um Discurso Amoroso)

— Como esta música — disse, aumentando o volume do som enquanto caminhava pela sala abrindo os grandes vidros da janela para deixar o gemido do sax contaminar ainda mais o ar sujo das ruas, da noite, da cidade. — Exatamente como esta música.

O vento de julho despenteou um pouco os cabelos dele. De costas para o outro, rosto voltado para o escuro, braços abertos. Como se dançasse. E foi dizendo, a cara erguida para o céu coberto de fuligem molhada pelas gotas da garoa fria:

— Percebe como ela se contrai? Feito uma pessoa que tivesse levado um soco inesperado. Bem na boca do estômago, assim — voltou de repente e deu um salto para dentro da sala, a cara violenta, o punho fechado, estendido em direção à barriga do outro. Que desequilibrou-se um pouco sobre o sofá, descruzando as pernas, os pés bem plantados no chão, o cálice de vinho numa das mãos, a outra parada tensa no ar, pronto para defender-se. Mas ela recuou sem tocá-lo, sorriu de lado e foi andando novamente, de costas, em direção à janela.

— Depois se estende outra vez. Lentissimamente, está ouvindo? É agora, daqui a pouco, quando entra

o acordeão. Acordeão não. *Bandoneón*, é assim que eles dizem lá. Presta atenção. Você percebeu? O sax é o soco.

Ele dobrou o próprio punho e fez um movimento brusco no ar, como se esmurrasse a si mesmo. Com força, no ventre. Curvou o corpo inteiro, a cara torcida, num simulacro de dor, sem fôlego. Depois começou a distender devagar a coluna. De onde estava, no canto oposto da sala, o outro tinha a impressão de que ele alongava uma por uma as vértebras, até atingir a altura do pescoço, que se erguia, ao abrir os braços feito uma criança com sono espreguiçando-se, de manhã. Então voltou o rosto e continuou:

— Quando entra o bandoneón, tudo se abre — estendeu o braço à frente, parecia querer segurar algo no ar. — Percebeu? Por alguns momentos, apenas alguns momentos, é como se houvesse assim uma espécie de esperança, de possibilidade de esperança. Seja o que for, você está quase alcançando. O teu braço está tão estendido que essa parte que junta com o corpo parece que vai rasgar. E as pontas dos dedos podem sentir assim quase como. Um formigamento, uma dormência: a vibração dessa coisa que está lá, por enquanto ainda longe deles, prestes a ser tocada.

Ele alongou ainda mais o braço. O tronco acompanhava, num esforço tão grande e lento que precisou tirar uma das pernas do chão. Estendeu-a no ar, equilibrando-se a princípio precário sobre a outra, depois mais e mais seguro, enquanto o braço estendido, o tronco alongado e a perna suspensa formavam uma linha quase perfeitamente horizontal. O rosto, agora, tinha uma expressão de prazer. Ou de expectativa de prazer. À beira da alegria, o rosto. O que quer que estivesse no limite dos dedos, pensou o outro, estava para ser tocado no próximo segundo. E não conseguiu

evitar certa tensão ao olhar fixo, meio hipnotizado, os cinco dedos excessivamente entreabertos. Tanto que — de onde estava, podia ver — os ossos nas costas da mão dele se faziam mais salientes. Nascendo do pulso, um feixe de cinco ossos finos, nervosos. Sem querer desejou que, fosse o que fosse, ali, guardado no ar, à espera do toque, entre as paredes brancas, os dedos encontrassem logo o objeto. Que se fechassem definitivos sobre eles, numa espécie de posse, para alívio dos dois.

Sentia como um calor, mas quando levou a mão ao rosto não havia suor. Pensou então que, naquele décimo nono andar, de algum outro edifício, outra janela, e eram tantas, devia ser esquisito ver aquela silhueta de homem longo e musculoso estendida assim no ar. Mas a música continuava, sax e bandoneón, uma cópula dolorida, interminável, entrelaçada como a dos cães, nos becos, insuportável. Tivesse um lenço, enxugaria a testa. Mas não havia suor.

Foi então que, num dos acordes bruscos, o homem de longo corpo estendido voltou-se subitamente para ele, os cinco dedos abertos em sua direção. Quase sorriu, julgando entender. Sem premeditar, num impulso, esboçou um movimento de levantar-se do sofá. Antes de fazer o gesto, já se via também, erguendo-se, um filme, em câmara lenta. Talvez três vezes, repetindo os mesmos fotogramas, gesto incompleto, gesto incompleto e gesto incompleto — até completá-lo: a própria mão aberta estendida em direção à mão aberta estendida do outro. Mas a mão do outro voltou a encolher-se. Tão fortemente fechada que ele viu as juntas das falanges esbranquiçadas pelo esforço, e enveredou rápida, cortando o ar, navalha, em direção ao próprio estômago, fazendo o corpo contrair-se de dor e o rosto, o rosto devagar abaixado deixando desaparecer aos poucos

uma imagem que se sobrepõe à outra, por um segundo ainda misturada à anterior, aquela expressão de gozo próximo, para permitir que aflorasse outra, traço a traço, sobrancelhas unidas em vértice, comissuras amargas da boca, voltadas para baixo, uma outra face mais escura que, além da dor seca, injusta, espantada, tinha agora um novo elemento. Qualquer coisa como uma quebra? Qualquer coisa como a decepção da alegria entrevista nítida, pouco antes, bem ali, guardada no ar, a milímetros da extremidade dos dedos, ele vira. E isso doía ainda mais que a outra dor, assim humano, carente, incompleto. Então ele, que agora era o outro, interrompeu por um momento aquela dança torcida para dizer:

— E volta o sax. Quando volta o sax, volta o soco. Mas não um soco duro, você me entende? Um soco macio. Como se a tua barriga fosse uma almofada macia. Como se o próprio punho que bate estivesse meio. Acolchoado, tudo macio. Não há ruído. Só uma coisa fofa. Uma dor lenta, vaga. Uma dor que começa a ser dor só aos poucos, não de repente, porque é aos poucos que você começa a perceber que ela existe, a dor.

Antes da música terminar, ele desligou o som e sentou no tapete, bem à frente do outro.

— Você sabe que de alguma maneira a coisa esteve ali, bem próxima. Que você podia tê-la tocado. Você podia tê-la apanhado. No ar, que nem uma fruta. Aí volta o soco. E sem entender, você então pára e pergunta alguma coisa assim: mas de quem foi o erro?

O outro fez um movimento como se fosse falar, mas ele o deteve.

— Sei, sei. Você vai perguntar: mas houve um erro? Bem, não sei se a palavra exata é essa, *erro*. Mas estava ali, tão completamente ali, você me entende? No

segundo seguinte, você ia tocá-la, você ia tê-la. Era tão. Tão imediata. Tão agora. Tão já. E não era. Meu Deus, não era. Foi você que errou? Foi você que não soube fazer o movimento correto? O movimento perfeito, tinha que ser um movimento perfeito. Talvez tenha demonstrado demasiada ansiedade, eu penso. E a coisa se assustou, então. Como se fosse uma fruta madura, à espera de ser colhida. É assim que vejo ela, às vezes. Como uma coisa parada, à espera de ser colhida por alguém que é *exatamente* você. Não aconteceria com outro. Depois, quando ela foge, penso que não, que não era uma fruta. Que era um. Um bicho, um bichinho desses ariscos. Coelho, borboleta. Um rato. É preciso cuidado com o arisco, senão ele foge. É preciso aprender a se movimentar dentro do silêncio e do tempo. Cada movimento em direção a ele é tão absolutamente lento que o tempo fica meio abolido. Não há tempo: um bicho arisco vive dentro de uma espécie de eternidade. Duma ilusão de eternidade. Onde ele pode ficar parado para sempre, mastigando o eterno. Para não assustá-lo, para tê-lo dentro dos seus dedos quando eles finalmente se fecharem, você também precisa estar dentro dessa ilusão do eterno.

O outro tinha se debruçado no sofá, até ficar quase deitado. E ouvia, atenção dividida entre as palavras dele e algum gole de vinho. Ele sorriu. Tinha um jeito de sorrir de lado, como se quisesse esconder alguma falha nos dentes, embora não tivesse nenhuma, via-se quando ria inteiro, o que era raro. Ele sorriu, então um dos cantos da boca ergueu-se, fazendo subir também uma das sobrancelhas, enquanto o olho quase fechava, embora brilhasse mais intenso assim, por entre as pálpebras meio inchadas, quase invisível. Tinha um pouco de criança quando sorria desse jeito. E de demônio. Demônio astuto, pensou.

— O erro? Eu dizia, pois é: o erro. Eu penso, se o erro não foi de dentro, mas de fora? Se o erro não foi seu, mas da coisa? Se foi ela quem não soube estar pronta? Que não captou, que não conseguiu captar essa hora exata, perfeita, de estar pronta. Porque assim como o movimento de apanhar deve ser perfeito, deve ser perfeita também a falta de movimento, a *aparente* falta de movimento do que se deixa apanhar. Você me entende? Eu penso também, e se houve alguma interferência no. No em volta dos dois, no ar. No *astral*, eu penso também. Uma coisa de Deus, do invisível, do mistério, que embora pareça errada ao não te deixar apanhar o prometido, no entanto está absolutamente certa. Porque é assim que é. Naturalmente. As coisas sempre prestes a serem apanhadas. E você eternamente prestes a apanhá-las, como uma sina. Sempre prestes.

Ele acendeu um cigarro. Acompanhou distraído com os olhos a fumaça fluindo em direção à janela aberta. Como se fosse parar de falar. Depois sorriu outra vez. De lado, de novo. E prosseguiu:

— Como se algo que estivesse perfeito. Eu insisto no *perfeito,* era assim: pouco antes da perfeição se cumprir. Perfeito, preparado para acontecer e, de repente, não acontecesse. Não acontece. E logo depois, quando você ainda nem entendeu direito o que aconteceu, ou o que não aconteceu, ou porque deveria ter ou não ter acontecido, vem alguém de repente e te dá um soco no estômago. E a mão que daqui a pouco você tinha certeza que ia estar cheia — pronto! — está vazia de novo.

Ele estendeu a própria mão no ar. Olhou os dedos, o cigarro pela metade. Repetiu, dramático:

— Entendeu? É bem simples. E medonho, porque não pára nunca de acontecer. A mão que daqui a pouco ia estar cheia — pronto! — está vazia de novo.

Levantou-se de um salto. Curvou o tronco numa reverência exagerada, enquanto olhava para a frente, para os lados, para cima, para as galerias repletas, agradecendo aplausos estrepitosos, *bravos!* incendiados, sozinho no palco vazio, cheio apenas da presença dele mesmo, além da cenografia e das rosas, talvez, dezenas de *corbeilles* de rosas, provavelmente vermelhas. Ao mesmo tempo em que o outro dizia devagar, como se tateasse as palavras, sentindo-se meio idiota:

— Você podia ter sido bailarino.

A resposta veio seca:

— Agora é muito tarde.

— Ou ator, também podia. Você tem uma incrível capacidade de.

— Sei, ator. Mas sempre posso falar do trabalho dos outros. O que é sempre um consolo. Ou não.

Certa melancolia, quem sabe, no fundo da voz rouca pelo excesso de cigarros, o outro localizou. Mas limitou-se a balançar em silêncio a cabeça — cristal, o momento, na transição para outro —, enquanto ele caminhava até a estante de livros em passos tão milimetradamente marcados que era como se tivesse ensaiado tudo aquilo antes. O que viria depois, também.

— Escuta — disse, apoiado na estante —, eu tive uma idéia. Já faz dias, desde que a gente se encontrou. Agora que você falou nisso — o outro fez uma cara de nisso-o-quê, mas ele não parou. — Nisso de ser bailarino, ou ator. Ou sei lá, qualquer coisa. Não gosto quando a gente fica falando assim no que não foi, no que *poderia* ter sido. *God!* Não aos sábados, principalmente à noite. Não hoje, por favor, hoje não dá, eu tenho. Eu tenho uma sensação meio de amargura, de fracasso. Você me entende? Como se tivesse a *obrigação* de ter sido, ou tentado ser, outra pessoa.

Mas-se-você-é-um-cara-tão-bem-sucedido, quase disse o outro. Mas continuava sentindo-se meio idiota, sentado ali feito um touro pastando no charco e preferiu continuar calado. Um pouco como se estivessem ensaiando um texto que ainda não tinha decorado: esquecia as deixas certas e, bobamente, olhava um cálice cheio de vinho até a metade. Mas ele voltava da estante, improvisava rapidamente sobre a falha do outro, três livros na mão. Sentou-se no braço da poltrona, mostrou as capas.

— Conhece estes livros?

Os títulos em espanhol, leu devagar: *Los Premios,* de Julio Cortázar, *Cronica de Una Muerte Anunciada,* de García Marquez, e *Conversación en la Catedral,* de Mario Vargas Llosa. Tocou de leve nas capas. Certo carinho distante, intenso, como quem toca um álbum de fotografias quase antigas, as cores vivas já começando a ser invadidas pelo amarelo do tempo nos papéis. Sorriu, meio fatigado:

— Conheço, claro.

— Conhece e gosta? Ou conhece e não gosta? Ou conhece e não acha nada? Vamos lá, tipo múltipla escolha. Ou então assinale com um *x* o último quadrinho. Aquele que diz *outros*. Na linha pontilhada, especifique o que quer dizer com *outros,* certo?

Mas o que tem a ver, meu Deus, o que tem a ver, cruzou na cabeça. Umas invenções que ele não seguia. Do charco, afundado, Touro, precisou erguer um pouco a cabeça para ver melhor o rosto dele, a seu lado, no braço do sofá, de baixo para cima, curvado sobre seu ombro. A barba crescida, dois dias. Alguns fios brancos no cabelo. Baixou os olhos, para ver o esgarçado no joelho do jeans quase branco.

— Primeiro quadradinho — disse. E desenhou no ar um grande *x*.

— Conhece e gosta?

— É, gosto. Muito.

— E atenção, atenção, meus senhores: qual você gosta mais?

Deitou a cabeça no encosto do sofá. Além do rosto muito próximo, podia ver também o teto pintado de branco. Algumas rachaduras tênues entre aquelas pomposas e falsas decorações em gesso, típicas dos apartamentos antigos, grandes e baratos no centro da cidade. Os olhos dos dois se encontraram, inesperados. Desviou os seus para o teto, enquanto pensava, sem pensar propriamente, que era tão raro, enquanto lembrava de um navio saindo do porto de Buenos Aires, e sem querer lembrou também do gemido do bandoneón no som agora desligado, tão raro e rápido, as águas do rio da Prata, cruzavam-se sempre, inevitável, na rua, ao acaso, com qualquer pessoa, logo se desviavam, como se tivessem medo, e ainda de uma ruazinha qualquer num subúrbio de Lima, mas não conhecia o Peru, tão ariscos, feito os bichos que ele tinha falado, como era mesmo? Macchu-Picchu, sempre teve vontade, devia ser lindo, insuportavelmente esotérico, você tem que estender a mão com cuidado dentro do silêncio, dentro do eterno, seria isso? como se naquele breve encontro, raspão, fagulha, anzol, um farol que pisca daqui, outro que pisca de lá, fortes vibrações, respondendo ou não, houvesse um código indecifrável, ameaçador, e mais poderoso que tudo, então, varrendo todo o resto, a imagem do rapaz vestido de branco, encurralado na tarde contra a porta antiga, madeira escura, talvez carvalho, mogno, as punhaladas, depois, muito fundas, seriam sete? manchando o linho branco, feito as rosas de sangue espalhadas no palco vazio, então os aplausos, cortinas fechadas, camarins, bastidores. Piscou. E tornou a olhar para ele.

— A *Morte* — disse. — Gosto mais da *Morte Anunciada.* Lembrei agora. Incrível, tão claro. Como se fosse uma fotografia, Santiago Nasar parado na porta. E todos, menos ele, sabendo que vai morrer.

Ele deu um salto tão brusco que o braço do outro tremeu um pouco, fazendo o cálice de vinho respingar algumas gotas sobre o veludo branco da calça, na altura da coxa. Como Santiago, o sangue de Santiago Nasar manchando o linho, pensou à toa.

— Santiago, então?

— Santiago, claro.

Parado à sua frente, solene, engraçado, o outro estendeu o braço com o pequeno livro na mão. Feito uma espada, para tocá-lo, litúrgico, no ombro direito. Como se sagrasse, rei, a um cavaleiro.

— Você vai se chamar Santiago. Tens que jurar fidelidade eterna a esse nome. Eu te batizo, Santiago, no meio da noite fria de julho. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém.

— O quê?

Mas ele não ouviu. Colocou os livros sobre a capa do disco, que não conseguira ver direito, sem parar de falar:

— Pérsio, de agora em diante eu vou me chamar Pérsio. Sempre quis me chamar Pérsio. Lembra do Pérsio, aquele maluco dos *Prêmios?* O que olhava as estrelas no tombadilho, é assim que se diz? Tombadilho ou convés? Aquela coisa aberta dos navios. Ou popa, onde é a tal popa? Proa e popa, os navios têm tanta coisa. Comportas, escotilhas. Acho que era astrólogo, o Pérsio. Ou astrônomo, não sei, ou só pirado mesmo. Seja o que for, vou ter que falar de estrelas. O Pérsio entendia horrores de estrelas. — Caminhou até a janela aberta e olhou o céu. Um luminoso de Coca-Cola brilhou ao longe, vermelho, branco: *beba.* — Só

que não se vêem nunca as estrelas nesta maldita cidade, senão começaria a falar já. Tudo bem, falo depois. Na seqüência, quem sabe pinta? Afinal, vai ser uma longa noite, não é? E é só uma criança, a noite ainda é uma criança, combinado? Você se chama Santiago, eu me chamo Pérsio. Santiago e Pérsio vão virar a noite nesta noite de inverno. Entendeu, Santiago?

— Não — o outro disse, sorrindo talvez de pura implicância. — Acho que não.

Ele voltou-se da janela. Abriu os braços, bateu forte as palmas das mãos contra as coxas, teatralmente desanimado.

— Como *não,* cara? Não tem o que entender. Tudo muito simples: a partir de agora você se chama Santiago e eu me chamo Pérsio. Certo, *Santiago?* Que que foi, não gosta do nome? É um nome *fantástico,* bicho. Além do Nasar, que você gosta, tem o outro Santiago, o da *Catedral,* aquele jornalista com mania de pobre, filho de pai político e veado: é uma dupla homenagem. Como a Simone Clarice do Rubem Fonseca, naquela história, como era o nome? *Corações Solitários,* era isso? Sem falar em Santiago do Chile, que Deus salve e guarde Allende. Aff, uma tripla homenagem. — Vinha caminhando em direção ao sofá. — Que tripla que nada: quádrupla, *God!* que palavrinha, quá-drupla. Tem ainda Santiago de Compostella, lembra da *Via-Láctea?* Na Espanha, acho que na Espanha, será Galícia? — Parou bem à frente dele, sem sapatos, as meias berrantes, listradas de azul, amarelo, uma bandeira sueca, quase tocando as pontas dos seus tênis muito brancos. — Mais ainda, muito, muito mais. Tem Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, terra de macho, tchê, quase fronteira com a Argentina, já ouviu falar? Pois tem, quer ver no mapa? Tive um amigo de lá, o Ruy, onde andará o Ruy Krebs? — Deu um salto

no ar, arregalando os olhos. — Impossível que você não goste desse nome, rapaz. É uma quín-tu-pla homenagem. E mais, tem mais, nossa, *sêxtupla:* aquele Santiago pescador do Hemingway. Se procurar tem mais ainda. Santiagos não faltam.

Engraçada, aquela animação falsa. Ou meio louca. Es-ta-pa-fúr-dia, soletrou. Bebeu um gole de vinho. E sorriu sem jeito:

— Não, o nome eu gosto. Isso eu entendi. Tudo bem, o que não.

— Pérsio.

— Hein?

— Diga assim, dois-pontos-nova-linha-travessão: "Não, o nome eu gosto. Isso eu entendi. Tudo bem, *Pérsio,* o que não."

Os olhos dos dois tornaram a se cruzar. Tão raro. Nas ruas, nos ônibus, nos elevadores. Você me reconhece? E por me reconhecer, tem medo? A peste de que nos acusam. E assustado. Baixou-os, baixavam quase sempre, os olhos, para os pés, as listras, azul, amarelo, sobre o bordô do tapete. O outro veio-se curvando para ele, um dos joelhos apoiados no chão, num melodramático simulacro de súplica. Começou a rir.

— Que loucura.

— Diga, diga. Por favor, diga.

— Tá bom, eu digo. — Repetiu, tentando conter o riso. Afetado, escandindo bem as sílabas, num espanhol hesitante: — *No, el nombre me gusta. Esto yo he compreendido. Todo bien...*

Recomeçou a rir. Tão violentamente que colocou o cálice no tapete, ao lado do joelho do outro.

— Ah, diga. Diga, vamos: um, dois e.

— Tá bom, Pér... Pérsio.

— Que foi que você disse, Santiago?

— Pérsio. Eu disse: "Tá bom, PÉRSIO."

O outro bateu palmas, rindo. Um gato no sol do meio-dia, rolando pelo tapete da sala enorme. As mãos cruzadas seguravam os joelhos, bem na altura do esgarçado dos jeans, quase furados.

— Pérsio, você me chamou de Pérsio! — Esfregou as mãos. — Estamos apenas começando, e vamos muito bem. Já viu que nome lindo, cara? E não tem homenagem nenhuma. Ninguém se chama *Pérsio.*

Sacudiu a cabeça, fazendo que não, ainda rindo. Sentado no chão, as pernas cruzadas feito um iogue, o outro olhava para algum ponto na parede acima da cabeça dele.

— Só mesmo a própria Pérsia. Tapetes, gatos, aiatolás, Sorayas e quetais. Que nem se chama mais Pérsia, mas Irã, não é? Tenho uma amiga que quando falam no Irã ou no Nordeste, leva a mão ao coração, revira os olhos e diz assim: "Ai, meu Deus, o Irã! Ai, meu Deus, o Nordeste!" Depois grita, puta: "Mas não tenho culpa se estou bebendo champanha, porra!"

— Olha, Pérsio, o que não entendi foi.

— Fala, Santiago.

— Foi o que isso tinha a ver com o que eu falei antes.

— Antes?

— É, o negócio de ser bailarino. E aquilo que você falou depois, de.

Parecia sério, embalando-se sobre os joelhos cruzados, numa imitação de surto catatônico. Para frente, para trás. Os olhos fixos num ponto remoto da parede, bem acima da cabeça dele.

— Sei, sei. Qualquer coisa que ficar falando no que a gente podia ter sido não é legal. Dá uma sensação de...

— ... de fracasso...

— Justamente. Em cima. De fracasso, amargura, frustração. Tipo Walter Hugo Khoury, nem pensar. Aí resolvi que nesta noite de inverno em que vamos virar a noite de sábado pelo avesso da noite de julho, ninguém vai falar no que podia ter sido e não foi, tá entendendo? Simplesmente porque você não se chama João nem Paulo, assim como eu não me chamo Carlos nem Pedro. Você se chama Santiago, eu me chamo Pérsio. Além de evitar amarguras, é superpolitizado, você não vê? Adequadíssimo, perfeito. Mais do que, sei lá, Jean-Paul ou Vittorio ou Steeve ou Wolfgang. Com um nome desses, você pode virar a noite impunemente. Do champanha à cachaça, dos Jardins ao Jeca, do *Off* à Terra de Marlboro. Sem culpa alguma, rapaz. Dois latino-americanos virando a noite pelo avesso da noite na noite da maior cidade da América do Sul. — Cantarolou, desafinado: — *Vi - ve - mos - na - me - lhor - ci - da - de - da - mé - ri - ca - do - sul - da - mé - ri - ca - do - sul - ba - by - ba - by - há - quan - to - tem - po?* — Olhou direto para ele quando disse: — Há quanto tempo, não? Desde o ginásio. Desde Os Verdes Anos, na província. Ah, *The Green Years*... Quem diria que. — Ergueu-se, manso, mão estendida para ele. — Como é que é, Santiago? Topas o nome que nos dei?

Tocou a mão estendida. Morna, boa. Como o rosto, um rosto que se eliminasse certos fios brancos nas têmporas, quase invisíveis, pouco mais que reflexos prateados, quando a luz batia, e aquele vinco fundo no canto direito da boca, ah essa mania de sorrir de lado, pensou com uma espécie de arrepio, gelo na nuca, a janela continuava aberta, mas não era frio, só um certo, incerto frio, vinha junto com outra coisa, de muito longe, uma coisa clara, mas meio perdida, e tinha um gramado inclinado, estranhamente inclinado, sol

quase posto, cheiro de terra, queixo apoiado numa bola de futebol, uma bola de couro, número cinco, tão raras, só no Natal, não eram assim como essas de hoje, quadriculadas de preto, um talo de grama entre os dentes, seria o mesmo, menos as espinhas de lá, menos o azulado da barba de dois dias, daqui, gosto ácido açucarado na superfície da língua, a voz que então subia e descia, montanha-russa derrapando súbita entre graves e agudos, incontroláveis, em mutação, superpostos, a tarde, o céu, a grama, superpostas as mãos de pêlos macios, apertando-se cordiais, sim, te reconheço tanto, tanto tempo, tanta coisa.

— E daí, Santiago? — ele repetiu. Visto assim, de baixo para cima, os olhos pareciam brilhar. Baços, claros. Talvez um pouco molhados. — Como é que é, você topa?

Ele apertou com força a mão do outro. Confirmou:

— Topo. Eu topo, sim. Claro que eu topo, Pérsio. — E percebeu que ele estremecia um pouco. Como se visse um pouco além de tudo aquilo? Soltou seus dedos quase bruscamente para esfregar as palmas das mãos nos braços nus. — Está com frio? Por que não veste uma coisa mais quente?

Em silêncio, Pérsio parecia olhar agora não mais acima de sua cabeça, nem direto nos seus olhos. Mas através dele, para uma região tão insondável que já não era ele a quem olhava, e sim.

— Quer que eu feche a janela?

Sem esperar resposta, levantou-se sacudindo as pernas meio dormentes pelo vinho, pela umidade da chuva, pelo frio de julho, pelo tempo que ficara ali sentado, pelas histórias loucas do outro. Teve que desviar-se dele, um cheiro de maconha e cigarro e suor limpo e lençóis mornos, para caminhar até a janela. No escuro, viu lá embaixo as cintilações dos faróis dos carros,

anúncios luminosos, Minister, Melita, Coca-Cola, fume, beba, compre, morra, suspensos no ar, flutuantes, naves espaciais, janelas iluminadas nos outros edifícios, luzes às vezes vermelho quente, íntimas como as das boates, vago erotismo nas silhuetas mal desenhadas nos interiores alheios, beijavam-se talvez, acariciavam seios, coxas, dedos mergulhados em pêlos umedecidos, atrás de cortinas, gemiam baixinho, entre plantas desidratadas, gemidos roucos de tenso prazer urbano, dezenas de metros abaixo as poças d'água no asfalto espelhavam o brilho artificial do neon: pulsante, a noite de sábado refletida às avessas no meio da rua. Um grande mar escuro, alto-mar sem ondas, sobre o qual tivessem — Deus, o capitão de um transatlântico, o piloto de um helicóptero — salpicado, na superfície das águas, gotas de tinta fosforescente. Fechou com cuidado os vidros. Junto com o ruído metálico dos dois puxadores de metal, penetrando um por dentro do outro, escutou o tilintar agudo do telefone.

A mão suspensa sobre a mesinha de tampo de vidro, à frente do sofá, Pérsio esperou que tocasse três vezes. Piscou irônico antes de atender:

— Lições Urbanas de Estratégia Telefônica, principalmente à noite e durante os fins de semana. Claro que tudo isso se você não tiver uma secretária eletrônica, o que *infelizmente* é o caso. Capítulo um: nunca atenda antes de deixar tocar pelo menos três vezes, para não demonstrar ansiedade. Que ninguém possa supor jamais que você vive plantado ao lado de um maldito telefone. Principalmente à noite e durante os fins de semana, claro. — Atendeu, entediado. — Alô? Eu. — Equilibrou o fone no ombro esquerdo, contra o queixo, procurou com a mão livre o maço de cigarros na mesa. Acendeu um. Tragou. — Tudo em cima, e você?

Parecia subitamente cansado, os cabelos claros muito curtos, uma das pernas estendidas sobre o encosto do sofá, forçando para a frente, como numa barra, o pé em ponta, numa aula de dança, na camiseta sem mangas era David Bowie a figura, via agora, a barba por fazer. Distraídos, os olhos erravam à toa pelos quatro cantos. Na parede atrás do sofá Santiago viu então, pela primeira vez, a grande reprodução colorida, vertical, de um quadro onde um homem beijava uma mulher. Podia-se distinguir apenas os cabelos dele, muito pretos e crespos, com uma nesga do rosto moreno afundado na pele branca da mulher. Dela, via os olhos fechados numa expressão menos de prazer que de paz, pequeninas estrelas brancas e azuis emaranhadas no cabelo. E aquela chuva de ouro ao fundo, derramada também pelos longos mantos amarelos que vestiam, pisando flores miudinhas. Tão claro, tudo, mancha ofuscante de sol no meio da parede da sala branca.

— Hoje não — seca, a voz de Pérsio. Ou delicadamente irritada, evasiva. — Tenho um compromisso, posso não. É, um amigo. Muito tempo. Liga outra hora. Amanhã, depois. Se vê, gente se vê. Tchau, outro. — Bateu o telefone, tragou fundo, soltando a fumaça pelas narinas. A cabeça erguida, acompanhou o olhar de Santiago até o quadro. — É *O Beijo*, de Klimt. Trouxe de Paris, faz tempo. Tem muito por aí, só que esta é uma reprodução au-tên-ti-ca. Até que ponto uma reprodução pode ser *autêntica*? Ah, eis aqui uma *contradição intrínseca*. Sabia que atrás dele mora uma lagartixa? Uma lagartixa chique, atrás de uma reprodução francesa. Chiquíssima. Ainda se fosse um primitivo. Mas não, um clássico *nouveau*. *Nouveau* ou *decô*, qual a diferença? Não sei como foi parar lá, já viu uma lagartixa morando num décimo nono andar? Quer ver? — Sacudiu de leve um dos cantos do quadro. — Kay

Kendall — chamou. — Kay Kendall, meu bem, onde está você?

De um dos cantos superiores do quadro surgiu uma pequena lagartixa de longa cauda nervosa. Vacilou por um segundo na parede, indecisa em sentir-se ameaçada, depois subiu veloz em direção ao teto e desapareceu entre os rebuscados arabescos de gesso. Santiago imaginou a pele gelada, viscosa. Cauda cortada, retorcendo-se como se tivesse vida própria. Nasceria outra, depois. Desviou os olhos.

— Não gosto de lagartixas.

— Mas a Kay é inteiramente inofensiva. E tão *ecológica*. Deixo ela aí, à vontade. Dizem que dá sorte. Tem gente que chama de *salamandra*. Me disseram que são os duendes do fogo, as salamandras, não é lindo sa-la-man-dra? E eu sempre penso na Teiniaguá, lembra da Teiniaguá? A princesa moura encantada em forma de salamandra, uma pedra preciosa no lugar da cabeça. Depois penso também que a Kay Kendall pode muito bem ser uma princesa encantada. Fazendo companhia a um príncipe encantado também, por que não? — Apagou com força o cigarro. Esfregou a palma da mão contra a barba crescida. — Tenho um amigo que diz: "Ultimamente tenho me deitado com príncipes e acordado com sapos..."

Santiago baixou os olhos.

— Você parece cansado.

— Cansado, eu? Imagine, sou inesgotável. Uma verdadeira Fonte Alternativa de Energia. Passei a tarde inteira deitado, queimando fumo, vendo televisão, cheirando umas, batendo punheta. Tenho fantasias cada vez mais *singelas & eficientes*. Esse frio, essa umidade, essa chuva, essa.

— Se você não quiser sair, não se preocupe.

— Que que é isso, menino? Já não te disse que vamos virar a noite? Não me ouviu descartar agora há pouco mais uma suculenta FF*? — Imitou, a voz melosa: — *Ôi-tudo-bem-e-aí-tô-ligando-pra-saber-se-você-vai-fazer-alguma-coisa-hoje-à-noite*. Como se a gente tivesse *obrigação* de fazer alguma coisa toda a noite. Só porque é sábado. Essa obsessão urbanóide de aliviar a neurose a qualquer preço nos fins de semana, pode? Tenho vontade de dizer nada, não vou fazer absolutamente nada. Só talvez, mais tarde, se estiver de saco muito cheio, tentar o suicídio com uma-dose-excessiva-de-barbitúricos, uma navalha, um bom bujão de gás ou algo assim. Se você quiser me salvar, esteja à gosto, coração. *God*! Um dia acabo mesmo dizendo, porra. — Acendeu outro cigarro. — Cansado nada. Só um pouco. Histérico, acho que estou meio *histérico*, não estou? Você deve estar me achando completamente louco. Cabeça a mil, garoto. Aí começo a falar e não paro mais. — Ergueu lentamente os ombros, depois soltou-os, com um gemido. — Olha, vou tomar uma boa chuveirada, fazer uma bela barba. Aí te mostro a minha outra face, que você ainda não viu. Uma face limpa, barbeada, saudável, equilibrada, gentil, simpática, madura & razoável. Cheirando a sabonete phebo, creme de barbear bozzano, pinho silvestre e carradas de *santas intenções*. Então a gente sai. Você está com fome?

— Um pouco — disse Santiago. — Nada de grave.

— Nunca, nada de grave. Nada-de-grave é ótimo. Fica aí, eu volto já. — Antes de entrar, ainda ergueu os olhos para o alto da parede, chamando em voz baixa: — Kay Kendall, onde está você? Pode voltar, gatinha. Não ouviu o moço? Nada de grave no pedaço.

Vinda de dentro, Santiago ouviu a voz dele, batendo portas, fica à vontade, sabe mexer no som? põe um som

* FF — *Foda Fixa.*

aí, tem *jazz*, porradas de *jazz*, que tal uma boa e velha Billie pra dar o clima noturno? tem uns *rocks* também, uns berros de Nina Hagen? ligando a televisão no quarto, a música familiar, irritante e estridente do *Jornal Nacional* derramou-se pelo corredor para invadir a sala, umas revistas malucas aqui no quarto, gosta de sacanagem forte? muito *fist-fucking*, cada posição, menino, nem te conto, Kama-Sutra é *Imitação de Cristo*, perde, fica à vontade, quer ver? ai meu Deus, o Irã, o Nordeste, detesto ficar bem informado, se quiser mais vinho vai até a cozinha, te serve, tem branco também, branco e tinto, rosê não é vinho, tem queijo em cima da mesa, a casa é sua, olha, se estiver a fim de queimar uma coisa tá na latinha, na cabeceira, tem umas revistas antigas de cinema, um sarro, a tia Clara eu bato depois, quer dar uma conferida nas baixarias de hoje do nosso querido planetinha ou prefere ouvir o Ritchie?

Santiago gritou que não, que não queria, que tudo bem, que não se preocupasse. A musiquinha diminuiu, desapareceu num clique seco. Depois uma gaveta fechada, um ruído de porta, a água caindo do chuveiro, a voz agora em falsete, imitando Ângela Maria num bolero qualquer. Através da água, uma voz gemida, desafinada, cortante.

Sozinho, rodou por alguns momentos, desorientado na sala subitamente esvaziada. Olhou em volta, o sofá, o quadro, a mesinha, a estante despencando de livros e discos, o tapete bordô, algumas almofadas. Remexeu nos discos, sem vontade, Caetano, Gal, Duke Ellington, Armstrong, Stan Getz, Thelonious Monk, Marina, acariciou a capa de um Erik Satie, Silvia Telles, continuou mexendo, João Gilberto, Ray Charles, Dinah Washington, Elis, várias Elis, Dulce Veiga, Nina Simone, Ângela Ro-Rô, obras completas, um velho Mutantes, um Sérgio Sampaio, *fui internado ontem*, lembrou, um

Brahms. Deteve-se na capa conhecida, azul desbotado, rosto branco, olhos fechados, como uma máscara mortuária. Colocou-o no prato, sobre o outro, o do bandoneón, Piazzola e Gerry Mulligan, conferiu, apertou o botão. No exato momento em que a música começou a brotar das caixas, olhou para a parede atrás do sofá e viu a lagartixa descendo rápida de um orifício no gesso.

— Kay Kendall — chamou baixinho —, nada de grave, gatinha. — E cantarolou lento, junto com a voz rouca de Billie Holiday: — *I'm a fool to want you, I'm a fool to hold you.*

Inesperadamente pacífica, ou com o gosto de outra paz, antiga, o *blues* trazia uma vontade de deitar-se no chão, ao comprido, sobre almofadas, para olhar detidamente o teto, suas tênues rachaduras, rios num mapa, as cintilações dos anúncios luminosos através das vidraças fechadas, alguma coisa dura nos ombros se soltava, talvez acenderia um cigarro, se fumasse, apagaria as luzes, bebendo lento o vinho. Apanhou o cálice quase vazio, junto ao sofá, e penetrou pelo corredor de paredes também brancas, tão estreito e alto que sentiu uma espécie de vertigem. O longo canal do útero à vagina, deve ser fome, pensou, e entrou na cozinha aberta, iluminada no final do corredor. Do banheiro, a voz de Pérsio chegava agora misturada à de Billie, em meio a gritos e ruídos, água, corpo, sabonete. Pegou a garrafa, encheu o copo, enquanto cortava uma lasca de queijo. A cozinha de azulejos limpos, a cesta de maçãs vermelhas. Foi quando voltava, sem planejar, vontade apenas de chegar novamente à sala para estender-se sobre as almofadas, descalçando os tênis, talvez porque a porta estivesse também aberta, a luz do abajur acesa, como um convite, ou por algum tipo de esquisita vibração, custou a achar o nome, mas repetiu, uma esquisita vibração de intimidade, por curiosi-

dade pura, limpa, sem indiscrição nenhuma, diria, se lhe pedissem explicações, mais tarde, mas ninguém pediria, ninguém saberia, por razões ainda mais simples, se houvesse razões, porque simplesmente, finalmente, naturalmente a porta estava aberta e ele parado ali, na entrada do quarto de Pérsio, por uma coincidência de tempo, de geografia, de cir-cuns-tân-ci-a, justificou. Instante rápido: ele ali parado e a voz rouca de Billie repetindo qualquer coisa melancólica como *it's a pleasure to be sad*. Instante em que ele poderia perfeitamente ter continuado a caminhar em direção a.

Mas quando deu por si estava dentro do quarto.

Era grande, alto, branco. Como a sala. Não havia muito para ver, nem muita coisa. Nada excepcional, capaz de atraí-lo assim, hipnótico, para dentro. Mas como um ímã, magnetizado, parou à beira da cama desarrumada e olhou em volta. A escrivaninha cheia de livros, laudas de jornal, programas de teatro, revistas, xícara vazia, garrafa térmica amarela, par de óculos de armação pesada. Contra um fundo lilás, *poster* com uma fotografia em sépia de Sarah Bernhardt, entre a escrivaninha e as cortinas fechadas, espessas, até o chão. O armário embutido de portas azul-marinho levemente entreabertas, deixando ver qualquer coisa verde brilhante, talvez um blusão de náilon. E a cama, então. Lençóis brancos, travesseiros amassados, o cobertor listrado de verde e vermelho, meio dobrado, um cinzeiro cheio de pontas equilibrado entre as dobras. Ao lado, a mesinha-de-cabeceira, o relógio digital marcando dois mil e trinta, vinte horas e trinta minutos, corrigiu, maço de cigarros amassado, Hollywood, leu, o abajur aceso, uma caneta de tampa mordiscada, bloco de papel, a caixinha de metal cheia de fumo, a espátula verde translúcido, marinha, algas, ilhas, o corpo nu de uma mulher de seios empinados, braços erguidos acima

da cabeça, segurando uma lupa redonda, marcava a página aberta de um livro com algumas frases sublinhadas. Curvou-se para ler, de repente, assim:

"— Dançarás! — disse o anjo. — Dançarás com teus sapatos vermelhos, até estares pálida e fria, até tua pele enrugar-se como a de um cadáver. Dançarás de porta em porta, e onde morem crianças soberbas, vaidosas, baterás à porta, para que te ouçam e tenham pavor de ti! Dançarás, dançarás sempre...

"— Misericórdia! — implorou Karen.

"Mas não ouviu o que o anjo respondeu, pois os sapatos já a levavam, através do portão, aos campos, cruzando caminhos e atalhos, fazendo-a dançar continuamente, sem interrupção."

Fechou o livro. E viu a capa branca: contos de Andersen. A princesinha deitada sobre dezenas de colchões, o grão de ervilha sob o último, lembrou, princesa encantada, Kay Kendall, acordar com sapos, Teiniaguá. Teve um pequeno tremor, como se fizesse algo proibido e pudessem surpreendê-lo assim, vampiro de intimidades. Bebeu um gole de vinho. Talvez na noite anterior, ou à tarde, nu entre os lençóis, janelas fechadas, o ruído distante dos automóveis, na rua, coados pelas cortinas cerradas. O cheiro áspero das pontas de cigarro amassadas no cinzeiro. Desviou os olhos, desviava muito os olhos, calor no rosto, sentia muito calor no rosto, para as duas pilhas de revistas em cima da televisão desligada, aos pés da cama.

Mas só ao se aproximar viu o desenho: um homem jovem, inteiramente nu, a não ser pelos tênis e as meias, deitado de bruços na grama, olhos fechados, boca entreaberta, passivo, deliciado, possuído pelo leão entre suas coxas, a língua do animal penetrando fundo numa das orelhas. *Animals love maneaters* leu, uma sensação de

proibido. Na memória, um professor bateu com estrondo um livro no tampo de sua mesa, porque esta i-mo-rali-da-de, Carlos Zéfiro, Suzana Flag, Adelaide Carraro. Virou as páginas, furtivo, outro homem deitado de costas, a camiseta erguida roçando os mamilos rijos, cercados de pêlos dourados, coxas abertas entre almofadas marroquinas, densos interiores, a glande redonda, rosada, um figo aberto na extremidade mais polpuda, meio invisível, perdido entre sombras, pentelhos, músculos, tudo num tom avermelhado de febre, igual ao do interior das janelas nos outros edifícios, atrás dos quais alguém insinuava lentamente as pontas hábeis dos dedos por entre botões desabotoados da camisa de outro, outra quem sabe, a leve carícia, e o negro em pé, de costas, apoiado na poltrona de couro, bunda voltada para ele, a bunda dura, negra, musculosa, uma bunda de homem com um pequeno triângulo de pêlos negros encaracolados, antes da divisão macia das nádegas, por onde se penetraria aos poucos, primeiro o dedo umedecido, descobrindo caminhos, depois talvez a língua móvel, ágil, despertando o prazer em convulsões miudinhas, gemidos abafados, as pernas abertas, a voz de Billie, vinda da sala, embalava os dois rapazes nus, misturados em meio aos lençóis de cetim, o rosto erguido para a câmara de um, em direção à luz, o rosto do outro mergulhado nos cabelos do peito, como o quadro na sala, os músculos tocando-se tensos, luz azulada sobre os dois, estrelas emaranhadas nas peles, nas carnes, matas cerradas, pântanos de estranho perfume, o grande pau em ereção, a glande de curvas suaves, ponta de foguete enristado em direção à lua, talvez Saturno, um lento *blues* ao fundo, imaginou, roupas jogadas em desordem pelo chão, misturadas, como os corpos, calças brancas de um, camiseta vermelha de outro, cálice de vinho virado sobre o tapete bordô, um cinzeiro cheio, alguma cinza

no chão, dessas que se apanha com o indicador molhado para depositar, novamente, no cinzeiro, o vinho misturado à cor do tapete, tinto sobre tinto, poça onde se refletiriam não os edifícios, mas esquisitas luzes íntimas, chama de isqueiro, brilho de olho, de ouro, reflexo de neon nos dentes, ânsias, tesões, sensualidades, um par de tênis e meias brancas jogados ao acaso, brilhando no escuro, fosforescentes, cristal do cálice, ruído de zíper, peles nuas, cheiro espesso de suor limpo, almíscar, quando o suor mal começa a vencer os perfumes, diluindo colônias, sucos, cruas secreções com seu odor de carne livre de roupas, os números do relógio digital, vermelhos, destacados no escuro, e o lento *blues*, um choque de dentes, unha rasgando as costas, uma mão meticulosa acompanhando devagar o desenho preciso dos pêlos no ventre, um gemido baixinho, a carne do pescoço levemente ferida pelos dentes, roxo indisfarçável na manhã seguinte, óculos escuros, mas antes, bem antes, o peso quente de outro corpo, os cheiros guardados, secretos, sob as axilas, no vértice do queixo, curva da virilha, onde termina a pele lisa e começam os pentelhos, a um passo do poço fundo da orelha onde a língua se perde para descobrir gostos longínquos, desconhecidos, os dedos dos pés separados, intimidades, fronteiras, acariciando o outro pé, o pé do outro, dois membros duros, luta de espadas, calor, quarenta graus, pressão pulsante na barriga, um segundo antes. Tocou o próprio pau endurecido contra a calça. E ouviu a voz rouca de Pérsio, do meio da água, num grito, no banheiro:

— Vira o disco. Esse som é ótimo.

Apanhou rápido uma das revistas da pilha ao lado e saiu do quarto. Na sala excessivamente clara, um pouco tonto, entre dois goles de vinho, folheou à toa as páginas amareladas, como não tivesse ouvido, como

não tivesse culpa, estendido nas almofadas, rindo sozinho, divertido demais, enquanto enumerava os nomes, as fotos, Donna Reed, Yvonne de Carlo, Dorothy Malone, Rhonda Fleming, Mamie Van Doren, Arlene Dahl, e então, de entre as páginas, caiu sobre o tapete o cartão-postal. Antes de virá-lo para ler, viu um céu todo manchado de roxo e laranja, um laranja mais claro em cima, adensando-se em nuvens de um lilás cada vez mais pesado, até desabarem no horizonte, realçando o contorno dos edifícios com luzes esparsas, a Torre Eiffel ao fundo. *Paris La Nuit*, leu. Virou o cartão, a tinta preta, a letra firme:

"Paris, 5 de abril

"Já começou a esquentar, eu penso em você. A cidade está linda. O inverno guardado nos ossos vai indo embora aos poucos. Como um degelo, por dentro. Me dá notícias. Se encontrar um daqueles telefones, ligo qualquer noite. Você vem mesmo em julho? Sinto saudade, ando meio só. Um beijo, cem beijos, teu J."

Fechou a revista, o cartão dentro. E ficou olhando, na capa, os olhos profundos de Lana Turner. Levantou-se para virar o disco. Aproveitou que estava em pé para entreabrir as duas folhas de vidro da janela. Um vento quase gelado bateu em sua testa. Ao recuar, viu o próprio rosto, misturado às luzes da cidade, corado como o de um garoto surpreendido em meio a um ato obsceno. Caminhou até a mesa, acendeu um cigarro. Teve medo de sentir náuseas. Fazia tanto tempo. Mas a fumaça subiu pelas narinas, apaziguante, alcançando o cérebro, agradável. Gosto meio áspero misturado ao espesso do vinho sobre a língua, reconfortante como um chá, uma mão no ombro, uma palavra de carinho, um

blues, uma punheta. Santiago suspirou, atento a alguma coisa crispada nos ombros soltando-se, desaparecendo.

Então o telefone tocou outra vez, e duas vezes, enquanto ele esperava que Pérsio gritasse qualquer coisa como *atende aí*, ou *deixa tocar*. Atendeu.

— Ele está tomando banho — disse. — Quem quer falar?

— É o Paulinho. Diga a ele que é o Paulinho.

Chamou Pérsio, o fone nas mãos, meio confuso. O outro emergiu do corredor, enrolado numa toalha branca, cabelos molhados, cara coberta de espuma, um pincel de barba na mão.

— Paulinho? — cumprimentou. — Olha, eu estou no meio de um banho. Você pode ligar depois? Daqui a pouco, sei lá. Dez minutos, quinze. Me dá um tempo, estou todo ensaboado.

Bonito, Santiago pensou, era um homem bonito de ver, bem desenhado, de ficar olhando para ele, Pérsio, pincel de barba numa das mãos, telefone na outra. E olhou devagar, detalhado, o peito nu, sem barriga, a espuma branca do rosto escorrendo num fio entre os mamilos, em direção aos pêlos espessos em volta do umbigo.

— Tchau, então. Até já. — Pérsio desligou. Para ver Santiago, estranhamente ruborizado, no meio da sala, copo de vinho numa das mãos, cigarro na outra, muito moço, vagamente familiar. Como um vizinho que mal se vê, um colega de trabalho em outro andar, vestido de branco e cinza, sólido, ao mesmo tempo frágil, jeito nas mãos, parado ali a olhar para ele. Sorriu mecânico, sem vontade, sem nada para dizer, que praticamente não o conhecia, e no entanto era por ele, de certa forma, era para ele que tomava banho, afugentando os fantasmas do sábado à tarde. Teve uma espécie de frio. Ou medo, ou desconforto. Premonição, pode ser.

— Está gostando da Billie?

— Perfeito, é realmente *perfeito* para um sábado à noite.

Pérsio entrou pelo corredor, fechou a porta do banheiro e examinou o rosto no espelho embaçado do banheiro. Tão embaçado que precisou limpá-lo devagar com uma toalha. Feito nuvem, a camada fina de vapor dissolveu-se para revelar olhos muito claros, pupilas um pouco dilatadas. Estou com olheiras, pensou. Largou o pincel na pia, bateu leve com os dois indicadores sob os olhos, depois nas faces, cada vez mais forte, até ficarem coradas como as de Santiago, parado na sala, jeito frágil nas mãos.

O banheiro nublado pelo vapor do chuveiro morno, como a sauna, onde mal divisava as formas do outro, diluídos naquela neblina, chegando muito perto, subindo os olhos pelo peito largo, coberto de crespos pêlos negros, reluzentes de suor, depois o pescoço forte, taurino, nascendo reto dos maxilares, uma massa escura de cabelos pretos empastados e os olhos, pretos também, olhando atentos, vindos de longe, de muito longe, tanto que não conseguiria precisar quando, nem onde, nem quanto, em que lugar, em que tempo, de que jeito, com que intenção escondida. Identificou-se aos poucos, hesitante, tateava aqui, ali, na sombra. Para não errar, tateava. Não errava, que eram eles mesmos, embora de muitas formas talvez já não fossem iguais, os anos, a distância, a cidade, os caminhos. Pérsio suspirou paciente, deixando os olhos vagarem pelos outros homens nus, dispostos feitos estátuas nos bancos de azulejos, entre o vapor, um músculo mais nítido, relance, coxa, braço, bunda, reconhecendo também, mas há quanto tempo, o que é que você faz aqui. Logo depois, sentindo-se um pouco idiota, o que é que um cara podia fazer num lugar daqueles senão procurar um outro homem? Mas resguar-

daram, ambos, um clima talvez de antiga intimidade, mesmo que para isso precisassem renunciar, tacitamente, a todas as outras possibilidades expostas, machos na caça, vagamente nítidas na névoa. Que não seria o caso, porque era sábado, como hoje, só que antes, porque praticamente mal se conheciam, e o que um pudesse pensar do outro pouco ou nada importava, tantas esquinas na cidade, caminhos diversos, descruzados, por delicadeza, por atenção gratuita, involuntária, natural, jogada um sobre o outro, Pérsio, Santiago — sem nome, pagãos.

E de repente estavam sentados juntos, à beira da piscina de jatos quentes, bebendo cerveja civilizados, lembrando coisas, sem tocar no assunto, você também, procuras, como se fosse inteiramente por acaso, veja só, um lugar como outro qualquer, cruzamento de duas avenidas centrais, no fim da tarde, elevador repleto ou sala de espera de um cinema, numa sessão anônima de domingo. De repente viu-se convidando, sem planejar, por que você não aparece em casa uma noite dessas, fim de semana, a gente podia sair, jantar, dar uma olhada na noite. E de repente, apressado, estava no vestiário, estendia um cartão, um número, um nome, era bonito, o outro, que ainda não era Santiago, se espiasse com cuidado por baixo dos cabelos pretos molhados, emaranhados, se desbastasse, traço a traço, aquele ar solícito e espantado até, quem sabe, algum atrevimento, coisas assim, promessas, mas não ousava. Sairia então pela noite levando uma sensação esquisita, quase nova, dentro do peito, essa armadilha de que não gostava, o passado abrindo súbito seu baú mofado para trazer de volta fantasmas esquecidos, que não era, como supunha, um desconhecido na grande cidade, embora dando a partida no carro, arrancando brusco, ligando o rádio numa FM qualquer para ouvir Guilherme Arantes, *o som ligado bem alto,* ou qualquer um deles, *cada vez*

que o *mundo diz: não*, não importava, pudesse imaginar que na próxima volta da próxima esquina, e outra mais, e ainda mais uma: ninguém o reconheceria.

Ninguém o reconheceria assim, a cara coberta de espuma dentro do banheiro embaçado, teve certeza, músculos mais soltos depois da ducha morna. Vinha de longe, a cara do outro, com suas sobrancelhas espessas, unidas sobre o nariz curto, vinha de coisas e tempos que gostaria de deixar talvez completamente para trás, tão distantes e empoeirados que não conseguiria ver-lhes direito as faces, mesmo depois de afastar meticuloso a poeira acumulada durante anos e anos de quedas e vôos.

Vertical, a gilete cortou a face. Um fio fino de sangue espalhou-se no branco da espuma, tinta vermelha em mata-borrão. Caralho, resmungou. E ouviu, da sala, que Santiago substituía Billie Holiday por um velho James Taylor. Subitamente, então, tentando estancar o sangue, pensou que era muito tarde. Entre os dois, não haveria volta? Qualquer coisa que ainda não compreendia, que não era exatamente essa. Nem assim. De alguma maneira, só restava a ele, Santiago, dar prosseguimento àquilo que começara talvez antes do sábado anterior, tortuosamente, à revelia deles, numa tarde qualquer, há muitos anos — ah, *The Green Years*, repetiu, porque era como num filme, sessão da madrugada —, num gramado, como uma sina, estranhamente inclinado, numa cidade do interior em que teriam sido os únicos, mesmo sem dizer, mesmo que eles próprios não soubessem ainda o que já sabiam sem sequer saber o nome criava uma espécie de pacto mudo, sinuosa cumplicidade prosseguindo agora — fatalidades? E no entanto, o sangue estancava junto com a letra da velha canção, *you just call out my name*, tudo era tão bonito e tão antigo, *and you know wherever I am*, gostava dele assim, meio pesado, *I'll come running to see you again*,

vacilando entre as emoções, *winter spring summer or fall*, gostava como se gosta de si mesmo, *all you have to do is call*, ou o que ficou de si, *and I'll be there*, no passado, *you've got a friend*, cantou junto: um pedaço que se imagina para sempre perdido. Até que um dia, como nas histórias inventadas, como se quisesse abraçá-lo, para confirmar-se, como se pudesse abraçar-se, para confirmá-lo. Do meio da neblina emergia o rosto do outro, desculpa, não leva a mal, mas você não é? Era, ou tinha sido, ou poderia voltar a ser, e isso teria, quem sabe, um gosto bom de mel, se pudesse estancar definitivamente o sangue, merda, se soubesse dividir a noite, se quisesse, como dizer, como dizer? a questão era sempre *como* e não *o que*, sim, espelhar-se? sim, re-per-cu-tir-se, sim, qualquer coisa dessas, refletida, por isso mais amena, mais suportável, menos maldita, compartilhada, cúmplice. E queria, pelo menos agora, queria limpo, queria instintivo, bicho que busca proteção, enquanto não era determinado um Pérsio furiosamente independente, numa cidade para sempre sem estrelas, rechaçando convites telefônicos, mas apenas um homem sozinho raspando apático a espuma de um dos lados da cara, enquanto na torneira aberta deixava escorrer do barbeador os tufos de pêlos negros, diluídos no branco da espuma, desaparecendo no ralo da pia.

— Santiago — chamou, abrindo a porta. — Você pode me alcançar. — Mas não havia nada que o outro pudesse alcançar. No entanto já estava ali, que bastava chamá-lo, na porta do banheiro, o vapor embaçando os óculos, o cálice de vinho. Pérsio virou a colônia na palma da mão, depois bebeu do copo do outro. Um gole grande, sem pedir licença. Esfregou as faces. Sorriu, constrangido. — Nada, não é nada. Eu esqueci que.

Mas Santiago não parecia pedir nem esperar explicação alguma. Então ele atravessou o corredor, desvian-

do-se um pouco do corpo largo do outro, que atrapalhava a passagem — que atrapalhava a passagem, repetiu —, entrou no quarto, jogou a toalha molhada em cima da cama, entre os lençóis, o cinzeiro cheio, abriu a porta do guarda-roupa, pediu:

— Você me alcança o cigarro que ficou na sala?

Completamente nu, olhou o guarda-roupa. Como um desânimo, vontade de dizer rápido qualquer coisa como olha, você me desculpa, mas estou mesmo muito cansado, fica para outro dia, para outra noite, outro tempo, outra vida. Depois que o outro partisse, sem ao menos abrir a janela para que o ar circulasse um pouco no interior viciado de fumaça, sono e solidão, sem esvaziar o cinzeiro nem arrumar a cama, apagar a luz, ligar a televisão, névoa colorida, intermitente, mergulhar entre lençóis ainda quentes, cheiro de corpo e porra seca guardado nas dobras, mergulhar de cabeça na penumbra colorida, no escuro amarfanhado de dentro, e nunca mais outra vez. Olhou a caixinha aberta na mesa-de-cabeceira, fecharia mais um, talvez bebesse também um copo de vinho, ou dois, ou três, havia ainda alguns comprimidos cor-de-rosa no armário do banheiro, Elis, lembrou, uísque, dietil, dienpax, altos, baixos, morrer de amor não dado. Depois a noite avançaria flácida, lenta como se o tempo tivesse cessado, os membros gordurosos da noite e sua molhada boca negra sem dentes envolvendo seus membros num abraço pegajoso, puta gorda, porca irresistível, que teria, quem sabe, vontade de chorar, mais tarde, ou telefonar para alguém a quem pudesse queixar-se longamente, choroso, drogado, pedinte, saciado de punhetas secas, até dormir, sem sentir, sem parar de falar, sem desligar o telefone. Mais fácil, mais confortável deixar a dormência conhecida começar devagarinho a escalar as pernas, pelos dedos dos pés, como sempre começava, subindo pelas coxas para

atingir a cabeça que rodaria ainda alguns momentos, perdida entre imagens içadas do inconsciente, tontos anzóis, súbitas vozes, contornos difusos dos objetos, presenças ausentes, antes de afundar confusa, dolorida, no travesseiro onde identificaria, um segundo antes de cair no poço, o cheiro de seus próprios cabelos, xampu de babosa, guardado desde a tarde ou a noite anterior, não voltaria.

Demasiado, demasiado esforço: imaginou a cidade lá fora, com gentes falando sempre alto demais, sem parar, entrando, saindo de lugares, bebendo, comendo coisas, pagando contas, dançando alucinadas, querendo ser felizes antes da segunda-feira: urgente. Apertou o rosto contra o travesseiro. Mas Santiago o tocava de leve no ombro, com o maço de cigarros.

— Está se sentindo mal? Já disse que se você não quiser sair.

Pérsio ergueu-se rápido, acendeu um cigarro. Recomeçou, elétrico, a mexer no guarda-roupa.

— Branco? Branco é bom, brilha na luz negra, afasta as más vibrações. Só que as más vibrações desta cidade, *God!* Nem todo o sal grosso, nem toda a arruda do mundo dariam jeito. Mas não, você também está de branco. Tipo par de vasos, é péssimo. — Embolou a calça branca, jogou-a sobre a cama. Encostado à porta aberta, uma velha *Cinelândia* nas mãos, Santiago olhava para ele sem dizer nada. — Amarelo, então. Porque hoje é sábado, porque hoje é dia de Oxum. — Saudou, a mão direita com indicador mais alto erguida para o teto: — *Ora ye ye ô!* Mas estou meio abatido, não estou? *God!* umas olheiras até o queixo. Quem sabe vermelho. Realça, joga pra cima. — Enfiou a blusa larga, depois começou a enfiar os mesmos jeans quase brancos de tão velhos. — Sem muita produção, melhor: Um Certo Ar Esportivo de Saudável Juventude Um

Tanto Gasta. E sem cuecas: liberdade para os países baixos! Você ainda usa cuecas?

Que bastaria talvez estender a mão. Acariciar primeiro, colando o corpo. Mas não era assim.

— Uso — disse Santiago. E estendeu a revista para colocá-la em cima da televisão.

Foi quando Pérsio recuou para poder ver-se de corpo inteiro no espelho que esbarrou na mão dele e a revista caiu no chão. O cartão-postal escorregou de dentro. Pérsio curvou-se para apanhá-lo. Leu, em voz alta:

— *Paris La Nuit.* — Estalou os lábios. — *Um beijo, cem beijos.*

— Eu li sem querer — explicou Santiago. — Caiu de dentro.

— Tudo bem, não tem importância. Quer saber quem é J.? — Releu o cartão, rapidamente. — Tem alguma referência ao sexo do remetente? Não, não tem. Então eu poderia dizer que se chama. Digamos, Janice? Ou Juçara, tão tropical. Ou Jennifer, melhor Jeanne, já que veio da França. E ninguém poderia provar jamais absolutamente nada. — Apanhou o cinzeiro no meio dos lençóis, bateu o cigarro com força, depois colocou-o sobre o cartão, em cima da pilha de revistas, sobre o busto de Lana Turner. — Mas não vou mentir: é homem mesmo. Tenho cara de receber cartões amorosos de mulheres? J., teu J. Não é *misterioso*? O que te parece? Poderia ser Jorge ou José, na linha trivial com fritas. Se você prefere um sabor estrangeiro, bem, Juan, Jean, John. Qualquer coisa assim, que tal? Tanto faz. Um cara aí, que importa? Que importam os cartões ou todas as cartas de amor do mundo? Se eu ia mesmo em julho. Bem, você vê, julho está nas portas e eu não fui. Você está me vendo aqui onde estou? Tanto quanto estou me vendo ali no espelho? Pois é, *não* estou em Paris.

Santiago ia dizer qualquer coisa quando o telefone começou a tocar novamente. Fez um movimento para atender, mas Pérsio o deteve.

— Deixa tocar. Deve ser o Paulinho de novo. *God!* as pessoas não têm nem QI nem mania de rejeição nem componentes paranóides suficientes para desconfiarem que quando você diz *me liga daqui a dez minutos* quase sempre significa *não liga mais, não quero falar com você.*

Escutaram o telefone tocar, contando as chamadas até oito. Quando cessaram, Pérsio riu:

— Bem, agora está mais do que claro. Se eu realmente estava no banho, não poderia me vestir e sair em dez minutos. Eles *contam* no relógio. Exatinho, minuto por minuto. Ou fumam dois cigarros, um cigarro dura uns cinco minutos. E se eu pedi que telefonasse é porque esperaria. E se não esperei é porque. Pelo menos é assim que uma mente *normal* funciona. Ou deveria funcionar. — Deu uma última tragada no cigarro, esmagou a ponta no cinzeiro, em cima do cartão. Olhou para Santiago, irônico. — O que você achou deste *número*?

— O quê?

— Ora, esse do Telefone Que Toca Insistentemente. Você deve estar impressionado, não está? Tantas so-li-ci-ta-çõ-es. O jovem crítico de teatro tão *disputado.*

Santiago riu sem vontade.

— É que pedi a um amigo meu que telefonasse de quinze em quinze minutos. Para *impressionar* você. — Começou a calçar os tênis. — Tudo estudadíssimo, cara. Para você não supor que nunca acontece nada na minha vida. Esta é a primeira vez que você vem aqui: preciso passar uma imagem ultradinâmica, hiperjovem & supermovimentada. Para que você pense nossa, mas ele é um verdadeiro *vendaval* de atividade & sedução.

Dez mil encontros, dez mil pessoas querendo vê-lo. Ansiosamente. Homens, homens, homens: reparou quantos homens? Até o do cartão-postal, *special guest star* a distância. Você acha que deixei a revista bem em cima da pilha por mero *acaso*?

Santiago encolheu os ombros.

— Se você quer que eu acredite nisso, está bem. Eu acredito. Na minha cabeça a sua imagem está se tornando a cada minuto mais. — Ia dizer *sedutora,* mas interrompeu-se, inibido. Quis dizer *atraente,* mas também não conseguiu. Não conseguia acompanhar aquele ritmo acelerado, sarcástico, teatral. E se tentava, voltava então aquele nó crispado nos ombros. Porque não era preciso, embora. Não se trata de um duelo, pensou. E foi isso que finalmente disse, olhando direto nos olhos de Pérsio: — Não quero pensar nada de você. Não se trata de um duelo.

Ele tinha terminado de se vestir. A blusa vermelha, os jeans muito gastos, os tênis um pouco sujos. Passava a mão pelos cabelos quase raspados, para eriçá-los ainda mais.

— Eu sei — suspirou. E mais sereno: — Também acho que não. É que. Não sei, estou mesmo meio *histérico,* não estou? — Aproximou-se para tocá-lo, a ponta do dedo, no ombro. Cheirava a sabonete, a loção de barba. — Tudo bem, está tudo bem. Agora vamos organizar a saída, onde fica a saída? Você desliga o som na sala enquanto eu faço uma produção rápida por aqui, então a gente sai, certo?

Tão próximo que Santiago hesitou. E se? Mas quando deu por si, batiam-se os dois estonteados numa onda nervosa de movimento, apagavam luzes, fechavam portas e janelas, esvaziavam cinzeiros. As luzes da cidade brilhavam através da cortina da sala, viu antes de saírem. De repente estavam com os casacos nas mãos, parados em frente à porta que Pérsio fechava, dentro de um corredor que a luz amarelada no teto fazia parecer ainda mais alto, cinza e frio. Apertaram o botão do elevador. O topo da cabeça encostado no pequeno orifício da porta, Pérsio podia sentir o vento lambendo seus cabelos ainda molhados. Quando o elevador parou e a porta abriu, à luz amarelada do teto que se misturava àquela outra, mais dura, vinda de dentro das quatro paredes revestidas de fórmica, um tanto azulada, o rosto de Pérsio, segurando a porta aberta para que ele entrasse, parecia extremamente fatigado. O vermelho vivo da blusa realçava ainda mais os círculos roxos das olheiras em torno dos olhos claros, quase verdes. Seriam verdes, quase certo, em dias de muito sol. Dias de luz tão clara que precisaria escondê-los atrás de óculos escuros. Ou perto do mar, gostaria certamente de mar. No sétimo dia de bronzeado, quando o dourado da pele se torna mais brilhante, os dentes e os olhos brilhariam feito facas no escuro. Um dia, ele também. A barba recém-feita, em vez de aliviar o peso das sombras nos ângulos do rosto, ao contrário, sublinhava ainda mais a palidez que os pêlos escuros tinham disfarçado, pouco antes. Como a luz clara do dia, quase insuportável, embora noturno.

No fundo do elevador, uma mulher muito maquiada sorriu para eles dentro de um vestido lilás cintilante, bem justo, o talho na saia deixando à mostra uma nesga grossa de coxa, sob o casaco de peles. Pérsio cumprimentou, sério. Depois começou a vestir seu enorme casaco verde-musgo, como o de um aviador, cheio de bolsos, presilhas, cordões, distintivos costurados, pendurados, caseados e fechos. Atrapalhou-se, e como um afogado, como num conto de Cortázar, Santiago lembrou, começou a fazer gestos desordenados com os braços compridos, enfiando um pelo avesso e deixando

o capuz escorregar para dentro, uma corcunda. Babou um pouco, olhando para os dois, vesgo. Santiago tentou ajudá-lo, envergonhado, enquanto a mulher continuava a sorrir com a boca cuidadosamente pintada de vermelho tão denso que era quase negro. Sobrancelhas muito finas, sombra azul nas pálpebras pesadas.

— Porra, que aflição — Pérsio gemeu. — Detesto estas *trolhas*. Parece que nunca mais vou achar a saída. Meio uterino, um barato meio uterino. O longo canal entre o útero e a boceta.

Santiago riu. A mulher contemplava-os tolerante, remota, duas crianças, monstrinhos atrevidos, fascinantes. Quando o elevador parou outra vez, Pérsio segurou a porta para que ela saísse.

— *Lady's first* — curvou a cabeça. — Ou você é daquelas feministas radicalésimas que acham que boa-educação é machismo desprezível?

A mulher agradeceu em voz baixa, rouca. Piscou brejeira. Depois desviou-se deliberadamente do tapete estreito para sair batendo os saltos altíssimos contra os ladrilhos do corredor. Pérsio contou, no ouvido de Santiago:

— Chama-se Lavínia. É uma traficante de morfina que mora na cobertura. Detesta o sol, reparou na pele branca? Só sai depois que o sol se põe. Lá na porta está esperando o amante, Douglas, numa Mercedes dourada. Ela detesta a cor, já pediu mil vezes a ele que mande pintá-la de preto. Douglas veio do interior, é primeiranista de Medicina, *podre* de rico, filho de fazendeiros. Ele tem o pau pequeno, mas ela gosta de chupá-lo, embora quase sempre durma no meio. Ele está apaixonado, mas ainda não sabe direito com *quem* está envolvido. Lavínia ainda não revelou nada a ele sobre o terrível vício que *a* devora, nem sobre seu trágico passado. Pode ser que ela tenha estado em Ausch-

witz, como Sophia. Ela tem medo de ser deportada para a Romênia, de onde veio após a segunda guerra. Até que um dia Douglas, que ela chama ardente e suavemente de *meu Douggie,* resolve convidá-la para jantar no Rodeio com seu pai, aquele fazendeiro riquíssimo. E ao entrar no restaurante — *restorrân,* ela diz, com seu exótico e sensual sotaque —, de longe, da porta, sem ser vista pelos dois, atrás de uma coluna, Lavínia percebe que o Riquíssimo Fazendeiro é nada mais nada menos do que justamente o Homem de Pau Enorme que a desgraçou quando muito jovem, no cais do porto de Santos.

Cumprimentou o porteiro, parou à porta do edifício, abriu os braços para a noite úmida:

— Que fará a desventurada Lavínia? Enfurnar-se-á — repare na mesóclise — sorrateiramente no banheiro, aplicando-se, quem sabe, com uma dose mortal? Sentar-se-á normalmente à mesa, fumando seu Camel, enquanto o Riquíssimo Fazendeiro empalidece mortalmente — repare nos advérbios —, sem que o ingênuo Douggie perceba qualquer — repare na gíria — *transação* escusa? Sucumbirá Lavínia a uma incontrolável onda de lascívia — repare na aliteração — e, sub-repticiamente, sob a toalha, tocará no já latejante pau enorme do Riquíssimo Fazendeiro? Beberá, trêmula, as narinas frementes, uma dose dupla de vodca — repare no *merchandising* — Wyborowa? Ou sairá em desabalada carreira do *restorrân,* esbarrando em Telmo Martino, que a tudo assistiu, quebrando um salto e telefonando em prantos de um orelhão para explicar que sente muito mas, devido a gravíssimos acontecimentos, não poderá comparecer ao encontro? Voltará à sua luxuosa cobertura para tentar o suicídio ingerindo uma dose excessiva de barbitúricos? Ou ligará o vídeo-cassete para

assistir, uma vez mais, a *Tio Wiggily in Connecticut*, encharcando-se de gim junto com Susan Hayward?

Rindo, Santiago atravessou a calçada para abrir a porta do carro. Pérsio enterrou o capuz até os olhos. Sentou-se ao lado dele, ligou o rádio. A voz de Roberto Carlos encheu o carro. Ele desligou.

— Assim não dá, que pobreza. A controvertida Lavínia, a lasciva, merecia pelo menos uma Marlene Dietrich. Uma Edith Piaff, um *No, Je ne Regrette Rien* — cantarolou baixinho, rascando os erres.

Santiago espiou a mulher sozinha, à beira da calçada, fazendo sinais inúteis para táxis que não paravam. Uma das mãos comprimia a gola do casaco de peles contra o pescoço, a coxa branca escapando do rasgão lilás cintilante do vestido.

— Vestem-se como putas para ir a festas — comentou Pérsio. — É a moda, que se há de fazer? E fumam baseados infindos, cheiram carreiras bem servidas, dançam *rock punk*, copiam modelinhos *new wave*, topam qualquer cantada. Trepam em pé, coito anal, coito oral, sexo grupal, masturbação sem culpa, tão. Tão *liberais*, você não acha? Sou do tempo em que cabaço era documento.

— Aonde você quer ir? — Santiago perguntou lento, coadjuvante conformado.

Pérsio tornou a ligar o rádio. Gal Costa cantava um frevo nervoso do carnaval passado.

— Não suporto mais a Paraguaia — disse.

— Quem?

— Essa linha Paraguaia Tropical da Gal.

Santiago passou um feltro no pára-brisa.

— Sei, mas aonde você quer ir?

— Qualquer lugar, por mim. Você faz *questão* de algum?

— Qualquer coisa.

— Então vai em frente. Daqui a umas seis quadras tem uma pizzaria *absolutamente* normal. Não há a menor possibilidade de encontrar nenhum ator, atriz, diretor, cenógrafo, figurinista, produtor, divulgador, autor ou iluminador em cartaz ou em vias de. — Puxou os dois fios do capuz, amarrou-os sob o queixo, num laço. — Não suporto *assédios* profissionais em horas de lazer. Ou tentativa de lazer. Hoje estou inteiramente incógnito. Não quero cruzar com nenhuma das passadas, presentes ou futuras estrelas de nossa cultura.

Santiago ligou a chave. Enquanto o motor esquentava, no meio do ruído, teve tanta certeza que o outro ia novamente começar a falar sem parar que chegou a curvar-se para ele, para ouvir melhor. Mas Pérsio sacudiu a cabeça e nada, Pérsio disse que não tinha dito nada e, o carro subindo pela Consolação, abriu a janela deixando a cabeça pender para trás, apoiada no banco. Um vento molhado entrou pela janela. Ele soltou os cordões sob o queixo, acendeu um cigarro. Sem mover a cabeça, procurou outra estação de rádio, a voz estridente de Gal perdendo-se entre outras, agudas, roucas, ruído de estática, um baixo elétrico desvairado, um samba de braços-erguidos-e-todo-mundo-agora, até deter-se no piano lento.

— A Sonata número 4, de Beethoven — sussurrou. — O *Moonlight*. Só que não tem lua.

Atrás, além do perfil dele, recortados contra a janela aberta, encobrindo por vezes as luzes que passavam, Santiago pôde ver primeiro a silhueta irregular dos edifícios, algum ponto de ônibus com pessoas encolhidas, amontoadas embaixo das marquises batidas pela garoa fina, um *outdoor* com dentes resplandecentes, outro com coxas morenas, volume saliente, cuecas qualquer coisa, bares abertos, algumas putas, um travesti de saia de couro, botas pretas, depois o início dos muros altos

e brancos do cemitério, a massa sombria dos ciprestes — seriam mesmo ciprestes? ou pinheiros? ou *abetos*, repetiu, abetos, e sem querer pensou numa mangueira cercada de samambaias —, desviando os olhos para baixo, para o asfalto, aquelas poças de água colorida pelo neon, longo lago vertical, ascendente, subindo através da rua, como se o carro fosse um barco navegando pela avenida, para cima, contra a correnteza, Aguirre.

Pérsio estava quieto agora, o rosto meio voltado para a janela. De vez em quando a brasa do cigarro brilhava, mais nítida. Depois de um som miúdo como um pequeno suspiro, descia pelo ar, a brasa tão lenta quanto o piano, no mesmo ritmo, para juntar-se à outra mão, esquecida sobre as coxas. Outra vez, assim, olhando para ele, Santiago pensou que era bom de olhar, e não conseguiria, ainda, dizer de outro jeito, mesmo que parecesse absurdo. Bom, que bom de olhar, um quadro, o detalhe caprichoso de algum objeto antigo, o parque atrás das vidraças. Mesmo quando em movimento, qualquer coisa quieta no fundo. Restava, permanecia. Qualquer coisa que não se movimentava ou, de dentro, contemplava os movimentos, tolerante, não crítica, apenas remota, feito Lavínia no elevador, duas crianças, olhando para eles sob pálpebras azuis. Ou de novo como se seus olhos, os olhos escuros de Santiago, um pouco pesados nos cantos, cílios densos, fossem câmaras cinematográficas com lentes capazes de aproximar ou afastar as imagens, tornando às vezes mais definido o primeiro plano, agora a brasa que tornava a subir, para empastar em cores foscas, misturadas, indefinidas, as formas do fundo, cortadas por alguma súbita cintilação, lâmina, externa, ou liquefazer então os dedos, esmaecendo o formato, a brasa que descia, mão suspensa encontrando mão pousada, vagos, obscuros, ressaltando vibrante, dinâmicos, mastigava adjetivos como quindins, algum reflexo do semáforo no meio-fio da sarjeta transbordante da água suja dos bueiros, esgotos. Tossiu, menos por vontade que por confusão, para afastar um pouco aquela, era feito uma vertigem? era feito uma tontura, teria sido o vinho, as lentes meio embaçadas dos óculos, a fome, a chuva no pára-brisa, o piano lentíssimo, nota por nota, cada dedo do pianista depositado em infinito cuidado sobre cada uma das teclas, a brasa despencava devagar em direção ao solo, para deter-se na altura da outra mão, porque era sábado, tinham programado sair, ou todas essas coisas juntas, afinal, porque ele também estava bastante cansado de semanas e histórias e trabalhos e pessoas e.

Parecia dormir, Pérsio. A boca entreaberta. O lábio inferior, mais polpudo, onde se poderia passar, num carinho, a ponta do dedo médio. Morderia sem força, gato brincando. Estacionou devagar, para não acordá-lo. Mas era tão cedo, tudo, a noite, uma criança, virando a cabeça para trás, para os lados. Façamos de conta, no meio da chuva, que te enxuguei os cabelos, te levei para a cama, te aqueci com abraços, tirei tua roupa devagar, cantei para te adormecer até a manhã seguinte. Ficou olhando as grades baixas cortando a avenida em duas, enquanto os toques nas teclas do piano tornavam-se mais e mais acelerados no *allegro*, câmara que se aproxima, brasa acesa na penumbra, respiração regular. Ergueu as vidraças, as gotas mais fortes esmagadas. Do lado de Pérsio, salpicavam o casaco, o rosto, os cabelos. Santiago olhou para ele. Que o olhava também, atento, do outro lado, desperto, um palmo. Mas nenhum se moveu até Santiago dizer:

— Acho que é aqui. Vamos lá?

Saltaram poças, os dois, pela calçada. A pequena marquise metálica de pessoas misturadas, algumas crianças, Herodes, rosnou Pérsio. o sábio mais injustamente

incompreendido de toda a História Ocidental, depois o calor no rosto, os grandes fornos abertos, um cheiro inesperado de cânfora perdido no ar, ou alecrim queimado, mas não tinham nada em comum os dois, a nota disfarçada na mão do garçom, sorriso cúmplice, rapidinho, não temos tempo, tantas cores misturadas, saídos de um filme preto e branco para a rua repleta de cores, em plena tarde de sol, janeiro, verões, piscinas azuis de cloro, pouco depois a mesinha no canto, a toalha xadrez, verde e branco. Escolheram, indecisos, veio o vinho, tinto como o outro, e um cálice de conhaque dourado, para afastar a gripe, limpar a voz, Pérsio justificou, que precisava de pretextos, álibis, culpas, punições, e passaram o cálice de um para o outro, aquecendo a base mais larga entre as duas mãos. Estava mais corado, agora, Santiago observou. E depositou os óculos ao lado do maço de cigarros.

— Bem, agora conte-me coisas — Pérsio pediu.

Santiago olhou por cima da cabeça dele. O quadro com faunos e bacantes nuas esmagando cachos de uvas sob os pés dentro do barril de madeira.

— Que coisas?

— Coisas, ora, *coisas*. Excitantes, escabrosas, melancólicas, excêntricas, depressivas, estimulantes, atrevidas, mesquinhas, loucas, maravilhosas.

— Mas não há nada para contar.

— Então inventa, inventa rápido. Falei a noite inteira. Agora entrei em alfa. Aproveita, senão recomeço. É a sua vez.

— Eu gosto de ouvir.

— Claro que você gosta: eu sou *interessantíssimo,* não é mesmo, gente? Mas pelo amor de Deus, pare de fazer o ouvinte omisso & respeitoso, senão vou morrer de sono antes que venha a pizza. Faz mal morrer de sono com o estômago vazio, sabia?

Santiago corou.

— Mas contar o quê?

— Qualquer coisa, já disse. Senão eu piro. Conte depressa, senão *eles* vão começar a olhar.

— Olhar?

— Todo mundo. As *mammas,* as possessivas gordas, as criancinhas odiosas, os maridos subjugados, as *nonnas* de saco cheio.

Santiago olhou em volta. Localizou três mocinhas feias na mesa ao lado e, mais além, um casal entediado, ela gorda, tranças presas no alto da cabeça, ele de terno azul-marinho, provavelmente o mesmo que usava para trabalhar, bigodinho fino, antes da mesa grande, cheia de criancinhas barulhentas. Caras cansadas, sem mistério. Eram só dois rapazes não muito jovens numa noite de sábado, nada especial, comuns, urbanos, talvez bonitos.

— Ninguém está olhando.

— Ainda não, mas vão começar já, se você não falar alguma coisa. Em silêncio profundo, *God! deep silence,* não é bonito? só casal em fase de separação. Aquela linha Tédio, Rancor & Acusações Recíprocas, conheces?, perguntaram. De sobra, responderam. Ou namorados, começo de namoro, inteiramente apaixonados, nem treparam ainda, meio bestas, babando de tesão contida. Você sabe, aquela coisa de olho no olho. Um gole, um cigarro. Muitos cigarros, o cinzeiro. Talvez até terminarem os cigarros e terem que dividir um. Suprema perversão, lamber a saliva do outro. Um roçar de mãos ocasional, completamente *ocasional,* ao bater o cigarro, de repente. Assim.

Pérsio bateu o cigarro no cinzeiro. Deixou a ponta de um dedo roçar, fugidia, nos pêlos macios das costas da mão de Santiago. Santiago abriu os dedos. O indicador suspenso no ar, Pérsio não se mexeu.

— Vamos, diga alguma coisa. Quer que rasteje a teus pés? Senão eles vão pensar que somos um casal em fase de separação. Ou um par de namorados babões. Onde está seu superego? O que é que você quer que eles pensem de nós, de mim, aqui, a teus pés? E em qualquer das hipóteses as *mammas* cutucarão seus maridos ruins de cama repetindo baixinho, escandalizadas, *guarda, amore, questi belli regazzi, Dio mio, veados.* Santa Madona, como é que se diz *veados* em italiano? — Acentuou a palavra, como gostava de fazer. As mocinhas se voltaram, curiosas. — Já começaram a olhar, viu? Você quer que pensem isso de você, hein? Que nós somos veados, bichas, baitolas, putos, maricões, chibungos, frescos, peras, homossexuais, invertidos? Hein, cara? — Bateu forte no joelho sob a mesa. — Então, como disse Michelangelo dando a martelada, *parla, catso*!

Santiago estava vermelho.

— Eu não sei bem por que estou aqui. Ainda não consegui entender bem por que é que eu estou aqui com você.

— Porque a gente se encontrou sábado passado, na sauna. E eu convidei, eu disse apareça um sábado desses. Qualquer coisa assim, e você apareceu. Você ligou hoje à tarde, aceitando *sensibilizado.* — Pérsio sacudiu o cálice de conhaque, depois entornou-o rápido, erguendo o pescoço para vê-lo melhor. — Então eu fiquei meio surpreso de você ligar e.

— Você ficou surpreso?

— Fiquei. Quer saber? Eu quase não saio mais. Eu quase não vejo ninguém. Devo pedir aos violinos que comecem a tocar ao fundo?

— Eu também não.

— Também não o quê?

— Quase não vejo ninguém, quase não saio mais. Dou aquelas aulas, volto para casa. Aí fico lendo ou vou ao cinema. Vou ao cinema quase todo dia. Ou vejo uns dois filmes na televisão, cada noite. Já ando vendo as coisas, as coisas todas, o tempo inteiro como. Como se meus olhos fossem lentes. Dessas de cinema, um *close,* pá, vejo mais perto. Um *zoom,* pá, vou afastando.

— Ou aproximando.

— Ou aproximando, claro. Mas também fiquei surpreso de eu mesmo ter telefonado.

— E agora você não entende como está aqui.

— Eu não entendo?

— Você disse.

— Eu disse? Não sei bem. As coisas foram indo. Quase não conheço você. — Hesitou. E acrescentou: — Pérsio.

— Faz muito tempo.

— Muito, faz muito tempo.

— E de repente eu ia dizer não, não posso, não quero, não devo, estou doente, descobri que estou com AIDS, tenho um compromisso, tentei pular da janela. Quando vi, tinha dito te espero às oito, não foi? E de repente eram só sete e meia quando a campainha tocou e eu não pensei que fosse você. Oh, Deus, tudo tão *típico.* Eu queria ter tomado um banho antes e feito a barba, uns cheiros, uns charmes, essas coisas. Eu queria dar uma boa. Sei lá, troço mais babaca: *impressão.* Eu queria que você gostasse de mim. Eu estava superchapado, supercheirado. Torto, eu estava torto. Ainda estou um pouco, comecei a aterrizar só depois do banho. Eu ia espiar pelo olho mágico e não ia abrir, a não ser que fosse assim um. Um James Caan, um Nuno Leal Maia. Mas de repente já tinha aberto a porta e você disse oi, e eu devia estar um horror, uma cara

de Christiane F. *antes* da desintoxicação, eu disse oi, com aquele olho vermelho, o nariz meio pingando, aquele bafo de maconha. A pele, a pele, você reparou como estou pálido? Então você entrou e perguntou como é que eu estava, daí eu botei correndo aquela música, eu tinha que me mexer rápido, e disse.

— Como esta música.

— O quê?

— *Como esta música*: você disse. *Exatamente como esta música.*

Pérsio parou de falar. Bebeu mais um gole de conhaque.

— Foi. Bem assim. *Flash-back* na mosca, cara. Entra *Years of Solitude* na trilha. Só uma vinheta, anos. Anos de solidão. Falar em *flash-back*, sabe que às vezes tenho vontade de voltar para lá?

— Você? Não acredito.

— Acredite, tenho. Uma vontade louca, às vezes, de voltar para a Cidade. Besteira? Pode ser, mas me dá um cansaço daqui. Um nojo, às vezes, me dá. Esse cinismo lento invadindo. Principalmente quando chove, e chove sempre. Você não tem?

— O quê?

— Vontade de voltar.

— Agora é muito tarde.

— Já pensou, eu lá? Não ia ter nada a ver, menino. *God!* como ia ser medonho. Não ia mesmo ter nada a ver. — Chamou o garçom, pediu outro conhaque. — Você dá uns tapas? Então tudo bem. Não quero segurar a culpa sozinho. Preciso de *cúmplices*. — Pegou os óculos de Santiago, ficou revirando entre os dedos. — Naquele tempo, já não tinha. Imagina agora. Descaralhei tanto, esses anos. Vamos entrar na linha traumas, algo a opor?

— Vai em frente.

— Acho prudente avisar. Mas é sempre *danger.*

— Não tem importância.

— Oh, como você é *compreensivo.* — Tocou com o vidro dos óculos na mão de Santiago. — Sabe que quando eu saía na rua as meninas gritavam biiiiiiiicha! Não, não era *bicha.* Nem *veado.* Acho que era *maricas,* qualquer coisa assim.

— Fresco — Santiago disse. — Era *fresco* que se dizia.

— Isso: *fresco,* elas gritavam. Todas gritavam juntas. *Ai-ai,* elas gritavam. Bem alto, elas queriam ferir. Elas queriam sangue. E eu nem era, porra, eu nem sabia de nada. Eu não entendia nada. Eu era superinocente, nunca tinha trepado. Só fui trepar aqui, já tinha quase vinte anos. E cheio de problemas, beijava de boca fechada. — Sorriu, contornando os aros dos óculos com as pontas das unhas roídas.

— Vou perguntar uma besteira: foi bom?

— Bom? Foi uma bosta, cara. Mas não vem ao caso, tudo *superado.* Ah, tão Maduro & Equilibrado. Cinco anos de terapia, sob controle. Mas era difícil, lá. Aquelas garotas todas gritando, de manhã bem cedo, quando eu ia para o colégio. Todos os dias. Ao meio-dia, quando voltava. Todos, todos os dias. *God!* que inferno. Semana após semana, ano após ano. Eu já não tinha coragem de sair de casa. Ficava chorando pelos cantos, bem *tanso,* me perguntando apavorado meu Deus, meu Deus, será que sou mesmo *isso* que elas gritam que eu sou? — Enfiou o dedo no fundo do copo vazio e lambeu. Depois passou nas gengivas. — Só tinha um na cidade, lembra?

— Lembro. O seu Benjamim, o barbeiro. Ele se matou, sabia?

— Claro, não é? E fez muito bem. Sábia decisão. Só podia mesmo era cortar os pulsos.

— Ele se enforcou. Bem no meio da praça. Num domingo de Páscoa. Na figueira. O padre encontrou na hora de abrir a porta da igreja, antes da missa.

— Perfeito, perfeito: a Anônima Tragédia Provinciana. E dá no mesmo, forca, navalha, barbitúrico, gás, tiro. Tudo no mesmo. Aquelas garotas eram umas assassinas. — Olhou em volta, as pessoas, uma a uma. — Como eles, todos uns assassinos. Eles não perdoam, eles não aceitam. Eles não perdoam nunca, sabia? Eles não vão sacar que não se trata sequer de *perdão*. Se um *deles* discutir com você, esse vai ser sempre o último insulto que te jogarão na cara. O mais ofensivo, na opinião deles. Você não vai passar nunca de um veado escroto. Uma a-ber-ra-ção. Com todos os Masters & Johnsons do planeta. Que *lamentável*, meu amigo.

Santiago esfregou as mãos. Desviou os olhos.

— Tinha outro, também — tentou. — Como era o nome dele? Ary, era o Ary do Instituto de Beleza.

— Mania que veado tem de mexer no cabelo dos outros.

Santiago riu.

— Não tem graça.

— Eu sei, era triste?

— Triste, você disse: *triste*? Era medonho, cara. Era duma solidão horrenda, era dum desespero *pânico*. Era duma. Duma agressão, de um desprezo, de uma crueldade. Você não lembra?

— Eu já tinha ido embora.

— Eu não tinha nenhum amigo. Só Peter Pan.

— O quê?

Pérsio passou o indicador, de leve, sob o roxo dos olhos.

— Ao fundo, entra agora um *slide* de Pollyana, esquece. Eu já tinha visto o filme, depois comprei o livro. A versão de Monteiro Lobato. Depois ganhei a tradução, era lindo. Não tinha um álbum, um álbum de figurinhas? Eu fiquei absolutamente *apaixonado* pelo Peter Pan. Quando eu ia dormir, de noite, queria que aquelas garotas nojentas todas morressem enquanto eu voava sobre a cabeça delas. Para a Terra do Nunca, Peter Pan vinha me buscar toda noite, nós íamos voando para a Terra do Nunca. *God!* introjetei completamente a Wendy, aquela putinha. Eu não queria crescer. Eu tinha nojo de crescer. Gente adulta me dava vontade de vomitar. — O garçom trouxe o conhaque. Ele bebeu até quase a metade, de um gole só. Estendeu o cálice para Santiago. — Mas eu não pensava em sacanagem nenhuma. Só queria ficar perto dele. No máximo, deitar abraçado com ele. Na mesma cama. Nem um beijo, nada. Só um abraço, bem apertado. Ridículo, ridículo. Eu era meio *retardado*, acho. Até uns dezoito anos não sabia nem o que era punheta, pode?

As mocinhas se agitaram na mesa ao lado. Riram baixinho. Pérsio olhou para elas. Acendeu outro cigarro. Tragou, bem fundo. E repetiu:

— *Pu-nhe-ta*. Eu não sabia o que era. Aquelas monstras. Devem estar todas gordas, balofas, megeras medonhas, cheias de varizes, frígidas, com mil crias ranhentas na barra da saia, mal-comidas. Os maridos arrotando e peidando repolho, barrigudos de cerveja, meio brochas, trepando pelos cantos com as empregadas. Como cachorros. — Levantou a mão. E bateu o cigarro no ar. A cinza caiu. — Não me venha dizer que perdoar-é-divino. Desejo o pior para eles todos. A lepra, o câncer na pele. Merda, continuo *histérico*. Eu não devia sentir tanto ódio. Mas nunca, porra, nunca ninguém. Ai, que lamentável orgia de autocomiseração. Mas não consigo esquecer. Sei que não é nem um pouco *espiritual*. — E de repente, o olho brilhando. — Você tinha uma namorada, não tinha?

Santiago corou outra vez.

— Tinha, era a.

— Espera aí, não diz. Eu vou lembrar, claro que eu vou lembrar. Era uma das mais monstras de todas. Tinha uns peitos enormes, uma franjona na testa. Era um nome *ridículo,* como era mesmo? Janete? Não, Salete? Sei, sei: Rejane, pelo amor de Deus, cara, era a Rejane Magalhães, filha do Doutor Antoninho.

Santiago começou a rir.

— Eram duas irmãs, não eram? Regina e Rejane. A Regina usava óculos, tinha bigode e uma saia jeans. Era a *única* saia jeans de toda a cidade. Estudava por aqui, só voltava lá nas férias. E levava sempre uma *amiga.* Umas amigas desmilingüidas, de cabelo liso, óculos e rabo-de-cavalo. Diziam que era paraíba, macho-fêmea, meio comunista. Minha mãe garantia que não. Minha mãe era meio *gay,* botava a mão no fogo por todas as bichas e sapatões incompreendidos da cidade. Claro, com o filho que tinha. Jurava que a Regina tinha era muita *personalidade.* Uma personalidade muito *forte.* Você, como ex-futuro-cunhado, deve saber toda a verdade sobre Regina Magalhães. Era lésbica?

— Era. Uma vez encontrei ela no Ferro's Bar. De moto e blusão de couro.

Pérsio riu tão alto que a família inteira da outra mesa voltou-se para os dois.

— Mentira, jura? Calçando quanto?

— Uns cinqüenta em cada pé. Bico largo.

Pérsio batia na mesa, rindo.

— Você é louco, cara. Você é completamente pirado. Como é que você namorou a Rejane Magalhães, com aqueles *ubres* de Jayne Mansfield? Elas moravam na esquina de baixo. Quando subiam de tardezinha para o centro, depois do banho, meu pai olhava e dizia

mas não é possível, gente, esta filha do Antoninho andou comendo *estoura-peito.*

— Eu fui noivo dela.

Pérsio riu tanto que quase caiu da cadeira, engasgado com a fumaça do cigarro. Bebeu um gole de vinho. Quando esfregava os olhos vermelhos, o garçom colocou a pizza na mesa. Santiago cortou um pedaço. Assoprou, antes de provar.

— Não era cânfora. Nem alecrim.

— O quê?

— O cheiro. Um cheiro que senti quando entramos, era manjericão.

— Erva de Oxum — Pérsio ergueu a mão para o teto, saudando outra vez: — *Ora ye ye ô,* minha mãe! Segura essas, com a bênção de Oxalá e Ogum de guarda. Então, me conta mais. Você devia ser completamente *mongolóide,* bicho. Meu Deus, ficar noivo da Rejane.

— De aliança, sofá e tudo. — Santiago confirmou. — Anos, anos a fio. Seis anos. Ela já estava com o enxoval pronto. Aí eu vim para São Paulo fazer a faculdade e.

— Conheceu um cara.

— Como é que você sabe?

— Clássico, é clássico, rapaz. Mas não se constranja. Em princípio, tipo rapaz encontra moça. Mas logo depois, para infelicidade *dela,* encontra também rapaz. E gosta muito mais, lógico. Vai em frente.

Santiago vacilou, remexendo na pizza com o garfo. Mordeu um tomate. Mesmo sem óculos, as bacantes nuas, muito nítido, os sátiros com coroas de folhas de videira nos cabelos encaracolados. As mocinhas atentas na mesa ao lado. Mastigou devagar, as duas mãos cuidadosamente postas sobre a toalha, mal tocando o pano, uma ao lado da outra. Pérsio o espiava,

olhos divertidos, meio ternos, talvez, um pouco avermelhados.

— Pois é. Um cara, na faculdade. Roberto, era o Roberto. Beto, as pessoas todas chamavam ele de Beto. Eu andava sempre com um livro embaixo do braço, acho que eu queria que as pessoas vissem a capa do livro. Que pensassem coisas, que eu lia, sei lá. Eu ficava sozinho no Centro Acadêmico lendo o tal livro. Não era sempre o mesmo, mas era bem escolhido, para que vissem. Demorava uma semana com o mesmo livro, depois trocava. Eu lia devagar naquela época. Um dia ele chegou de repente e perguntou que livro era.

— Fantástico — disse Pérsio. — Estudadíssimo você, hein? Com essa carinha sonsa. E que livro era, afinal?

— Era Clarice Lispector, nesse dia era *Perto do Coração Selvagem.* Eu acho que fiquei olhando para ele uma porção de tempo antes de conseguir dizer o nome do livro. Era uma ousadia ler Clarice naquele tempo, ninguém entendia direito, diziam que era difícil. Eu também achava, mas gostava. Eu gostava dela. Ela tinha um jeito de ver por trás, por dentro, que eu achava que também tinha. Que só eu tinha. Eu fiquei olhando para o Beto. Era bonito, eu já tinha visto ele e tinha pensado, que bonito. Nossa, que bonito. Ele tinha uma camisa xadrez. De madras, não era assim que se dizia? Lembro até hoje. Xadrez meio assim desbotado, muito vago, vermelho, verde. Madras, engraçado, não é o nome de uma cidade da Índia? Aí ele sentou e começou a falar em Kafka e em Sartre e em Camus. Em Simone não, ele achava Simone uma farsa. Depois perguntou se eu tinha lido um livro chamado *Poeira.*

— *Dusty Answer* — Pérsio sorriu. — Rosamond Lehman.

Santiago sorriu também.

— Isso, isso. Judith, Roddy.

— O rio, a escola.

— E Jennifer. Que eu tinha que ler. Que se eu gostava de Clarice tinha que ler *Poeira.* Que ele ia me emprestar, fazia questão. Aí ele me trouxe, no dia seguinte. No dia seguinte não, que era sábado. Nem no domingo. Na segunda, ele trouxe na segunda. Todo o fim de semana eu pensei nisso, achei que ele ia esquecer. Mas ele não esqueceu. Eu esperei ele fumando numa mesa do fundo. No recreio das dez, que era maior, eu não fumava, mas. Minister, eu tinha comprado um maço de Minister. Era um livro de capa dura, meio amarelado. Aí a gente começou a se emprestar livros, a ir ao cinema juntos, de tarde. Glauber, Goddard, Truffaut, aquelas coisas. Ele gostava da Françoise Dorléac, eu adorava Rita Tushingam. Depois uns concertos, de noite. Mozart, o Beto tinha paixão por Mozart. Principalmente um concerto de piano em si bemol. No teatro, umas vezes. Eu nunca tinha ido ao teatro. Foi uma noite, era *Um Gosto de Mel,* sabe *Um Gosto de Mel*?

— Sei. Aquela história da garota grávida que vai morar com uma bicha boa. Tinha uma música, não tinha? *A Taste of Honey* — Pérsio cantarolou, batendo com a faca no cálice. — *Ta-ram-tam. Taram-taram-taram.*

— Depois fomos num bar e começamos a beber. Ele escrevia poemas. Tinha um, como era? Ele me mostrou naquela noite. Lembro, lembrei. Ele disse inteiro, o começo era assim: *"Navego pelo teu silêncio, amigo, esse estranho labirinto cheio de portas falsas e desejos de mármore redondo."*

— Mármore *redondo*?

— É. O que tem?

— Nada, esquisito. Fiquei pensando. E aí o poema era para você.

— Claro que era. Nós só tínhamos vinte anos.

— Não se justifique.

— Não estou me justificando, era bonito. Nós bebemos muito. Cuba, a gente bebia cuba. Era uma ousadia tremenda dele mostrar aquele poema justo depois daquela peça. A gente saiu junto, já estavam fechando o bar, e na praça. A gente estava completamente bêbado, na praça a gente se abraçou com força. Com muita força. Durante muito tempo. Eu me lembro que ele tremia. Acho que eu tremia também. E me beijou, depois, na boca. Ou eu beijei ele, não me lembro. Ou nos beijamos juntos, ao mesmo tempo.

— Vocês foram para a cama?

— Na mesma noite. Eu morava num hotel pequeno, ninguém via.

— Foi legal?

— Foi... foi *complicado*. Foi complicadíssimo. Eu não sabia trepar. Nem ele. A gente ficava só do pescoço para cima. Como se o corpo nem existisse. Pau, essas coisas. Mas foi bonito. Não tinha importância que não desse muito certo. — Repetiu: — Nós só tínhamos vinte anos.

Santiago cruzou os talheres, empurrou o prato.

— E aí?

— Aí o quê?

— Aí, depois. O que aconteceu na seqüência?

Santiago acendeu um cigarro.

— Nós vivemos juntos quase dez anos. Quer dizer, eu viajei, ele viajou. Quando um voltava, a gente continuava. Separava, às vezes. Poucas vezes, transava outras pessoas. Mas voltava sempre.

— Dez anos? *God!* longas paixões, hein? SEIS anos com a Rejane Magalhães, DEZ anos com o Beto. Como é que você pode? Porra, eu nunca consegui ficar mais

do que um mês transando a mesma pessoa. Sempre me dá uma. Uma *coisa*, já conheço aquele corpo, aquele cheiro, aquele gosto. Aí vou à luta.

Santiago soltou a fumaça pelas narinas e ficou vendo ela embaçar-se sobre a cabeça de Pérsio. Como uma auréola, apagando os contornos dos sátiros, das bacantes. Os cachos de uvas escorregavam meio desmanchados pelas bordas do barril. Roxo sobre o verde, misturavam-se à grama alta, cheia de flores amarelas, madras, mudras, gesto parado.

— Muito tempo, não?

— *Para* caralho, cara. E depois? Dez anos, deixa ver. Se vocês começaram a transar quando você tinha uns vinte. Dez anos, quantos você tem agora?

Santiago bebeu mais um gole de conhaque.

— Trinta e três. Faz quatro anos que o Beto morreu.

O rapaz olhava de longe, fazia algum tempo, Santiago tinha visto. Com o canto do olho, enquanto contava, percebeu que ele procurava chamar a atenção de Pérsio. Movimentava-se sem parar, falando muito alto. Mas Pérsio estava mergulhado nas palavras dele, um menino antigo ouvindo uma história de fadas, bruxas, príncipes. Chegara a esquecer a ponta do cigarro aceso entre os dedos, boca entreaberta, olhos arregalados, mais próximos do verde, assim, a luz batendo direto na íris clara. Quis alertá-lo, as estrelas de nossa cultura, lembrou. O rapaz veio-se aproximando por trás, macio, felino, até tocá-lo no ombro. Pérsio assustou-se e queimou os dedos, num sobressalto.

— Merda — resmungou, esmagando a ponta no cinzeiro. E voltou-se para o rapaz sorridente, um excesso de dentes grandes enfileirados sobre a gola alta, cabelos curtos, um topete anos 50, as mãos enfiadas nos bolsos das calças largas, cheias de bolsos, um enor-

me chaveiro pendurado, tilintando enquanto ele se curvava.

— Oi — cumprimentou. — Lembra de mim?

— Oi — Pérsio lambeu os dedos queimados. Estendeu a mão. — Lembro, claro que lembro. Como vai? Você não é do elenco do *Édipo*?

— *Antígona* — o rapaz corrigiu. — Do coro, sou o Carlinhos do coro.

— Claro, claro. O coro, lembro sim. Não foi você quem levou as fotos e o *release* no jornal? E como vai o espetáculo, Carlinhos Do Coro?

— Meio mal, sabe como é — enfiava as mãos até o fundo dos enormes bolsos, balançando-se para a frente e para trás. — Hoje nem teve. Só meia dúzia de pessoas. Puta crise, não é?

— Putíssima — concordou Pérsio. E repetiu, olhando para as três mocinhas: — *Putésima,* de pleno acordo. Eu não sei onde vamos parar com. Para teatro, então, nem se fala. Artes em geral.

A deixa exata. Santiago tornou a tragar, demorado, o cigarro, o conhaque, o vinho, a miopia, olhando em volta. Mas não acontecia nada. As três mocinhas disputavam um último pedaço de pizza (de aliche, reconheceu), na mesa grande uma das crianças dormia, afundada nos seios fartos da mãe, enquanto alguém cantava, melancólico, *la stata sera cominciata e giá finita,* o vento lá fora, a moça gorda de tranças e o moço de bigodinho tinham ido embora, uns japoneses frenéticos tinham tomado conta da mesa, falando uma língua cheia de miúdos faniquitos. Quase sem respirar, Carlinhos investiu:

— Pois é daí então a gente precisa de força sabe como é cooperativa e tal gente nova todo mundo pôs alguma grana em cima tá super-ruço você sabe daí que se você pudesse dar uma força lá no jornal sabe como

é sempre ajuda a divulgação é fundamental só depende da boa vontade de alguns uma questão de acreditar e dar força.

Pérsio colocou os óculos de Santiago. Cruzou os braços, balançando a cabeça com ar profissional.

— Tá. Vou ver o que posso fazer. Não depende só de mim. Tem os caras mais em cima, você sabe, que mandam mais. Você tem um diretor, eu tenho um editor. Eles é que decidem.

— A gente agradece — Carlinhos curvou a cabeça. Fez um ar tardiamente polido de não-quero-interromper-nada-entre-vocês, apertou a mão de Santiago, levemente cúmplice, e foi saindo entre as mesas.

Pérsio tirou os óculos, cruzou os talheres, empurrou o prato. Parecia deprimido. Pegou outro cigarro, acendeu na ponta que Santiago começava a apagar.

— Saco. Sempre aparece um. Na próxima vez que eu falar que este lugar é *normal,* você me cospe na cara, combinado?

— Ou chamo a Rejane — Santiago brincou.

— Maravilha. Chama a Rejane e manda ela gritar da porta, bem alto, para todo mundo ouvir: *Freeeeeeesco*! — Tornou a lamber os dedos queimados. — Bosta, bosta de profissão. Sabe o que eu fiz ontem à noite? Gastei três laudas demolindo im-pi-e-do-sa-men-te a tal *Antígona*. Principalmente o coro. Que parece sofrer de descontrole motor, com tantas acrobacias físicas. Que não decorara o texto. Que devia voltar a fazer teatro infantil, daquele bem debilóide, cheio de oncinhas. Que Antígona, quem diria, acabou na Mooca. E eu que até gostava de teatro. Estou pegando bode para sempre, vejo um palco e quero sair batendo em todo mundo. O coro tem pelo menos vinte pessoas. São vinte *inimigos,* já pensou? Haja santo forte capaz de segurar. Você não acha o fim ficar dando palpite no trabalho

dos outros assim, sem saber direito da viagem dos caras?

— Eu corrijo provas.

— Dez anos. Classe teatral. Aquelas monstras todas gritando na rua. Pede a conta, enchi o saco disso aqui. Coitado do menino, deve morar em Pirituba. Tem que comer depressa porque volta de metrô. Tem metrô em Pirituba? E mora num conjunto habitacional do BNH, com a irmã costureira e a mãe entrevadinha. Dorme na parte de cima de um beliche. Na cama de baixo dorme o irmão que trabalha na polícia de choque. E amanhã vai sair no jornal que ele é uma besta. Assinado por mim.

Santiago disse que ele estava exagerando, que fazia parte, que não era tão grave assim. Mas ele não parou. Santiago chamou o garçom.

— Dez anos. *God!* E você deu o cu nesses dez anos?

— Hein?

Pérsio batia com a faca no copo, os olhos injetados.

— O cu, não é isso? No final das contas, tudo se reduz a isso. Se eu fizesse *assim* com os dedos o Carlinhos caía nos meus pés e me dava o cu em público. Ou me comia o cu. Podia até ser gostoso. Daquele tamanho, deve ter um baita pau. O Carlinhos, o Paulinho, o Luizinho, todos os *inhos* com seus enormes chaveiros. Queria bater neles todos. Cu, cu, cu — repetiu. As mocinhas levantavam da outra mesa, olhando sempre. — Aquelas monstras, porra, eu só tinha uns treze anos. Fiquei com um nojo. Entre dois homens, amor é igual a sexo que é igual a cu que é igual a merda. Sabe que não agüento merda? Eu vejo um cara e gosto e tal e me aproximo e rola umas, sempre rola umas, porque eu canto bem, eu sei cantar, veja que vaidade, e daí eu penso, Deus, daqui a pouco a gente vai pra cama e chupa daqui, chupa dali, pega, baba, roça, morde, e

no fim inevitável tem o cu e a merda no meio. Você acaba *sempre* dando a bunda ou comendo a bunda do outro. Se você dá, ainda não é nada. Tem a dor, a puta dor. Caralho dói para caralho. Tem uns jeitos, uns cuspes, uns cremes. Mas é *nojento* pensar que o pau do outro vai sair dali cheio da sua merda. Mesmo nos casos mais dignos, você consegue imaginar Verlaine comendo Rimbaud? E se você come o outro, tem a merda do cara grudada no teu pau. Mesmo no escuro, você sente. É impossível não sentir. Por mais limpos que vocês estejam. Fica aquele cheiro, aquele cheiro de merda solto no ar. Às vezes vou no escuro até o banheiro e lavo o pau de olhos fechados, ensabôo bem, com a torneira aberta, para pensar que aquela meleca toda é do sabonete, não da merda. Mas fedor de merda é sempre mais forte. Mais forte que tudo. Objetivo, subjetivo. Tem amor que resista? Agora me diz — bateu com os óculos na mesa. Tão forte que Santiago teve medo que as lentes quebrassem. Mas não quebraram. — Por mais flores e risos e beijos e carinho e, droga, *compreensão mútua* e ma-tu-ri-da-de. Por mais apaixonado, por mais legal. Para mim, nunca. Fica um cheiro de merda por tudo. Mesmo que você não veja. Que você não sinta. No escuro, fica. No dia seguinte, mexendo nos lençóis, sem querer, você vai acabar descobrindo uma manchinha fedorenta: merda, merda pura. Não me venham com liberações, normalidades, porque não tem nada demais, é uma opção como qualquer outra, não sei que lá. Quem resolve o meu bode com cheiro de merda? Amor entre homens tem sempre cheiro de merda. Por isso, eu não agüento. Um mês, dois. Você mascara, disfarça, põe uma vaselina aqui, um sabonete ali. Mas o cheiro da merda continua grudado na tua pele. Eu não consigo aceitar que amor seja sinônimo de cu, de cheiro de merda. Aí eu falava isso para o analista e ele repetia sempre mas afinal, o que há de

tão nojento com a merda? Pode? Como o que há de *tão* nojento? É nojentíssimo, porra. Ter cu é insuportável, é degradante você se resumir a um tubo que engole e desengole coisas. Eu não vou aceitar nunca que o ser humano tenha cu e cague. Você conseguiria imaginar Virginia Woolf cagando? Eu só estou falando nisso agora porque a gente parou de comer. Se falasse antes, ninguém conseguiria comer nada.

O garçom trouxe a conta e os cafés. Pérsio riscou a toalha com a faca, várias vezes, horizontalmente. Depois na vertical, grades.

— Ontem à noite sublinhei umas frases numa história de Andersen. A moça dos sapatinhos vermelhos. A maldição, quando o anjo diz.

— *Dançarás, dançarás para sempre* — não é isso?

— Como é que você sabe?

— Eu vi no seu quarto. Estava aberto.

— Pois parece assim. Uma maldição. Para sempre. Só acaba quando amputam os pés da moça. Quando você perde um pedaço? Quando você se anula? Quando você *renuncia* e nunca mais trepa? Em nome da higiene, em nome da. Eu não consigo. Jean Genet me cuspiria na cara. Daí você me diz, então pára, se é tão. Tão *traumatizante,* tão violento, pára. Ou batalha uma mulher. Sublima. Ou muda a tua sexualidade. Eu não gosto de mulher. Até já transei, mas não sinto nada, tudo liso. Então eu tento, eu fico uma semana, quinze dias sem foder. Então sinto falta. Aí vou na esquina e canto o primeiro que passar. Quanto custa, vamos lá, qualquer um. Paraíba, michê, crioulo, não tem problema. É rápido. Toalhas, torneiras e tal. A grana, papéis definidos, eu-sou-bicha-você-é-macho, nenhum envolvimento. Já me roubaram, qualquer dia me matam. Isso não me importa. Mas e isso que falavam, amor? Essa sua história, eu não conheço. Eu só tive *vislumbres,* parecia prometido, preparado. E nunca aconteceu. Eu nunca consegui, eu nunca fui capaz, deve ser culpa minha. Ah, que banal. Até que ponto as circunstâncias não me favoreceram, ou eu é que não favoreço as circunstâncias?

Santiago voltou a colocar os óculos. Estendeu a mão para a conta.

— Quanto foi?

— Deixa, eu tenho.

— A gente racha, então.

Santiago colocou duas notas no pratinho de plástico. Pérsio remexeu nos bolsos do casaco verde. Guardou as duas notas, assinou um cheque. E tocou com a ponta do dedo no pulso de Santiago.

— Me diz.

— Hein?

— A merda, o cheiro, o nojo. E o amor, o amor, cara. O que eu faço com isso?

— Você esquece, sei lá. Não tem tanta importância assim. E se for mais forte?

— A merda?

— Claro que não. O amor. Desculpe, palavra idiota.

— Amor não existe. É uma invenção capitalista.

— Isso é só uma frase.

— Eu não sei, pode ser.

— Mas se. Tudo bem. Suponhamos que os dois caras gostem muito um do outro.

— O que já é difícil.

— Pode ser, mas. Suponhamos. Eu já vivi isso. E se realmente gostarem? Se o toque do outro, de repente, for bom? *Bom,* a palavra é essa. Se o outro for bom para você? Se te der vontade de viver? Se o cheiro de suor do outro também for bom? Se todos os cheiros do

corpo do outro forem bons? O pé, no fim do dia. A boca, de manhã cedo. Bons, normais, comuns. Coisa de gente. Cheiros íntimos, secretos. Ninguém mais saberia deles se não enfiasse o nariz lá dentro, a língua lá dentro, bem dentro, no fundo das carnes, no meio dos cheiros. E se tudo isso que você acha nojento for exatamente o que chamam de amor? Quando você chega no mais íntimo. No tão íntimo, mas tão íntimo que de repente a palavra *nojo* não tem mais sentido. Você também tem cheiros. As pessoas têm cheiros, é natural. Os animais cheiram uns aos outros. No rabo. O que é que você queria? Rendas brancas, imaculadas? Será que amor não começa quando nojo, higiene ou qualquer outra dessas palavrinhas, desculpe, você vai rir, qualquer uma dessas palavrinhas burguesas e cristãs não tiver mais nenhum sentido? Se tudo isso, se tocar no outro, se não só tolerar e aceitar a merda do outro, mas não dar importância a ela ou até gostar, porque de repente você até pode gostar, sem que isso seja necessariamente uma *perversão*, se tudo isso for o que chamam de amor? Amor no sentido de intimidade, de conhecimento muito, muito fundo. Da pobreza, e também da nobreza do corpo do outro. Do teu próprio corpo, que é igual, talvez tragicamente igual. O amor só acontece quando uma pessoa aceita que também é bicho. Se amor for a coragem de ser bicho? Se amor for a coragem da própria merda? E depois, um instante mais tarde, isso sequer ser coragem nenhuma, porque deixou de ter importância. O que vale é ter conhecido o corpo de outra pessoa tão intimamente como você só conhece o seu próprio corpo. Porque então você se ama também.

Pérsio vestia o casaco, o cigarro apertado nos lábios.

— Muito *edificante* — disse. E contraiu os olhos para evitar a fumaça. — Mas quem sabe, quem sabe?

Então você conclui que, portanto, eu não entendo picas de amor.

— Não disse isso.

— Mas pode ser. O meu problema é um problema juvenil, de adolescente enrustido. Ou de burguesinho que fez a primeira comunhão e vai se sentir eternamente culpado com a possibilidade do prazer. Tudo muito cristão. — Revirou os olhos. — Ai, tormentos, cilícios. De repente devo ter parado no Peter Pan. A carne é insuportável, uma espécie de macrobiótica da sexualidade. Só platonismos. Ou sacanagem braba, Dama do Lotação perde.

Ia dizer qualquer outra coisa. Mas de repente estendeu os braços sobre a mesa e segurou nos ombros de Santiago. Apertou forte. O bafo morno dos restos de pizza flutuando no óleo, cinzeiro cheio, copos vazios, pratos amontoados entre os dois, pedaços de lingüiça, caroços de azeitona, queijo derretido, lascas engorduradas de presunto. Santiago quase não entendeu o que ele disse, palavras brotando confusas de entre os dentes que apertavam o cigarro.

— Sabe que eu gosto de você? Eu gosto muito de você, garoto.

Um bicho arisco, Santiago lembrou. Você precisa estender a mão com cuidado, senão ele foge, era isso? Entre os brilhos falsos, insinuado, um pedaço de estopa. Porque eu também sinto medo, e haverá a morte um dia, a vida é apenas uma ponte entre dois nadas, e tenho pressa. De repente sentiu-se sufocado enquanto saíam por entre as mesas barulhentas. Uma sufocação semelhante a daquelas manhãs de fim de semana em que, involuntário, acordava cedo demais, apesar do esforço para permanecer na cama até mais tarde, para que o dia parecesse mais curto e não precisasse bater-se tanto pelo apartamento vazio, sem vontade de fazer coisa alguma

a não ser olhar pelas janelas. Espiava então pela janela o movimento das ruas, os verdes lá fora, com vontade de sentar-se num banco de praça, comendo maçãs ao sol, não saberia por que justamente maçãs, mas sem dúvida maçãs, maçãs vermelhas, daquelas argentinas, embrulhadas em papel fininho, quase roxo. Não havia nenhuma praça próxima. Quase nunca havia sequer sol. Nem verdes, lá fora. Ainda que houvesse, que pudesse talvez comprar maçãs na venda da esquina, e procurar uma praça, em algum lugar devia haver uma, sentado ali na poltrona alta de couro que, só percebera tempos depois, arrastara para junto da janela exatamente com esse fim, olhar lá fora, permanecia parado, atravessando as manhãs sem sequer fumar ou falar sozinho. Cortava unhas, às vezes. Das mãos, dos pés, detendo-se para pensar que: seria bom. E vinha depois, também, insinuada aos poucos no meio da manhã, uma vontade de que alguém telefonasse, tocasse a campainha, chamasse lá embaixo, a princípio vaga, mas cada vez mais nítida, até chegar quase a ferir, feito uma dor, agulha, brasa. Nada acontecia. Aquela como uma vontade de ser feliz, de haver alguma ordem ou estar noutro lugar onde fosse possível sentar ao sol, comendo maçãs, deixava também de ser como um estar à beira de qualquer coisa boa. Campainha e telefone mudos, a manhã a transformar-se em tarde, emergia venenosa a sufocação, vontade de fugir, de não ser quem era nem ter vivido nenhuma das coisas que vivera. Todo um passado, essa coisa que chamam de passado, desembocava ali, naquele momento, em pleno centro das manhãs esbranquiçadas de silêncio.

Na chuva mais forte da rua, Pérsio tornou a enfiar o capuz verde.

— Vamos em frente?

Santiago hesitava, as mãos nos bolsos, os óculos embaçados. Pérsio mostrou a ponta acesa do cigarro.

— Que é isso, companheiro? Vacilando? Vamos lá. Olha, vou jogar esta ponta na calçada. Se a brasa fizer *tssssss!* ao apagar, nós vamos.

Jogou a ponta numa poça dágua aos pés de Santiago. Quase puderam ouvir o chiado forte da brasa apagando.

— Está vendo? São os deuses que ordenam: a noite continua. Você está sem casaco, me dá a chave, eu corro na frente, abro e você entra.

Santiago estendeu as chaves. Pérsio correu pelo meio da chuva, pulando poças. Acontecia às vezes, também assim, sentado na poltrona de couro junto à janela, observando a curva do sol pelos edifícios em frente iluminar aos poucos o parapeito, escorregar para dentro da sala, alongar-se por suas pernas, aquecendo as mãos paradas, distender-se palmo a palmo pelo tapete até encontrar uma ponta da parede oposta. Certas manhãs, ou quando as manhãs já tinham virado tarde, levantava-se por um momento para sair a recolher as plantas do apartamento, colocando-as atrás da poltrona, dentro da mancha de sol. Ficava, ele também, junto com as plantas na luz, existindo, silencioso, imóvel, no centro do dia. Mas acontecia, quase sempre, do sol não aparecer, da manhã acinzentar-se aos poucos, sem que fosse necessário apanhar as plantas. Algumas gotas de chuva começavam a bater nos vidros. Chovia muito, os papéis amoleciam, as paredes mofavam, a alma, se havia uma, curvava os ombros. Ele baixava os vidros, ficava vendo as gotas formando desenhos vadios. Duas, três, que encontravam uma outra para descer mais rápidas, pequenos rios verticais, pára-brisa do carro. Ao invés de maçãs, tinha vontade então de qualquer coisa como um chá, como se fosse velho, como se tivesse sobrado à margem dos movimentos que levam pelo tempo afora.

Não se movia para fazê-lo. Alguém que não chegava espiaria na porta perguntando em voz baixa se. Estremeceu. Pérsio buzinava, a porta aberta do carro. Correu, a gola do casaco levantada.

— Posso dirigir um pouco? — Pérsio pediu.

— Claro. Tudo bem.

Pérsio deu a partida. Depois repetiu, o carro passando por baixo do viaduto da Rebouças:

— *Veni de sancta sede, Adonai: timor que omnia ad voluntatem nostram coarctabit.*

— O que foi que você disse?

— Um feitiço, cara. Aprendi num livro de magia, seduções e tal. Estou te ensinando um encantamento da pesada. Seguinte: se na seqüência você ficar a fim de um cara, olha bem fixo para ele e repete mentalmente. Bem concentrado, sete vezes. É tiro e queda. Repete junto comigo, até decorar. Vamos: *Veni de.*

Santiago suspirou.

— Mas não vou ficar a fim de ninguém.

— Como é que você tem tanta certeza? Vamos, eia, sus, avante, companheiro! E se de repente, no meio da noite, um garoto lindíssimo avançar para você e perguntar, como nos velhos bons tempos, que livro você está lendo? Não, livro não. Livro em bar de veado não dá muito certo. Veado só lê *Vogue* e *Interview*. Livro parece a Theresa Dunn em *Looking for Mr. Goodbar*, só pinta baixo-astral. Mas pode perguntar que bebida, isso: o que é que você está tomando, garotão? E você diz: um supernovo drinque, chamado *Perto do Coração Selvavagem*. Que tal?

— Não brinca com isso, porra.

Pérsio tirou uma das mãos do volante, colocou-a sobre o joelho dele. Apertou, leve. Teve vontade de tocá-la. Mas parado na janela, espiando o sol, a rua, as gotas,

sem se mover. Antes que descruzasse os braços, Pérsio já tinha retirado a mão.

— Desculpa. Não tive intenção de.

— Não tem importância.

— Como não tem importância? Foi grossura minha.

Desciam pela rua molhada. Santiago viu o relógio da Faria Lima marcando, a intervalos, zero hora, trinta minutos, doze graus, depois zero hora, trinta e um minutos, doze graus.

— Você sente falta, não é? Você sente muita falta dele?

Zero hora, trinta e dois minutos, doze graus, zero hora, trinta e três minutos, doze graus, zero hora, trinta e.

— Sinto, às vezes. Sinto muita falta.

— Como foi que ele morreu?

Acendeu um cigarro. Estendeu o maço para Santiago, que aceitou sem pensar. A chama do isqueiro brilhou por um segundo, iluminando de relance o rosto deles. Ligou o rádio. A voz aguda e clara de Cida Moreyra brincou, irônica, entre os dois, repetindo: *"Ah, deixe-me rapaz lhe dizer que em mim tudo tanto faz."* Pérsio riu.

— Nem de encomenda, não? — Cantarolou junto, um pedacinho. E tornou a tocá-lo no joelho. — É difícil, não é?

— Não gosto de falar nisso.

— Tá bom, desculpa outra vez. É que estou achando você triste. Falar de repente ajuda. Sabe no que eu estava pensando há pouco? — Santiago não disse nada, mas ele continuou, a voz soando falsa, estridente demais, alegre demais. — Em Lavínia, a lasciva. *God!* Como estará a ardente Lavínia nos braços de seu amado Douggie?

— Foi num acidente — cortou Santiago, brusco. — Ele morreu num acidente de carro. Nada, não teve

nada demais. Nenhuma tragédia. De repente, um negócio besta. Eu estava em casa, eu estava achando estranho que ele estivesse demorando tanto. A gente sempre sabia onde o outro estava, não tinha nenhum jogo de angústia. A gente cuidava um do outro, não havia dor. Aí tocou o telefone e uma voz desconhecida perguntou se era ali que o Beto morava. Era, eu disse, é aqui. E pronto, já tinha acontecido. Morreu na hora. Não doeu, não deve ter doído, não houve tempo. — Jogou fora o cigarro. — Mas tudo bem, esquece. Já passou.

Pérsio olhava para ele, atento.

— Como *esquece*? Você deve ter sofrido muito.

— Claro, é normal, não é? As coisas dele ali, todos os dias, sem ele. A cama vazia. Uma falta, eu sentia uma falta. — Sorriu para si mesmo. — Dor, dor, dor. Lembrei duns versos do Ferreira Gullar, o Beto gostava do Ferreira Gullar. Uns versos assim:

"Será maior a tua dor
que a daquele gato que viste
a espinha quebrada a pau
arrastando-se a berrar pela sarjeta
sem ao menos poder morrer?"

Pérsio sorriu de volta.

— Pois lembrei de outros. Do Ferreira Gullar, também. Há Ferreira Gullar para todas as ocasiões, eu sempre gostei. Presta atenção neste. — E recitou, devagar:

"Amigos morrem,
as ruas morrem,
as casas morrem.
Os homens se amparam em retratos.
Ou no coração dos outros homens."

— Versos, versos, versos. Acho que somos a última geração que sabe versos.

— E por que não, versos? Versos, livros, filmes, músicas, quadros. Qualquer coisa, desde que seja bonita. É bom poder tocar um instrumento, é bom cantar. Quando eu lavava pratos em Paris pedia sempre para um amigo, o J. — lembra do J. do cartão-postal? O J. era o João, que ficou lá até hoje. O João foi a única pessoa que. Eu pedia para ele me escrever as letras de Roberto Carlos, prendia o papel na prateleira em frente e ficava cantando o dia inteiro. Roberto, Erasmo, Leno e Lilian, Ronnie Von, Martinha, ele sabia toda a Jovem Guarda de cor. *Ternura*, lembra de *Ternura*? Era a que eu mais gostava. — E cantou, imitando a voz de Vanderléia: — *"Uma fez focê falou..."*

Santiago riu.

— Eu sei, mas dá. Às vezes, dá uma distância. Eu penso coisas banais, eu sinto coisas banais. Mas tão nítidas. Quando estou dando aula, quando digo a eles para copiarem ou fazerem qualquer coisa em silêncio, fico olhando aquela porção de cabeças baixas e pensando que tem um abismo entre a gente. Um abismo de tempo, de História. Que as coisas andaram muito rápidas. Que eles não têm tempo. Que tudo acabou. E eu sinto pena, então. Como os velhos, os bem velhos, devem ter pena dos moços. Que a gente tem a cabeça cheia de versos e filmes e livros e histórias e memórias que para eles já não têm nada a ver. Peças de museu, nossas emoções. Todas as emoções.

— Pior para eles.

— Ou para nós, que estamos ficando velhos?

Pérsio fez uma mudança rápida.

— *Velhos*? Imagina, eu não. Por favor me exclua desse seu grilo. Estou na flor da idade. Na força da juventude. Mal comecei, mal comecei a me desembaraçar

de toda a culpa. Quero mais, quero o que ainda não veio.

— Mas tantas memórias. A gente tem tantas memórias. Eu fico pensando se o mais difícil no tempo que passa não será exatamente isso. O acúmulo de memórias, a montanha de lembranças que você vai juntando por dentro. De repente o presente, qualquer coisa presente. Uma rua, por exemplo. Há pouco, quando você passou perto de Pinheiros eu olhei e pensei, eu já morei ali com o Beto. E a rua não é mais a mesma, demoliram o edifício. As ruas vão mudando, os edifícios vão sendo destruídos. Mas continuam inteiros dentro de você. Chega um tempo, eu acho, que você vai olhar em volta sem conseguir reconhecer nada.

— *As ruas morrem* — repetiu Pérsio. — *As casas morrem.*

— Eu sei, eu sei. Mas você não sente medo?

— Sinto, sinto. Claro que eu sinto. Tenho bilhões de medos. Alguns até mais graves. Medo de ficar só, medo de não encontrar, medo de AIDS. Medo de que tudo esteja no fim, de que não exista mais tempo para nada. E da grande peste. Mas hoje não, *agora* não. Agora só tenho vontade de galinhar um pouco. Portanto nós vamos estacionar este *batmóvel*, se os Orixás ajudarem. Depois vamos descer e tomar uns bons drinques ali no *Deer's*, conhece o *Deer's*?

Santiago disse que não, que não conhecia e que. Mas Pérsio tinha acabado de estacionar, empurrando um pouco o carro da frente, e descia abrindo a porta para que ele descesse. A chuva fria bateu forte na cara. Pérsio tirou o casaco, colocou-o sobre a cabeça dos dois, como uma capa de chuva. Enfiou o braço no dele, e correram então, protegidos, pelo meio da chuva, até a porta iluminada com o guarda vestido de amarelo. Penetraram de repente numa penumbra bordô, borbulhante, cheia de gente. A moça da caixa estendeu dois cartões. Pérsio tirou o casaco da cabeça dos dois e começou a puxá-lo pela manga em direção ao bar, metendo-se pelo meio das pessoas sem pedir licença.

— Vou tomar vinho — disse. — É bom não misturar. O que você quer?

Santiago não conseguiu ouvir direito com o barulho. Música muito alta, e vozes, e corpos, e acima de tudo uma espécie de excitação coletiva. Como um ruído, atordoando, estonteando. Pérsio repetiu, aos gritos.

— Vinho, pede vinho também.

Deixou que ele apanhasse os dois copos e continuasse andando por entre as paredes forradas de veludo, o interior de uma fruta, ameixa madura demais, até encontrarem uma mesa vazia no canto, ao lado da coluna coberta de pequenos espelhos.

— São todos muito nervosos, muito *tensos*. Não conseguem ficar parados um segundo. *God!* que galinhagem. — Bateu na perna de Santiago. — Não esqueça, hein? Qualquer modelo mais forte, é só fixar o cara na nuca, de preferência na nuca. Ou então entre os olhos, bem no terceiro olho, mas aí é muita bandeira, e se ele já permitiu chegar a esse ponto também não precisa mais feitiço algum. E repita: *"Veni de sancta sede, Adonai."* Dá o maior resultado, cara. Uma vez deu certo comigo mesmo, aqui onde me vês, neste mesmo lugar. Eu tinha ficado a noite inteira sentado no bar, meio de bode, com um cara ao lado. Um cara *fantástico*, algo assim entre o David de Michelangelo e James Bond em início de carreira, mas não me dava a mínima. Eu puxei o banquinho para trás dele um pouco e volta e meia olhava a nuca do moção. Era um moção do tamanho daquela porta, coxas *arqueológicas*, e repetia *veni, veni, veni*. Lá pelas quatro da matina, quando o bar estava quase vazio e eu inteiramente de porre, ele olhou para

mim e perguntou: "Você quer dormir comigo?" Eu disse: "Não, obrigado. Só estou testando uma arma secreta."

Santiago bebeu um gole de vinho. Pérsio olhou em volta.

— Então, ninguém te agrada?

— Não — Santiago disse.

— Vamos dar notas, tipo Márcia de Windsor, que Deus a tenha. Aquele ali, de blusão de couro, não te *piace*? É muito *dangerizante*. Vestido assim, dou nota oito. Com direito a segunda época. *God!* que rabo. E o parrudinho de jeans? Em geral os baixinhos parrudinhos são uma grande *revelação* na hora do *let's dance*. Eu dou sete, queridos telespectadores. Nossa, como estou generoso hoje. Deve ser carência generalizada. Mas olhando bem, a média geral não passa de cinco. Com muito boa vontade.

— Parecem todos iguais.

— E são. Tipo andróides, em série. Vestem as mesmas roupas, usam o mesmo cabelo, dizem as mesmas coisas, vêem os mesmos filmes, ouvem as mesmas músicas. Não existe uma tal *cultura gay*? E se acham todos muito originais, muito exclusivos. Odeio guetos.

— Odeio a palavra *gay*.

— Mas ela existe, rapaz. E não é só uma palavra. É mais grave, um comportamento, um *feeling*. A sacralização da bobagem. E são todos exatamente assim. Felizes, descontraídos, sem problemas. Leves, levíssimos. Soltos, sem culpas nem traumas. Todos muito bem vestidinhos com os modelinhos que trouxeram de New York, todos adoram New York. Todos muito bem-amados. Musculosinhos, liberadinhos, burrinhos. Umas gracinhas. — Olhou para Santiago. — Você não vai ficar deprimido agora, vai?

Eu estou deprimido, Santiago quis dizer. Mas preferiu permanecer em silêncio, bebendo devagar o vinho. Começava a ficar tonto. E poderia rir, tão fácil, só não tinha vontade. Um garçom colocou um pratinho cheio de pipocas ao lado. Mordiscou algumas, entediado.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Sei, sei. *Eu quero ir, minha gente, eu não sou daqui*. Mas finja que tem. Não olhe para eles como se quisesse assassiná-los. No fundo é tudo a mesma coisa. E tanto faz. Vamos, sorria.

Pérsio segurou o queixo dele entre o indicador e o polegar, como se faz com os bebês, obrigando-o a voltar-se. Santiago foi se virando lento, sem vontade, a pressão forte no queixo, até olhá-lo bem dentro dos olhos. Uns olhos claros, brilhantes, inquietos, irônicos, o vinco de lado, no canto da boca. Na coluna de espelhos quebrados, viu refletidos os rostos dos dois. Vários rostos, espatifados, divididos, em ângulos, em pedaços. Um rapaz de cabelos curtos, meio eriçados, segurando o queixo de um outro, mais moreno, de óculos, sobrancelhas densas, cacos também. Tirou os óculos, colocou-os no bolso. E sorriu à toa. Pérsio acariciou de leve seu queixo, rascando a barba forte.

— Isso, assim, bom. Bom menino. Não precisa *esgazear* os olhos, apavorado como se visse *abantesmas*. Aqui está tudo em casa, não tem aquelas *mammas* repressoras. Nem garotas monstras vaiando em coro. Esse trauma é pessoal, mas todo homossexual sul-americano tem no subconsciente um grupo de garotas monstras, vaiando enfurecidas. Está tudo bem, tudo zen. — Soltou os dedos, desviou os olhos, acendeu um cigarro. — Só quero que você se sinta bem, meu bem.

Como um vazio no queixo, de repente. O calor que já não estava ali.

— Mas eu estou bem. Não se preocupe.

— Bem mesmo?

— Ótimo. Maravilhoso. *Opíparo.*

— Não precisa ser agressivo. Deixe as doenças mais graves para mim. E se segure por aí, entre a moçada. Vou até o banheiro, pegar mais vinho para nós, dar uma olhada rápida no açougue. — Parou ao lado da coluna, piscou. — Olha, se você quiser namorar alguém não faça cerimônia. E não esqueça do encantamento.

Um desamparo súbito, desabando. Aquela poeira fina chovendo dos telhados cheios de cupins. Um automóvel em alta velocidade, na hora da descida brusca, vácuo no estômago. Pérsio mergulhou na penumbra bordô fervilhante. Marina cantava *quem é esse rapaz que quando chega?*, a voz rouca fazia as pessoas relaxarem, por um segundo abandonando as poses. Um copo longo, acariciou com os dedos, um copo esguio, corpo entre borbulhas. O líquido da cor das paredes, pouco mais escuro, tão espesso que poderia tocá-lo. Cruzou os braços, jogou a cabeça para trás, olhando os outros. Mas quase não conseguia ver ninguém, assim sem óculos. O copo de vinho, a coluna de espelhos, depois a grande massa móvel, colorida, cabeças destacadas, agitadas, um único corpo de muitas cabeças nervosas. A Quimera, lembrou, o monstro grego. E repetiu sem pausa, mexendo nas pipocas: quimeras quimeras quimeras. Era Belerofonte? Ou Teseu, ou Perseu. Perseu: Pérsio. Desejou que ele estivesse logo de volta, para dizer coisas sem sentido, para se mexer, para ferir e ferir-se, para sorrir de lado, esfregar as mãos, fazendo estalar as juntas dos dedos, uma saudade prévia, para ficar perto e fazê-lo rir, de susto, de prazer, de. Apertando um pouco os olhos, no meio da massa de cabeças irrequietas, viu destacar-se uma, vagamente conhecida, cada vez mais próxima. Só quando chegou na beira da mesa é que Santiago conseguiu reconhecê-lo. Era Carlinhos.

— Desculpe, não nos encontramos há pouco?

— Não lembro — Santiago mentiu.

— Você não estava na pizzaria?

Viu Pérsio aproximar-se por trás, de repente. Quis avisá-lo, mas era muito tarde, Carlinhos já o tinha visto.

— Oi de novo — disse Carlinhos. — Eu estava justamente perguntando por você.

Pérsio colocou mais dois copos de vinho sobre a mesa. Sentou-se ao lado de Santiago e passou o braço sobre os ombros dele, no encosto da cadeira. Apertou-o, suave.

— Pois aqui me tens, infante. Pedi e ser-vos-á dado, não falou o Senhor?

— Não quero interromper nada. — Carlinhos estendeu a mão para os copos. — Posso dar um gole?

— Esteja a gosto, a casa é sua. — Pérsio estendeu o maço de cigarros. — Não quer aproveitar o *ensejo* e fumar um, também?

— Obrigado. — Carlinhos pegou um e ficou esperando, o cigarro no ar, que alguém acendesse. Mas Pérsio brincava com o isqueiro olhando para ele como se estivesse distraído. O rapaz cutucou alguém que passava. — Fogo — pediu. E de novo, malicioso: — Como eu disse, não quero interromper mesmo nada. Desculpa eu parecer indiscreto, longe de mim, mas. Vocês são *caso*?

Pérsio batia o isqueiro na mesa, ritmadamente. Cinco vezes, Santiago contou, bem destacadas.

— O que é que você acha?

— Ah, não sei. Olhando assim, bem. Difícil dizer. Sei lá, às vezes parece, às vezes não. Tenho amigos que. Mas de cara dá pra sentir que vocês têm assim uma, como dizer. Uma ligação muito forte. — Olhou para Santiago, que já tinha bebido quase metade do vinho. — Aliás, meu bem, me dá licença de dizer. De muito

bom gosto, os dois. Umas gracinhas, uns gatinhos. Sabia que vocês são lindos? — Bebeu outro gole de vinho. E debruçou-se na mesa. — Ah, deixa de onda, qual é? Conta logo, vai. Vocês são mesmo *caso*?

— Somos — disse Pérsio. Apertou mais o ombro de Santiago. — O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos.

— Aff Maria, *dez anos*? Que loucura, gente.

— Eu disse DEZ anos. E é bom você ir-se mandando porque além de detestar veado, ele morre de ciúmes. Por qualquer coisinha, fica completamente louco. Sai virando mesa, quebra tudo e parte a cara de quem pinta pela frente.

Carlinhos empalideceu, pediu desculpas, licença e sumiu. Pérsio bateu na mesa.

— Não disse? Veado é foda. No restaurante chegou cheio de salamaleques, porque com licença, porque não sei o quê. No gueto perdeu logo o respeito, já veio invadindo, pedindo bebida, pedindo cigarro, querendo saber se é *caso*. Pelo amor de Deus, *caso*, mais um pouco e ia falar em *entendido*. Que nojo. Só porque é veado também acha que está tudo em casa. Se eu não chegasse a tempo provavelmente ia te passar uma cantada. Viu só do que te livrei, garoto?

Santiago afastou com força o braço dele das costas da cadeira.

— Por que foi que você disse aquilo?

— Aquilo o quê? Que a gente era *caso*? *God!* que palavra asquerosa. Sei lá, pra ele desgrudar, sair de cima. Você ficou chateado?

— Não é disso que estou falando.

— Você está falando do que, então? Por que eu disse o quê, rapaz?

— Que o meu nome era Beto. Você disse que o meu nome era Beto.

Pérsio parecia surpreso.

— Beto, eu disse Beto? Que *você* se chamava Beto?

Santiago batia com a palma da mão no tampo de fórmica da mesa.

— Disse, você disse: *O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos.*

Pérsio arregalou os olhos.

— Mas eu não disse isso.

— Disse, você disse. Quer chamar o garoto aqui para confirmar? Você disse Beto, o nome dele é Beto. — Colocou a mão no ombro dele. Mas não chegou a tocá-lo: a mão ficou pairando trêmula no ar, pouco acima da blusa vermelha. — Olha, cara, de repente você está brincando com coisas muito sérias para mim. Você não tem esse direito. Primeiro foi o cu, se eu dava o cu para ele. Quer saber, quer mesmo saber? Pois eu dava, sim. Ele dava, também. Sem culpa, com prazer. Sem doença. A gente se amava, será que você é capaz de entender isso? Será que você consegue esquecer por um segundo a sua monumental frustração para entender que outras pessoas podem ter tido relações mais dignas que as suas? Depois foi no carro, aquela história de alguém perguntar que livro eu estava lendo. E agora você acabou de me chamar pelo nome dele. Você não pode fazer isso. Uma pessoa não é só um amontoado de frasezinhas supostamente brilhantes. Você não sabe o esforço enorme que estou fazendo para. — A mão no ombro baixou, apertou forte. Pérsio olhava para ele como se não compreendesse sequer a língua que falava. A voz de Santiago era apertada e rouca. — Ah, você e seus truques. Você e suas palavras impensadas. Você e suas brincadeiras espirituosas. Você e seus traumas, seus ódios, seus nojos. Eu não tenho nada a ver com isso. Estou cansado dos seus *números*, da sua inconseqüência, da sua neurose, da sua. — Levantou-se e empurrou a ca-

deira. — Eu vou embora, eu já devia ter ido embora há muito tempo. Não tenho mais paciência nem cabeça para esse tipo de coisa miúda. Quer saber do que mais? Boa noite, meu amigo.

Pérsio ficou sentado com o copo de vinho enquanto Santiago colocava os óculos, apertava sua mão e desaparecia no meio dos outros. Mas eu não, pensou. E bebeu outro gole. Tão rápido que o vinho derramou na mesa. Passou o dedo, puxou um fio longo, vermelho, para baixo, depois lambeu. A música parecia bater nas paredes forradas de veludo, câmara de eco, para depois voltar, mais alta, mais barulhenta, cheia de metais, nosso louco amor, repercutindo dentro da cabeça. Apertou o copo com as duas mãos. Escuta, eu não pretendi, eu gosto de você. Em volta, olhavam disfarçado, riam baixinho. Foi quando terminava de acender mais um cigarro que, sem pensar, apanhou o casaco, pegou os dois cartões, levantou-se e correu para a porta. Alguém tentou segurá-lo pelo braço, há quanto tempo, nossa, você por aqui, precisamos. Libertou-se brusco, quase num soco, afastando faces e corpos com os cotovelos. Jogou os cartões na caixa, pagou sem esperar o troco e saiu para a chuva.

Surpreendeu-o no momento em que abria a porta do carro. A roupa branca parecia brilhar no meio da noite.

— Santiago — chamou.

— Não me chame assim. Não é esse o meu nome.

Segurou-o pelos ombros, forçando-o a encará-lo.

— Olha, eu não quis. Eu juro que. Eu não me lembro.

— Beto — Santiago repetiu. — Beto, Beto, Beto. Você disse que eu me chamava Beto. Você não.

Pérsio sacudiu-o, muito leve. Depois com mais força, olhando-o nos olhos. Se conseguisse enxergar os olhos dele, atrás das lentes respingadas de chuva.

— Pára com isso. Já ouviu falar em, em. — Hesitou, e disse: — Em lapso, lapso *freudiano*, que idiota, eu. Deve ter sido isso. Uma coisa assim. Eu não quis dizer. Conscientemente, eu não quis dizer, me entende. Acredite, eu gosto de você. Não vamos estragar a noite, não vamos estragar o nosso. Conhecimento, a nossa amizade. Não vamos, por favor, não vamos. Não quero que você pense. A gente bebeu demais, só isso. Por favor, não quero que você pense.

Santiago tinha uma das mãos na porta aberta do carro, a outra caída ao longo do corpo. Olhava para ele sem dizer nada, a chuva escorrendo pelos cabelos, ombros tensos. Atrás dele, Pérsio via agora, atrás e além dele, a grande avenida cheia de carros em movimento, anúncios luminosos, a cidade encharcada, alagada, nunca mais pararia de chover, charco e brilho, pensou sem querer. À sua frente, muito próximo, o rosto erguido de Santiago, como um orgulho infantil, a chuva molhava os óculos por trás dos quais o olhar brilhava, sobre os maxilares cerrados, enrijecidos, com raiva, desprezo, mágoa, confusão e todas essas coisas assim vermelhas, coisas que não havia antes, que não suportava agora, porque não era assim, porque não devia ser desse jeito farpado, porque não era preciso. Porque iria embora quase certamente no próximo minuto, e nunca mais se veriam, porque estava só, embaixo da chuva interminável, o Sul alagado, a segurá-lo pelos ombros como se pudesse prendê-lo, e se ele fosse embora naquele momento, daquela forma dura, se ele fizesse um movimento para entrar no carro, dando a partida, parado na calçada, não queria o drama, por favor, poupe-me as cenas, tornaria a entrar no bar, tinha certeza, para encher a cara copo a copo, determinado, seria insistente, desagradável, pegajoso, cantaria qualquer um, treparia até a manhã seguinte, talvez dormisse no meio, de por-

re, de tédio, não importava, para despertar cheio de náusea, e cansaço, e ressaca, o ruído incessante da chuva, uma requintada tortura, e dor, no meio da tarde de outro domingo sujo. Quase gritou, apavorado:

— Alguma coisa em. Alguma coisa em mim que eu não entendo. Eu devo ter inveja, eu não te disse que eu nunca consegui? Eu não entendo de amor, de algum jeito complicado. Dentro de mim, vê se me entende. Isso nunca aconteceu antes, eu não queria ferir você. Te ferir, eu não podia ferir. Seria a última coisa que. Eu não devia, eu não pensei.

Santiago soltou os ombros, baixou a cabeça. A chuva escorreu pelo rosto.

— Está bem, está tudo bem. Mas eu vou embora.

— Você não vai embora.

— Eu estou cansado.

— Você não pode ir embora.

— Eu estou triste.

As unhas roídas, Pérsio tocou-o no rosto. Ele virou brusco a cabeça. Pérsio avançou mais os dedos, puxando-o para si até que estivessem tão próximos que o ar entre a boca dos dois formava uma pequena esfera de fumaça, cheirando a conhaque, a vinho, a cigarro, a medo.

— Não, você não vai embora. Pelo amor de Deus, você quer me ver fazer uma cena *passional* em plena frente do *Deer's*? Sabia que esta é conhecida como A Esquina do Ridículo? Daqui a pouco começa a juntar gente. O Carlinhos viu tudo. Você acha que a viborazinha não ficou cuidando? E a minha reputação pro-fissi-o-nal, onde fica? *God!* deve ter ido correndo chamar o coro inteiro do tal *Édipo*.

— *Antígona* — Santiago corrigiu.

— Tanto faz, que importa? Édipo, Antígona, Efigênia, Hipólito, Prometeu, Electra, Agamêmnon, Clitemnestra, Orestes. Toda a tragédia grega. Não transforme um lapso freudiano *primário* numa supertragédia urbano-contemporânea, menino. Eu gosto de você. Eu estou meio bêbado. Eu estou ficando completamente torto. Me dá uma chance. — Abraçou-o. Afundou o rosto na gola molhada do paletó de veludo branco. E parecia verdadeiro, pequenino, desamparado, repetindo: — Eu gosto de você, eu gosto tanto de você, garoto. Me dá outra chance. Me deixa guiar a nossa noite.

Santiago podia sentir o rosto dele, ao lado do seu, pouco abaixo, apoiado no peito. Ergueu devagar o casaco que Pérsio trazia nas costas, colocou-o sobre a cabeça molhada dos dois, abafando os ruídos. Como embaixo de uma barraca, acampados num lugar deserto, longe de tudo, talvez numa montanha, perto de uma vertente de água, e então começasse a cair aquela chuva louca lá fora. Dentro de uma redoma de cristal, protegidos da rua, da cidade, dos outros. Dos artifícios, jogos, tortuosidades, pensou, a respiração morna junto ao pescoço. Abraçou-o também, que vinha de muito longe, que mal se conheciam, um bicho arisco, abraçou-o com muita força, como se quisesse entrar dentro dele para poder compreendê-lo mais, e melhor, inteiramente, sozinhos no meio da chuva, assim mais poderosos, na esquina do ridículo, por dentro da noite. Foi apertando aos poucos, o corpo inteiro contra o corpo do outro. Pérsio beijou-o leve, lábios molhados, com cuidado e vagar, onde a barba terminava e começava a pele lisa, a doce pele, lembrou. Ao longe, a porta do bar abriu e tornou a fechar, deixando fugir para a calçada um rugido de guitarra elétrica que o fez estremecer, com frio e medo e saudade e uma bola, um novelo escuro parecido com solidão e nunca mais. O casaco escorregou, caiu na calçada, ruído fofo. Afastou-se para olhá-lo, outra vez, nos olhos, que não se esgotavam. Eram olhos de criança, muito

claros, limpos, um pouco vermelhos, assustados, sem maldade. Sorriram um para o outro, e tudo estava certo outra vez, e tudo tinha um gosto bom.

— Está bem — disse. — Eu não vou embora. Você pode comandar a nossa noite.

Entregou-lhe a chave do carro. Entrou, deslizando pelo banco, puxando-o para dentro, pela mão de unhas roídas. Pérsio apanhou o casaco molhado. E manteve a mão dele apertada, até soltá-la lentamente, para dar a partida.

— Você está muito molhado. Vai pegar uma gripe. Precisamos de mais um conhaque. Você quer ir até a Terra de Marlboro?

— Onde?

Ele riu. Canto de boca, fio suspenso, cordel puxado: o vinco.

— Terra de Marlboro: onde os homens se encontram. Ou se perdem, às vezes, dá no mesmo.

Santiago enxugava os óculos na ponta da camisa.

— Você quer?

— Para dizer a verdade, não queria ir a lugar nenhum mais. Quero ir embora.

— Mas nós podemos ir.

— Não é isso. Não para casa. Nem para Paris, Londres, Roma, New York. Nem para Pasárgada, Xanadu ou Eldorado. Para mais longe. Jacarta, Togo, Bali, Surabaya, Zaire, Java, o mar de Java. Qualquer lugar onde a gente pudesse viver uma coisa mais inteira. Não nesta cidade, não neste país. — Cantarolou: — *Surabaya, Johnny, não me deixe assim, Surabaya, Johnny, estou tão infeliz.* — Repetiu, como uma música: — Jacarta, Togo, Bali, Surabaya, Zaire, Java.

Mas deslizavam outra vez pelas mesmas ruas molhadas, no caminho de volta, entre edifícios com algumas janelas iluminadas, recortes de cartolina, velhos filmes na televisão, Jane Wyman, Cornel Wilde, pessoas en-

trando, saindo de lugares barulhentos, semáforos colorindo as poças onde navegavam. Santiago quis dizer outra vez que preferia ir embora. Mas as manhãs paradas, temeu, como uma toca, seu lugar conhecido, onde tomaria um chá bem quente, leite morno com mel e canela, antes de afundar entre lençóis, talvez dormir, se conseguisse deter o galope na cabeça cruzada de memórias e presságios. Não pelas palavras, não pelo encontro, não pela noite. Talvez apenas para certificar-se de que em algum ponto da cidade existia um espaço onde não seria forçado a movimentar-se, onde não houvesse nenhuma conversa, nenhuma solicitação de fora, nenhuma possibilidade de prazer ou dor, nenhuma expectativa. Somente um silêncio de homem sozinho, naquelas manhãs sem praças nem maçãs, olhando a luz do dia do lado de fora da janela.

— Gostaria que fosse de manhã — disse.

Pérsio não respondeu. Fumava quieto, atravessando sinais fechados, desertos, virando esquinas. Alguma coisa partida, agora. A xícara, uma xícara antiga de porcelana chinesa que você ganhou de alguém especial, de um modo especial, num dia especial, ou comprou em certa tarde de extravagâncias, recriminando-se mais tarde ao fazer contas, debruçado sobre o talão de cheques, ao mesmo tempo em que acompanha, com fascínio, talvez algum horror e infinito cuidado, os desenhos delicados, aquele ideograma indecifrável, quem sabe *Pi*, como no I-Ching que jogara à tarde, Santiago foi desenhando no vidro embaçado , água sobre terra, repetiu, seis na segunda linha, o-movimento-para-com-união-e-afeto-procede-do-interior-da-mente. De repente, num canto da sala, sobre um objeto, você esbarraria sem querer, e cacos, numa explosão aguda, os

cacos da xícara que nem chegou a durar um dia, depois você tentaria colar paciente, embora sabendo que sempre restarão pequenos vincos, gretas, quase invisíveis, mas indisfarçáveis na sua trama, as linhas finas entre os cacos colados, um por um, para sempre. Uma almofada de seda clara onde, num movimento bruto, você derramaria vinho tinto. A mancha, o caco, o silêncio soando falso.

Pérsio ligou o rádio, volume muito alto. Mas era um som alucinado de metais, manchas, cacos, no espaço entre os dois. Das janelas abertas, nos carros próximos, quando paravam nos sinais, brotavam músicas semelhantes, Donna Summer, pensou, Terra de Marlboro. E dentro dos carros próximos havia quase sempre um casal sem crianças, ou duas moças, ou dois rapazes, ou, mais raramente, três ou quatro pessoas que fumavam, se olhavam, diziam coisas. Quando o carro novamente avançou pela Faria Lima e ele pôde ver o relógio, brilhando no escuro, no alto, duas horas e quarenta e três minutos, onze graus, dentro do carro ao lado, duas horas e quarenta e quatro minutos, onze graus, um homem de cabelos grisalhos, sem música, sozinho, olhou para ele como se não o visse. Que ficaria assim um dia, dirigindo à toa, à noite, pelas ruas, cheio de memórias fatigadas, sem presságio algum, ausências ocas, lembranças áridas, porque não faria nada com elas, a não ser senti-las, ácido, não seria necessário o rádio ligado, nem direção alguma, não iria para lugar nenhum, negou, negou de novo, nunca haveria ninguém ao seu lado. Falaria consigo mesmo, em voz baixa, coisas sem importância, talvez cantasse, repetindo nomes de outros tempos, de pessoas, cidades, livros, cruzaria de ponta a ponta a cidade que não teria fim, atravessando túneis, viadutos, por baixo, por cima da terra, que tinha medo da morte cega em seu encalço, e das perdas, e das marcas

deixadas pelas perdas, e mais além, das perdas tão completas que sequer deixavam marcas, e do que não conseguiria lembrar, sentia pena dos cacos entre as mãos, tão pulverizados que, mesmo que os apertasse com força, não conseguiria arrancar nem uma gota de sangue.

— Você está cheio de memórias — Pérsio disse.

As gotas de chuva começavam a apagar o ideograma no vidro.

— Eu sei. Às vezes acho que não vou esquecer. Mas está passando. Vai passar, vai passar. — Deslizou o dedo pelo desenho quase apagado. — Eu é que devia pedir desculpas a você. Não tinha o direito de dizer aquelas coisas todas.

Pérsio sacudiu os ombros.

— Não tem importância. Já passou.

Atravessaram a avenida Paulista, alcançaram a descida ampla em direção às luzes da cidade, os muros altos do cemitério, as sombras emaranhadas das árvores, seriam ciprestes? abetos, abetos, e as urzes, os cardos, o grande anjo de braço erguido, mármore frio, segurando a espada reluzente de chuva, a igreja recortada contra o céu, nenhuma estrela, uma vontade de benzer-se, pedindo proteção, afasta de mim, Deus, mas Deus tinha morrido em Auschwitz, talvez no Vietnã, fazia tempo. Enveredaram pelas ruas estreitas, repletas de gente parada pelas esquinas, sob as marquises, nos bares, buracos iluminados. Pérsio estacionou com dificuldade, depois de voltas lentas pelos quarteirões. Na calçada, lado a lado, em silêncio, procuraram as marquises junto aos edifícios para abrigar-se. Um à frente do outro, encolhidos, até que Pérsio alcançou-o, tirando o casaco para protegê-lo novamente. Mas já não se olhavam, mesmo quando, à beira da porta, pegou-o pelo braço, empurrando-o por entre as pessoas, para mergulharem na penumbra de uma onda riscada de cores, pesada de fumaça, vozes, perfumes e música muito alta, ansiosa,

elétrica, como a do carro. Furar lentamente a barreira dos corpos de muitos homens, uma cerimônia selvagem, a massa de pessoas dançando sem parar na pista do centro, imaginou um adolescente branco e nu, amarrado num altar, no centro da pista, o anjo empunhava a espada, prestes a ser sacrificado, cálices de sangue, tambores, atabaques, percussões.

No balcão, Pérsio estendeu os *tickets* por cima da cabeça de alguém e pediu dois conhaques. Apresentou-o a um rapaz grande, de camiseta muito justa realçando os músculos esticados sob a pele tensa, mas não conseguiu ouvir o nome, nem outra coisa qualquer que estava sendo dita, apenas sorriu, apertou a mão enorme. Suspensa do teto, sobre a pista, uma esfera de pedaços de vidro girava jorrando fachos de luz em todas as direções. Às vezes soava um apito agudo, sirene, buzina, então a luz começava a tremer, azulada, e os movimentos das pessoas tremiam também, partidos, como se no ato de voltar a cabeça para o lado não houvesse transição alguma: o rosto estava subitamente de perfil, curvado sobre o ombro, depois outra vez de frente, ou o contrário. Como o rapaz grande, curvando a cabeça para ele, depois de costas, interposto entre Pérsio e ele.

A roupa branca cintilava, feita de prata e luz.

Fechou os olhos e por um momento um ninho de serpentes coloridas, riscos de neon, se agitou no fundo das pálpebras, entrelaçadas. Santiago apanhou o copo que Pérsio estendia, sobre o ombro do outro, e de repente, quando um dos fachos de luz incidiu direto sobre as garrafas dispostas na prateleira de vidro atrás do balcão, entre o ombro largo do outro e os reflexos de luz, percebeu que ele o olhava outra vez, direto nos olhos, que não se esgotavam, os olhos inesgotáveis. Mas não sorria. Não sorria nem fazia movimento algum com o rosto ou o corpo além de erguer o copo quase acima da própria

cabeça, para depois estendê-lo, entre o ombro largo do outro e o reflexo de luz batendo no vidro, tocando de leve no copo dele, sem dizer nada, num brinde sem tilintar nem palavras, ou dizendo alguma coisa que se perdia no meio das vozes, da luz que tornava a apagar, palavras partidas, como os movimentos, cacos, lascas.

Disse que ia ao banheiro, e voltou-se para penetrar entre os homens. Mas deteve-se na porta aberta, o homem de pernas abertas, braços cruzados, contra os azulejos do fundo, a mão pousada na braguilha dos jeans, entre o cheiro de mijo vindo de dentro, desodorante sanitário e alguém que o empurrava, pedindo passagem. Voltou até o bar, durante horas voltou até o bar, desorientado, procurando o rosto conhecido do outro, sem encontrá-lo. Viu uma blusa vermelha ao longe, dobrando a curva das escadas, em direção ao andar de cima, feito balcões suspensos de onde se podia acompanhar a dança dos outros, o sacrifício, anjo, espada, ritual, embaixo, no meio da pista, estava tonto, sob a esfera de vidro que girava e girava e girava e. Pensou em chamá-lo, mas não ouviria. Não queria ouvir mais, e quis ir embora, mas estava perdido, as chaves do carro, a noite suja. Uma das mãos segurando bem alto o copo cheio, foi subindo pelos degraus, olhando as caras desconhecidas, uma por uma, uns cabelos crespos, um bigode negro, uns olhos escancarados. Mas Pérsio não estava lá. Estou bêbado, disse em voz baixa. Descobriu a mesa no canto, pediu licença ao homem solitário ao lado e sentou-se, debruçado no balcão, olhando para baixo. Guardou os óculos no bolso, para que se emaranhassem melhor os corpos, as formas, as cores, os gestos. Com os olhos fechados, depois, as serpentes coloridas voltavam a se revolver, inquietas.

Não conseguiria lembrar ao certo. Talvez fosse verão, porque usavam roupas leves, uns calções largos, cami-

setas, estava entardecendo, não fazia frio. Por alguma razão, tinham ficado os dois para trás, ele e aquele outro garoto esquisito, silencioso, esguio como um daqueles egípcios das gravuras no livro de História. Ele tinha uma bola de futebol embaixo de um dos braços. Caminhavam sobre um campo inclinado, tão inclinado que, antes do topo, onde estavam, não conseguiriam ver o que viria depois. Havia outros, que já tinham ultrapassado aquele ponto. Ele queria chegar até aquele ponto onde estavam os outros, embora já o conhecesse, a tudo que existia do outro lado, e só iria porque os outros tinham ido, como um dever que se cumpre. Mas havia também aquele garoto caminhando lento, pouco mais atrás, descobrindo devagar entre os talos de grama coisas que ele não via. Foi ficando quase junto com ele, para trás também. Se desse mais alguns passos, alcançaria o topo, então olhou para trás também. Se desse mais alguns passos alcançaria o topo, então olhou para trás e o garoto tinha começado a rodar de braços abertos para depois cair estendido de costas no chão. Ao invés de avançar, começou a voltar em direção a ele, e percebeu que mastigava um talo de grama, e perguntou então qualquer coisa como se estava cansado ou tonto ou algo assim. Mas o outro disse que não, que só estava olhando o céu, que quando rodava daquele jeito o céu rodava junto, e quando finalmente caía de costas sobre a grama, o céu e a terra de repente se misturavam, e na cabeça, disse, parecia que uma coisa de dentro ia para longe, para cima, para fora. Perguntou se ele não queria experimentar também, que era divertido. Ele achou estranho, no começo ele achou bastante estranho, o outro era um garoto estranho que fazia coisas estranhas, mas não havia ninguém em volta vendo, então jogou a bola na grama e rodou, ele também, de braços abertos, cada vez mais rápido, tanto e tanto que não conseguiu perceber o momento exato em que deixava de estar em pé e começava a tombar. O céu e a terra se misturavam enquanto ele já não era completamente ele mesmo, mas uma coisa que girava junto, misturada também, deitado ali ao lado do outro, na terra, enquanto a cabeça parecia flutuar um pouco acima do corpo. A tontura passava aos poucos, feito um começo de porre, mas isso só saberia mais tarde, muitas vezes, quando você respira fundo ou sacode a cabeça, por enquanto não, porque era pouco mais que uma criança, o outro também, e não sabiam. Por enquanto sabia só que aquilo era estranho, estranho estar deitado na grama, o queixo apoiado na bola de futebol, descobrindo vidas miúdas entre os talos, mascava um, o gosto adocicado entre os dentes. O rosto do outro muito perto, com seus olhos claros que não eram egípcios, eram olhos de gato, fixos, redondos, entre o verde, amarelo, e dizia então que não era igual aos outros, os que estavam do outro lado, que um dia iria embora para outra cidade, uma cidade grande, uma cidade imensa, para outras cidades de outros países, e viveria coisas tão inteiramente diferentes de todas aquelas vividas ali que nenhum de todos aqueles seria mais capaz de compreendê-lo, nunca mais. E que quando rodava assim, tudo se misturando, era como se sentisse, antes, aquela tarde, o que sentiria no tempo futuro, quando todas as pessoas que tivesse conhecido e todos os lugares por onde teria andado e todas as coisas que teria vivido se misturassem dentro dele. E perguntou se ele não queria assim, também partir um dia. Ele afundou o queixo na bola de futebol e disse talvez, não conseguia lembrar direito, talvez primeiro que não, que nunca tinha pensado nisso, depois que sim, ou que gostaria, um pouco depois, ou que tentaria, ou que guardaria isso na cabeça para pensar mais tarde, quando chegasse em casa. Então o garoto esquisito como um egípcio

levantou-se de um salto para recomeçar a rodar e a rodar de novo, o rosto erguido para o céu quase transparente de fim de tarde, até cair novamente no chão. Mas desta vez desequilibrou-se um pouco antes de tombar, rolando por cima dele. Que não se desviou, apenas levantou-se e rodou também e rodou de novo e rodou bastante até cair também um pouco por cima do outro, do esquisito. Então, ou antes, ou depois, não lembraria, era tanto tempo, e tanta história, e muita estrada, o outro garoto perguntou se duas pessoas juntas não poderiam rodar assim, para sempre juntas, e quando os outros olhassem com raiva, porque rodavam assim, eles os veriam de um outro jeito, daquele lugar para onde teria ido a cabeça, um pouco de cima, de longe, de fora, porque não seriam como eles, veriam juntos, os outros não os compreenderiam nunca, porque estavam misturados com o céu e a terra, talvez não os perdoassem. E tornaram a rodar mais vezes, de alguma forma o sol se pondo e talvez algum vento deixavam a grama libertar um perfume forte de coisa verde viva, e rodaram outra vez, caindo um por cima do outro, rindo a cada choque, porque eram leves, os corpos se tocavam sem se machucar. E de repente rolavam juntos, um sobre o outro, para baixo, no campo inclinado, na direção oposta das pessoas que tinham passado para o outro lado e quem sabe esperavam por eles. Porque era o que se esperava das outras pessoas, que passassem também para o outro lado, aqueles mesmos que diriam, se soubessem, para não se deterem assim no meio do caminho, a procurar inutilidades na grama, no céu, no vento. Então rolaram e rolaram outra vez e tornaram a rolar, às vezes subindo com esforço pelo campo inclinado, os corpos se tocando mais, para depois baixarem, mais velozmente, misturados um no outro. Tinham começado a suar, estavam sujos de terra,

e muito vermelhos, e riam alto, às gargalhadas, rolando pelo campo afora. Não lembraria agora, não lembraria aqui, nem naquele dia ou outro qualquer, pudesse avançar ou voltar, e não voltaria, não saberia precisar qual deles parou primeiro para olhar bem de perto o rosto do outro. Não saberia ainda se teriam sabido que eram rostos muito moços, eram rostos que apenas tinham começado a deixar de ser crianças, imprecisos, de traços não definidos, e alguns pêlos por nascer, outros formando sombras nas faces, espinhas, indecisões que desapareceriam mais tarde ou se confirmariam em outros traços, mais duros, mais suaves, mais pesados ou leves, não sabiam o que lhes aconteceria, nem as marcas reservadas pelo tempo enorme, como um tapete estendido à sua frente. Não saberia dizer qual das bocas avançou, antes da outra, para que se encontrassem, vencendo o espaço, molhadas, se misturando. Rolaram outra vez assim, calados, tontos, suados, ofegantes, sem medo algum, porque eram leves e não tinham culpa, quase crianças, até que de longe, cortando o momento longo, do outro lado, do lado para onde todos os outros iam sempre e para onde eles deveriam ir também, se fossem como os outros, mas não iriam nunca mais, que era muito tarde, se não tivessem se detido por ali, no campo inclinado, brincando tonturas, trazida pelo vento, veio uma voz chamando por seus nomes, três, quatro vezes, uma navalha interposta, afiada, entre dois objetos colados, rasgando o inseparável.

O contato morno na perna direita tinha subido desde o joelho, avançando pela coxa até deter-se, móvel, circular, em sua braguilha. O ruído da voz, o silêncio do campo, o deslizar do zíper da calça sendo abaixado e dedos penetrando feito cobras, cobras quentes, um ninho contorcido de cobras lentas, afastando os panos, os pêlos, procurando. Bebeu mais um gole de conhaque e,

sem sentir, num gesto mecânico, tornou a colocar os óculos para ver as pessoas dançando lá embaixo. Os dedos no ritmo da música, cada vez mais acelerados, um calor que não sabia se vinha da bebida ou da proximidade do corpo do homem a seu lado, cada vez mais perto, embora olhasse para a frente, para baixo, os dedos alcançando a cabeça redonda de seu pau duro, depois um braço passado em torno de seus ombros, quase timidamente, como se tivesse medo de ser afastado, pedindo desculpas, uns olhos de cão, viu sem olhar. Santiago abriu mais as pernas, o pau mais duro, deitou o corpo para trás na cadeira, lentamente cedendo, os dedos do homem se fechavam, moviam-se, ritmados, para cima, para baixo. Foi quando começava a apoiar a nuca no encosto da cadeira que seus olhos descobriram, inesperados, os olhos de Pérsio dançando sozinho, no meio das pessoas lá embaixo, voltados para ele, um jato de luz iluminando primeiro o rosto de um, depois o rosto do outro. Pérsio ergueu o copo, sorrindo para ele.

— Desculpe — disse levantando-se.

O homem limitou-se a sacudir os ombros, que não importava, havia tantos. Tornou a descer, puxando o zíper, afastando corpos. Braços abertos, Pérsio o esperava no fim da escada. Mas Santiago pegou-o pelo braço estendido e começou a puxá-lo entre as pessoas, no caminho de volta em direção à saída. Uma folhagem densa, quase intransponível, em torno de um pântano, os outros homens, os rostos, os corpos, os muitos cheiros dos outros homens, que afastava brusco com a mão, feito cortasse cipós, plantas daninhas, até a porta, onde pagou rápido, procurando pelo ar. Depois os bares, calçadas cobertas de cores e desejos, carros parados no meio da rua, motos, algumas frases, certos olhares, uns convites, palavras partidas, rapazes de braços cruzados, mãos entre as coxas, encostados na parede, travestis, policiais tolerantes entre o cheiro de porra e maconha — e como uma febre, no interior na folhagem densa, uma febre coletiva enchendo o ar de tremores, ardências, delírios, malárias, dentes rangentes, promessas, convites, rostos distorcidos pelas luzes artificiais, as luzes cruas do mercúrio revelavam marcas fundas, da noite. Pararam perto do carro. A chuva tinha diminuído, pouco mais que uma garoa fria.

— Mas o que deu em você, cara?

— Quero ir embora. Você quer ficar?

Pérsio sacudiu a cabeça.

— Sozinho, não. Não tem graça. — Estendeu-lhe a chave que tirou do bolso. — Pensei que eu é quem ia comandar a nossa noite. Ainda é cedo. Não são nem quatro. Podemos ainda dar um pulo no Triângulo das Bermudas.

— Eu te dou uma carona.

— Não precisa, é perto. Posso ir sozinho. Assim talvez consiga alguma companhia mais bem-humorada.

Santiago sorriu, imitando a voz do outro. Rouca, arrastada, irônica:

— *God!* Você não quer me ver fazendo uma cena *passional* em plena Terra de Marlboro, quer? E a minha reputação pro-fis-si-o-nal, onde fica? — Tocou-o de leve, nos cabelos molhados de suor. — Vamos logo, senão daqui a pouco chega um bando de garotas monstras. Ou, o que é pior, seu amigo Carlinhos e todo o coro do *Édipo*.

— *Antígona* — Pérsio corrigiu. E entrou no carro, tentando rir: — OK, você venceu. Zero a zero, está empatada a *peleja*. Dura peleja, duríssimo embate, caros ouvintes.

Olhou para a frente, enquanto Santiago limpava o vidro. O casarão antigo, recém-pintado. As molduras das janelas cuidadosamente coloridas de azul-marinho bri-

lhante, ressaltadas contra o branco do fundo, as vidraças lavradas com guirlandas de flores miudinhas. Era quando via casas assim, pensou, que sentia vontade de voltar para lá, para a outra Cidade. Quis dizer qualquer coisa sobre isso, vidraças assim, mas já tinha dito, fazia tempo, as casas morrem, e Santiago parecia não ouvir nem ver nada, uma sombra escurecendo o rosto onde Pérsio descobriu, pela primeira vez, a nítida beleza dos traços bem desenhados. Só que, repetiu devagar, para dentro, não se conserta uma pessoa como se conserta uma casa. E de repente lembrou de alguém que não lembraria se ele o lembrasse um dia, porque talvez tivesse se perdido, sem permitir, repetindo, os olhos pretos, não se diz *conserta* quando se trata de uma coisa bonita, a gente diz *re-cons-ti-tui*, aprenda, e ele tinha respondido com palavras meio vazias, superficialmente brilhantes, convidativas, então vamos re-cons-ti-tu-ir a nossa relação? o outro dissera eu sabia que você ia dizer isso, e ele rápido mas claro, foi por isso mesmo que você disse, das dores cinzentas de tudo que tinha se perdido essa era exatamente a que mais doía, porque não tinha sido capaz, e dependia dele? ah, gemeu sem ninguém ouvir, ah amor, ai amores, e contaria todas as faltas de nobreza, sem nenhum esforço viria à tona mais claro, depois do banho, um dia, e ficariam horas a fio sentados no sol quase insuportável de Saquarema, os pés descalços de um tocando os pés descalços do outro, mas já não poderia dizer que tinha sido tanto, e quis lamentar-se, quis beber mais para chorar baixinho repetindo eu não mereço eu não mereço não me deram chance alguma a culpa não foi minha sempre a mesma solidão eu devia estar acostumado eu só queria e era tão simples, muitas vezes. Esta sangrava, ainda, você compreende? Ele estava meio bêbado, não daquela vez, desta. Quando estava meio bêbado assim, emergia,

vinha à tona, mas não estava limpo, todo melado de emoções informuláveis, saudades impossíveis, tinha vontade de pedir que ficassem com ele, que o colocassem no colo, na cama, que lhe dessem chá ou leite quente e repetissem que tudo ia ficar bem, que amanhã haveria sol e não teria ressaca nem precisaria trabalhar e todas as dívidas estariam saldadas e receberia todas as cartas, todos os telefonemas que esperava inutilmente há meses, há anos, uma vida inteira esperando o que não vinha. Teve vontade de pedir a Santiago que ficasse com ele, mas a rua girava junto com o movimento do carro, a rua era dinâmica, aquela pedra suspensa sobre o mar, eu não vou esquecer, como as casas que envelheciam e ruíam, como as pessoas que chegavam e partiam para se perderem umas das outras entre viagens inconciliáveis, linhas paralelas, o infinito não existia, coisas sem importância, o que era um casarão antigo de repente tinha-se tornado uma avenida, um estacionamento, e o que tinha sido uma presença morna se perdia à toa pelas ruas da cidade, pelas estradas que levavam a outras cidades distantes, a outros países, às vezes inatingíveis, pelos telefones que não voltavam a chamar, sem nenhuma explicação, porque era assim que as coisas eram, era assim que o que chamavam de vida, essa tontura que sentia agora, evoluía em direção ao nada sobre uma esteira de perdas que não aceitava, de sonhos que não aconteciam, desejos espatifados, espelhos, pedras, cacos, fios dispersos no tear de um tapete incompreensível que as mãos vazias um dia talvez não se atrevessem mais a tecer. O coração batia não forte que por um segundo teve medo que Santiago ouvisse. Então pensou em ligar o rádio outra vez, bem alto, bem inadequado. Ou começar a falar sem parar, exagerando carências, até convencê-lo a pelo menos tomarem um café na esquina da São João, depois o flipperama, as colunas do cinema,

a banca de jornal, os cartazes gigantescos dos cinemas, depois. Acendeu um cigarro, encostou a cabeça no vidro.

— Queria que fosse de manhã — Santiago repetiu.

— Então viria uma luz cinzenta, uma horrível luz cinza-claro. Cada vez mais clara. Então as pessoas se olhariam disfarçadas, para perceberem que estavam com olheiras fundas, a pele gasta, cansada, velha. Durante alguns momentos ficaria um silêncio pesado, você tentaria dizer alguma coisa, e perceberia que a sua voz está meio rouca porque você já fumou e já bebeu e já falou demais. Na melhor das hipóteses, alguém proporia mais uma carreira? gentilmente, mais uma carreira, caros sobreviventes do naufrágio do sentido? — Tragou fundo, soprou a fumaça em direção ao pára-brisa. — Não diria que foi uma noite especialmente *brilhante*, não?

— As noites não são brilhantes. As manhãs sim. Por isso eu queria.

— Mas as manhãs são *péssimas*. Eu nunca vejo as manhãs. Eu sinto um humor nazista de manhã. — Pérsio fez um risco no vidro. Depois outro, cortando o primeiro, como um grande *X*. — Talvez seja esse o problema. Uma vida sem manhãs. Estranho é que não escolhi. Não consigo precisar o momento em que escolhi. Nem isso, nem qualquer outra coisa, nem nada. Foram me arrastando. Não houve aquele momento em que você pode decidir se vai em frente, se volta atrás, se vira à esquerda ou à direita. Se houve, eu não lembro. Tenho a impressão que a vida, as coisas, foram me levando. Levando em frente, levando embora, levando aos trancos, de qualquer jeito. Sem se importarem se eu não queria mais ir. Agora olho em volta e não tenho certeza se gostaria mesmo de estar aqui. Só sei que dentro de mim tem uma coisa pronta, esperando acontecer.

O problema é que essa coisa talvez dependa de uma outra pessoa para começar a acontecer.

— Toque nela com cuidado — disse Santiago. — Senão ela foge.

— A coisa ou a pessoa?

— As duas.

Santiago tinha estacionado o carro em frente ao edifício. E respirava lento, feito um iogue. Isso era só o que Pérsio podia perceber, olhando para ele, a cabeça apoiada no vidro. Os ombros do outro subiam e desciam, como se tivesse corrido muito. Quando expulsava o ar, saía junto um pequeno jato de fumaça que batia contra o vidro. No meio do silêncio, Pérsio teve a impressão de ouvir o coração de Santiago batendo batendo batendo tão forte quanto o dele, enquanto convidava:

— Você não quer descer um pouco? Você não quer tomar uma *saideira*?

— Já bebi demais.

Um relâmpago clareou o céu para os lados do Martinelli: Pagu, lembrou. Muito além.

— Não beberemos, então. Um chá, então? Quem sabe um café, um baseado? Vou te revelar um segredo: no fundo de uma caixinha secreta tenho ainda uma poeira dum papel *dangerizante*. Esquentando bem, batendo com cuidado, dá umas três carreiras para cada um.

Que subiriam juntos, outra vez pelo elevador, acenderiam luzes, aqueceria a pedra de ágata, ou o pequeno espelho, a gilete, a nota, colocaria um disco, talvez o mesmo, ou Ravel, gostava de Ravel nessas horas, o *Bolero*, tornaria a dançar, a dizer coisas como quando você estende a mão e pensa que vai tocá-lo, pronto: ele já não está mais ali. Falariam de coisas como essas novamente, ou de outras, se houvesse, e haveria, porque

precisava desesperadamente falar e falar sem parar, para que não começasse a doer aquele ponto por dentro, à espera que algo, ou alguém, seria alguém? vindo de fora o tocasse para começar a acontecer, e aconteceria brilhante, iluminando ao redor, para que não latejasse tanto, chaga, ferida aberta, escondida feito úlcera, até que o cinza-claro do dia atravessasse cortinas, e embora fosse domingo, já não haveria tempo para mais nada, porque teria amanhecido e quando amanhece, pensou, as pessoas fazem coisas prosaicas, caseiras, uma ilusão de ordem, feito escovar dentes, cabelos, bater travesseiros, ou no reverso, se alucinam falando e falando a um ponto de exaustão em que, no dia seguinte, como um lapso etílico, as grandes descobertas, as palavras incendiadas, as fantásticas sacações não passariam de manchas foscas, confusas, quase apagadas. Que não, de um outro jeito, que não esse. Quis abraçá-lo de novo, no meio da chuva, à beira do ridículo, na esquina. Mas as mãos de Santiago permaneciam cerradas em torno do volante. Ele respirava, o coração batia forte.

— Não — disse. — Melhor eu ir.

Pérsio abriu a porta.

— Você é que sabe. — Riu, de lado. No canto da boca, o vinco, marca funda, um talho. — Então, o que digo? Me liga, está bem? Ou: nos vemos. Ou: pinta aí. O que você prefere? Quem sabe, como foi moda em Ipanema há uns dois verões, tchau, su-ces-so, hein? Ou.

— Não precisa dizer nada — Santiago estendeu a mão, segurou na mão dele. Acariciou a parte interna do pulso com a ponta do dedo. — Eu penso devagar. Não sei dizer coisas. Estou cansado. Preciso ficar só. A gente se vê. Até.

Pérsio desceu.

— A gente se vê é *perfeito*.

Jogou a ponta do cigarro numa poça d'água, foi andando para o edifício. Não se voltou quando ouviu o carro dar a partida. Atravessou o cheiro de éter da portaria, porteiro adormecido, tapete vermelho. No fundo do corredor, no espelho, a cara cansada que ele desviou, abrindo a porta do elevador. Uma peça, pensou, uma peça teatral inteira passada no interior de um elevador enguiçado entre dois andares. Primeiro aqueles olhares paranóicos entre as pessoas, bem demorados, uns cinco ou dez minutos só de olhares e climas de elevador subindo ou baixando, pouco importa. Depois um clique, luzes apagadas, tudo parado. Nenhum grito. O elevador parou, ele desceu. Mas haveria um problema de espaço, um elevador é pouco maior que uma escrivaninha, uma banheira, imagine um palco apenas com aquele espaço iluminado, caberiam uns quatro, cinco atores. E não poderiam se movimentar. Só palavras soltas, movimentos presos, esboçados, entalados. Sem marcações. Besteira, besteira, besteira, repetiu enfiando a chave na porta, fáceis realismos. Acendeu a luz, a sala grande demais, branca demais. Parado na porta, um impulso breve de voltar, tornar a descer pelo elevador, atravessar outra vez o tapete vermelho, sair para as ruas, não era longe, quatro, cinco quadras, um café na esquina, outra bebida talvez, uma cerveja, rebater todas, qualquer um, o primeiro, ao acaso, uni-duni-tê, como é seu nome, o que você faz, chupa-dá-come? quanto você cobra, sei, numas, só da cintura para baixo, paraplegia às avessas, nada de beijos, lambeções, macho, sei, sei, examinar o volume apertado pelas calças justas, como quem compra carne, talvez apalpar, mas quem garante que é de primeira? depois esconder a carteira, a chave, o creme, a porra, a grana, pausa, banho, banho longo, trocar lençóis, neocid nos pentelhos. Fazia tempo, não tinha vontade. Atento ape-

nas à coisa, ao ponto palpitante, pronto, por dentro, redondo, era redondo?, perguntaram, era perfeito, responderam, tão silencioso e remoto que quase não existia, ali, à espera: um toque, uma palavra mágica, um beijo no sapo, desencantaria. Redondo, aberto, perfeito. Pêssego maduro, os vermes rondavam, apodreceria logo se ninguém. Jogou o casaco sobre o sofá e chamou baixinho, sacudindo o quadro:

— Kay Kendall, onde está você, meu amor? Apareça: o prisioneiro da cela ao lado voltou da condicional. Está péssimo lá fora, meu bem.

Mas não aconteceu nada.

Mas não aconteceu nada, caminhando à toa pela sala enquanto recolocava os livros nas estantes, Pérsio, Santiago, lembrou, depois guardou os discos na capa, um por um, então apago a luz da sala, vou até o banheiro, examino a cara com desgosto e pena, principalmente pena, muita pena, descubro alguma marca nova, mijo, lavo o rosto, vou até a cozinha, uma maçã, talvez coma uma maçã, ponho um pouco de leite a ferver, uma colher de mel, um pouco de canela, isso, como a maçã enquanto o leite ferve, parabéns, muito saudável, jovem, apago a luz, entro no quarto, cubro a xícara de leite quente com o cinzeiro, para não esfriar, tiro a roupa, ligo a televisão, procurando um filme com Audrey Hepburn, que saudade de Audrey Hepburn, sacudo os lençóis, desligo a televisão, Audrey nenhuma, peruas platinadas, dúzias delas, então deito, bebo devagar o leite, pensando em escrever para minha mãe, em mudar de vida, de emprego, de cidade, de país, que vontade, querida mamãe, de ser feliz, de ter um grande amor, bem limpinho, bem clarinho, um amor de manhã bem cedo, não diga nada a ninguém, não é preciso, mas cá-entre-nós-que-ninguém-nos-ouça, não vem dando muito certo, tenho tentado, juro, beijos no pai, que ele não saiba que estou

ficando velho, não conte à tia Flora que perdi as ilusões, que já nem lembro mais, e encho o saco disso e apago a luz e durmo e sonho, isso: sonho um sonho muito vivo, coloridésimo, sonho por exemplo que estou no meio de um gramado, de manhã bem cedo, um ar tão limpo que os pulmões chegam a doer um pouco quando você respira, há flores amarelas no meio do gramado verde, e brilham, eu respiro e respiro mais fundo e sei que bem perto dali existe uma cachoeira, minha flor das montanhas, posso ouvir o ruído das águas caindo, caminho em direção à cachoeira, pelo meio do mato, tiro toda a roupa, não, não, eu estou nu, o sonho todo, desde o começo, eu sempre estive nu, então fico embaixo da cachoeira muito tempo, encostado numa pedra, deixo aquele jato de água fria limpa clara bater bem no alto da cabeça, o lótus de mil pétalas abertas, abrindo, passa uma borboleta azul, bons presságios: eu penso, eu acredito, a água gelada continua batendo na cabeça, escorre pelo corpo todo, e vou entrando, o sonho é meu, numa espécie de êxtase, satori, nirvana, eu acredito, eu sigo acreditando, outra vez eu acredito, embaixo da cachoeira, eu não paro um segundo de acreditar, porque tudo é vivo vibra brilha, meu corpo não se separa da água nem da pedra nem do céu que vejo entre as folhas.

Filho da puta, disse sozinho, eu nem falei de estrelas, Pérsio falaria o tempo todo de estrelas, pulsars, quasars, anãs brancas, buracos negros, apontaria constelações, se fosse possível ver constelações neste céu de merda, mostraria o céu, didático: ali um pouco acima de Scorpius, está vendo? bem ali fica Lupus, e logo acima a grande constelação da Hydra, entre Lupus e a Hydra está Centaurus, de onde eu pensei que tinha vindo um dia, você consegue ver? traçaria com o dedo, acompanharia o desenho, aquela bem grande, aquela

estrela imensa, tem vida lá, na Alfa de Centaurus, se você puxar uma linha quase horizontal, levemente oblíqua, só levemente, para cima, encontrará também Canopus, teria sido lá? e não importa, ouça, não é lindo? Ca-no-pus-ca-no-pus-ca-no-pus-ca-no-pus-ca, a água escorreria pelo corpo inteiro, cabeça, peito, pinto, pés, mas se fosse de manhã bem cedo não poderia apontar estrelas, acendeu outro cigarro, caminhou para a janela como se fosse olhar para fora, mas não queria olhar para fora, queria talvez olhar para dentro, dentro-e-fora, misturados, o céu sujo da cidade pregado na alma, se havia alma, mas se era um sonho, repetiu, num sonho pode. Num sonho pode tudo: a água escorria da cachoeira no dia claro enquanto as constelações brilhavam sobre a cabeça entregue.

Filho da puta, filho da puta, filho da puta.

Sentado no chão, as mãos nos pés. E todo aquele papo, todos aqueles toques, todos aqueles traumas, todos aqueles climas, todas aquelas cenas, tudo aquilo na noite feito um movimento vindo de fora para despertar o vivo de dentro, o vivo quieto, à espera apenas daquele justo toque exato — mas de quem foi o erro, o que é um erro? Teve vontade de rolar pelo tapete, cena dramática, altamente realista, em gemidos dilacerados, síndrome de abstinência, sabor mexicano, delirium tremens, fassbinderiano, bater nas paredes, chorando em soluços arquejantes, em gemidos desmesurados, depois correr ao banheiro para vomitar vomitar vomitar sem vírgulas nem pausas: vomitar. Mas não sentia náusea alguma, nem ânsias melodramáticas, filmáveis, aplaudíveis, premiáveis, patrocináveis. Só uma coisa seca na garganta. Poeira: *dusty answer*. Lera em algum lugar que as glândulas lacrimais começam a secar com o passar do tempo, seria isso? cada vez você chora menos, já não conseguia, lágrimas, venenos expulsos pelo

organismo, quem chora menos vive menos, não chorarei, então, que estava farto, que tinha acostumado ao prego, que tinha petrificado, estátua de sal, de plástico, descalçou os tênis, dançarás descalço, para sempre pela Terra de Marlboro, pela Terra do Nunca, até que te amputem esses pezinhos e, de muletas, te tiveres tornado outra vez Puro & Piedoso, Iluminado Por Uma Divina Chama Interior, que eram anos, nem horas, nem dias, nem meses, mas anos, não apenas um, dezenas, anos e anos de solidão, eu quero a alegria, rosnou, quero porque quero o princípio do prazer, não tornaria a ouvir o sax desesperado, o soco, porque não suportaria, sim, suportaria, suportarás, as pessoas suportam tudo, as pessoas às vezes procuram exatamente o que será capaz de doer ainda mais fundo, o verso justo, a música perfeita, o filme exato, punhaladas revirando um talho quase fechado, cada palavra, cada acorde, cada cena, até a dor esgotar-se, autofágica, consumida em si mesma, transformada em outra coisa que não saberia dizer qual era, porque não chegara lá ou sim, que chegar lá não passava disso, aqui, passando a mão no rosto, nos cabelos, alguns brancos, poucos, *hijo, como estás viejo,* cuspiu o verso de Vallejo, o que morrera em Paris, com aguaceiro, onde João lavava pratos, a carta da mãe, mas a mãe estava morta, autopiedade nojenta, quase não havia mais tempo, embora pudesse ainda repetir *there will be time, there will be time* ou *acaso não fui cúmplice dos meus? desses vindos da noite* ou *stars open among the lilies,* tanta literatura, andando pelo apartamento vazio, a vida, fosse o que fosse, era agora, a vida era já, a vida era aqui, e o aqui e o já e o agora não passavam de uma vontade de chorar sem lágrimas, de vomitar sem náusea, de trepar sem sexo, tantos versos, tantos planos ficados para trás, só os dias rodando sem parar, o de ontem gerando o de amanhã, trazendo sem-

pre o mesmo gosto de café e cigarros, tocou o peito, que talvez já tivesse começado a apodrecer, a coisa secreta, o ponto escondido, sem ninguém tocá-la, mais um tempo e sentiria o fedor, os outros sentiriam o fedor, de longe, quando o encontrassem sozinho pelas esquinas da noite, procurando a pedra de toque, o aleph, sephirot, em algum encontro que, se chegasse, chegaria tarde demais, porque o verde novo começara a ceder à decomposição.

Não existe volta para quem escolheu o esquerdo.

Tirou a roupa, aos poucos. Completamente nu, começou a girar de braços abertos no meio da sala. Remoto, então, como se viesse do apartamento ao lado, ou de baixo, de cima — talvez o de Lavínia, a lasciva, lembrou, querendo rir, mas não conseguiu —, o som da campainha cortou o movimento. Uma voz que chega de longe. Navalha, alfanje, cimitarra. A cabeça ainda girava, no meio da tontura, quando entreabriu a porta para ver Santiago parado no corredor, mãos nos bolsos.

— Resolveu aceitar aquele chá, Santiago?

— Eu não me chamo Santiago — ele disse.

Não afastou o corpo para que o outro entrasse. Mas ele entrou. Fechou a porta às suas costas. Estendeu as duas mãos. Tocou-o nos ombros. De frente.

— Eu também não me chamo Pérsio. Portanto não nos conhecemos. O que é que você quer?

Ele sorriu. Estendeu as mãos, tocou-o também. Vontade de pedir silêncio, porque não seria necessária mais nenhuma palavra, mesmo um segundo antes ou depois de dizerem, ao mesmo tempo:

— Quero ficar com você.

Provaram um do outro, no colo da manhã.

E viram que isso era bom.

São Paulo (Jardim América), 1980
Rio de Janeiro (Santa Teresa), 1983

Remissivo, índice:

Abreu, Zaél
Adorno, Vicente
Amaral, Maria Adelaide
Andersen, Hans Christian
Arantes, Guilherme
Arroyo, Stephen
Barbosa, Sonia Maria
Barroso, Julio
Bender, Ivo
Bender, Maria Emilia
Bernardes, Orlando
Bertoni, Mario
Blanc, Aldyr
Borges, Jorge Luiz
Bowie, David
Brecht Bertolt
Buñuel, Luiz
Carlos, Roberto
Cícero, Antonio
Cortázar, Julio
Curi, Celso
Dellaney, Shellag
Dusek, Eduardo
Eliot, T. S.
Fassbinder, Rainer Werner
Fernandes, Carlos Alberto
Figueiredo, Mônica
Fiorillo, Marilia Pacheco
Fitzgerald, F. Scott
Fonseca, Rubem
Fusco, Tânia
Gabeira, Fernando
Gandara, Nello Pedra
Galvão, Patricia
Gil, Gilberto
Góes, Luiz Carlos
Grosca, Ursula
Gullar, Ferreira
Hatoum, Milton
Hayat, Michel
Hayat, Rosa Avelina
Hemingway, Ernest
Herzog, Werner
Hilst, Hilda
Jardim, Rachel
Jorge, Maria Clara
Joyce, James
Lehman, Rosamond
Lispector, Clarice
Llosa, Mario Vargas
Lopes, Ruy Fontana
Lorca, Federico Garcia
Luft, Lya
Maciel, Antonio Carlos
Madureira, Pedro Paulo Sena
Magliani, Maria Lidia
Marquez, Gabriel Garcia
Medeiros, Maria da Graça

Melodia, Luiz
Moraes, Reinaldo
Moraes, Vinicius de
Neto, Simões Lopes
Neto, Torquato
Neves, Ezequiel
Nin, Anais
Nisemblat, Cecilia
Nogueira, Nilcéia
Noll, João Gilberto
Nunes, Ana Flora Loureiro
Pakula, Alan J.
Penido, José Márcio
Plath, Sylvia
Roessner, Judith
Rodrigues, Nelsom
Salinger, J. D.
Stein, Gertrude
Styrom, William
Teixeira, Renato
Telles, Lygia Fagundes
Vallejo, Cesar
Veloso, Caetano
Viola, J. C.
Woolf, Virginia